

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física

Diógenes Narciso de Freitas Costa

EDUCAÇÃO FÍSICA EM DIÁLOGO COM QUILOMBOLAS DE DIVINO (MG):
expandindo fronteiras do conhecimento na escola

Belo Horizonte (MG)

2023



Diógenes Narciso de Freitas Costa

**EDUCAÇÃO FÍSICA EM DIÁLOGO COM QUILOMBOLAS DE DIVINO (MG):
expandindo fronteiras do conhecimento na escola**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração:
Educação Física Escolar.

Linha de pesquisa:
Educação Física no Anos Finais do Ensino Fundamental.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago

Belo Horizonte (MG)

2023



C837e Costa, Diógenes Narciso de Freitas
2023 Educação física em diálogo com quilombolas de Divino (MG): expandindo fronteiras do conhecimento na escola. [manuscrito] / Diógenes Narciso de Freitas Costa – 2023.
134 f.: il.

Orientador: Tarcísio Mauro Vago

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 120-124

1. Educação física – Estudo e ensino – Teses. 2. Escolas – Teses. 3. Quilombos – Teses. I. Vago, Tarcísio Mauro. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 371.3

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: n° 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA/MP

UFMG

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO DIÓGENES NARCISO DE FREITAS COSTA

Realizou-se, no dia 31 de maio de 2023, às 14:00 horas, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *EDUCAÇÃO FÍSICA EM DIÁLOGO COM QUILOMBOLAS DE DIVINO (MG): Expandindo fronteiras do conhecimento na escola.*, apresentada por DIÓGENES NARCISO DE FREITAS COSTA, número de registro 2021654731, graduado no curso de EDUCAÇÃO FÍSICA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO FÍSICA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). TARCÍSIO MAURO VAGO - Orientador (EEFFTO), Prof(a). Meily Assbu Linhales (UFMG), Prof(a). Kalyla Maroun (UFRJ).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 31 de maio de 2023.

Prof(a). TARCÍSIO MAURO VAGO (Doutor)

Prof(a). Meily Assbu Linhales (Doutor)

Prof(a). Kalyla Maroun (Doutora)

Documento assinado digitalmente
KALYLA MAROUN
Data: 05/06/2023 11:05:28 -0300
Verifique em <https://validar.dig.br>

Dedico este trabalho aos sujeitos(as) da Educação Física da escola pública, professores (as) e estudantes, que diariamente compartilham culturas, experiências, sentimentos e conhecimento. Aos povos tradicionais, pela sua resistência, lutas, histórias, saberes e culturas que constituíram e constituem nosso país. A todos(as) que diariamente fazem o inédito-viável para a educação e para a sociedade, pensando na formação humanitária, justa e cidadã.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Jane, pelo companheirismo diário, pelo amor e por estar sempre ao meu lado, incentivando-me e sempre deixando a minha vida mais leve, alegre e tranquila.

Às minhas filhas gêmeas, Alice e Helena, por me fazer pai, por me tornar um ser humano melhor, por me ensinar a verdadeira face do amor, por me trazer uma felicidade imensa e por me dar forças para continuar diariamente.

Aos meus pais, Inês e Lúcio, pelos ensinamentos de vida e por sempre estarem ao meu lado; e ao meu irmão Diogo, pelo incentivo contínuo.

Ao meu orientador, que se tornou um amigo muito querido, Tarcísio Mauro Vago, pelas discussões e reflexões sobre a vida, a Educação Física, a escola e a sociedade. Obrigado pelos ensinamentos, pelas conversas, conselhos, risadas, choros, enfim, por fazer parte da minha travessia e ajudar a me tornar um professor e um ser humano mais “belimbeleza”.

Às Professoras Kalyla Maroun (UFRJ) e Meily Assbu Linhales (UFMG), pelas sugestões apresentadas no exame de qualificação, que contribuíram para o desenvolvimento do trabalho, e por suas participações na banca examinadora, oferecendo suas análises críticas e indicações.

Aos Professores e às Professoras do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Educação Física Escolar em Rede Nacional (PPGEFE/PROEF), especialmente da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pelo compartilhamento de seus conhecimentos, fundamental neste momento de formação acadêmica.

A todos/as colegas da turma 2 do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, campus da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pelas trocas de conhecimentos e pelas experiências compartilhadas nessa jornada.

Ao meu amigo, compadre, colega de trabalho e de turma deste Mestrado, Marcelo Mendel, pela amizade, trocas de experiências, incentivo e parceria.

A todos/as estudantes da Turma de 9º ano Reg. 4, ano 2022, da Escola Estadual Dr. Pedro Paulo Neto, em Divino (MG); vocês são especiais e foram fundamentais na construção deste trabalho.

A todos/as moradores da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima, em Divino/MG, pela receptividade, por compartilhar suas memórias e por deixar que nós pudessemos conhecer e acolher suas histórias, seus saberes e suas práticas.

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica, pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

“Trabalhadoras e trabalhadores do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós.

Mulheres do Brasil, vocês existem e são valiosas para nós.

Homens e mulheres pretos e pretas do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós.

Povos indígenas deste país, vocês existem e são valiosos para nós.

Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis, intersexo e não binárias, vocês existem e são valiosas para nós.

Pessoas em situação de rua, vocês existem e são valiosas para nós.

Pessoas com deficiência, pessoas idosas, anistiados e filhos de anistiados, vítimas de violência, vítimas da fome e da falta de moradia, pessoas que sofrem com a falta de acesso à saúde, companheiras empregadas domésticas, todos e todas que sofrem com a falta de transporte, todos e todas que têm seus direitos violados, vocês existem e são valiosos para nós.

Com esse compromisso, quero ser Ministro de um país que ponha a vida e a dignidade humana em primeiro lugar.”

(Silvio de Almeida

ministro dos Direitos Humanos, em 03/01/2023)

COSTA, Diógenes Narciso de Freitas. **EDUCAÇÃO FÍSICA EM DIÁLOGO COM QUILOMBOLAS DE DIVINO (MG)**: Expandindo fronteiras do conhecimento na escola. Orientador: Tarcísio Mauro Vago. 2023. 134 páginas. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

RESUMO

Este trabalho resulta de uma experiência de ensino-aprendizagem coletiva envolvendo um professor de Educação Física e seus/as estudantes da turma do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Doutor Pedro Paulo Neto, em Divino, MG, no ano de 2022. A indagação que a motivou foi a reflexão sobre presença e ausência de saberes de povos tradicionais na escola e na Educação Física. A partir dela, estabeleceu-se o objetivo de pesquisar, (re)conhecer, acolher e vivenciar práticas corporais de uma comunidade de remanescentes de Quilombolas que pertence à cidade, no distrito de São Pedro de Cima, tomando-as como fonte para o programa de ensino de Educação Física, visando expandir fronteiras de seu conhecimento. Uma Unidade Didática foi então elaborada em conjunto, prevendo 20 aulas para a sua realização, equivalente a um bimestre letivo da rede pública de ensino do Estado de Minas Gerais, que incluíram atividades como pesquisa em bibliotecas da Escola e do Município e em arquivos públicos, documentários, rodas de conversa com outros professores/as, visita à Comunidade Quilombola e conversa com seus habitantes e com gestores de sua Escola, dentre outros. Empregou-se movimentos de uma ‘pesquisa-ação’ para orientar o planejamento da Unidade Didática, com as experiências vividas na preparação coletiva e na realização das aulas, e uma reorientação que se fez necessária durante o percurso, após reflexões geradas a cada aula. É assim um produto do envolvimento e da reflexão de sujeitos de uma escola pública em dedicação a um exercício pedagógico compartilhado. Sua realização trouxe reflexões e sentimentos para o professor e para seus estudantes, com desdobramentos para a comunidade de quilombolas e para a Escola, indicando que é possível e necessário construir o diálogo com as diversas culturas de povos tradicionais presentes na história do Brasil, de modo a expandir e enriquecer o conhecimento da Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física. Escola. Quilombolas. Unidade Didática. Conhecimento.

COSTA, Diógenes Narciso de Freitas. **EDUCAÇÃO FÍSICA EM DIÁLOGO COM QUILOMBOLAS DE DIVINO (MG)**: Expandindo fronteiras do conhecimento na escola. Orientador: Tarcísio Mauro Vago. 2023. 134 páginas. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

ABSTRACT

This work results from a collective teaching-learning experience involving a Physical Education teacher and his students 9th grade at Doutor Pedro Paulo Neto State School, in Divino, MG, in 2022. The question that motivated it was the reflection about the presence and absence of traditional people's knowledge at school and in Physical Education. Based on it, the goal was established to research, (re)recognize, welcome and experience bodily practices of Quilombola remnant Community that belongs to the city, in the district of São Pedro de Cima, taking them as a source for the Physical Education teaching program, aiming to expand frontiers of their knowledge. A Didactic Unit was then elaborated together providing twenty classes for its realization, equivalent to a two-month period of the public school system of the State of Minas Gerais, which included activities such as research in the School and Municipality libraries and in public archives, documentaries, conversation circles with other teachers, visits to the Quilombola Community and conversation with its inhabitants and with managers of their School, among others. Movements of an 'action-research' were used to guide the planning of the Didactic Unit, with the experiences lived in the collective preparation and execution of the classes, and a permanent reorientation during the course, after reflections generated in each class. It is thus a product of the involvement of reflection of subjects from a public school in dedication to a shared pedagogical exercise. Its realization brought reflections and feelings to the teacher and his students, with developments for the Quilombolas Community and the School, indicating that it is possible and necessary to establish dialogue with the several cultures of traditional peoples present in the history of Brazil, in order to expand and enrich the knowledge of Physical Education.

Keywords: Physical Education. School. Quilombolas. Didactic Unit. Knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Placa com informações da certificação de autorreconhecimento na Comunidade	21
Figura 2 – Tempestade de ideias	44
Figura 3 – Estudantes realizando pesquisa na biblioteca da escola	46
Figura 4 – Livros encontrados por estudantes na biblioteca da escola	47
Figura 5 – Explicação dos professores de História	48
Figura 6 – Estudantes em grupos discutindo a definição de Quilombo	49
Figura 7 – Estudantes e professor dialogando, discutindo e refletindo	50
Figura 8 – Conceito de quilombo construído coletivamente	51
Figura 9 – Aula expositiva sobre a cultura e tradição dos Quilombolas	54
Figura 10 – Formação dos grupos e locais sorteados para visita e pesquisa	56
Figura 11 – Grupos de estudantes em visita à Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer	58
Figura 12 – Sequência de mensagens entre estudante e dono de um jornal local	59
Figura 13 – Estudantes em visita a Prefeitura Municipal de Divino	60
Figura 14 – Registro de visita ao Museu e a Escola Municipal	61
Figura 15 – Papéis contendo perguntas trazidas por estudantes	65
Figura 16 – Estudantes reunidos tomando café da manhã antes da visita à Comunidade	70
Figura 17 – Estudantes dentro do ônibus no trajeto até a Comunidade	71
Figura 18 – Fotos registradas durante a visita dos alunos	72
Figura 19 – Estudantes e professor reunidos em frente à escola na Comunidade	73
Figura 20 – Estudantes e professor reunidos ao lado da placa de reconhecimento da Comunidade Quilombola	74
Figura 21 – Roda de conversa com a professora de História	82
Figura 22 – Roda de conversa com o professor Vinícius	86
Figura 23 – Inventário de práticas culturais Quilombolas	89
Figura 24 – Tempestade de ideias sobre a capoeira	92
Figura 25 – Aula de capoeira com o professor Camaleão	93
Figura 26 – Exibição do documentário “O Jongo no Sudeste”	97
Figura 27 – Reflexões sobre o documentário	99
Figura 28 – Apresentação do portfólio com memórias da Unidade Didática	100
Figura 29 – Finalização da Unidade Didática	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PROEF	Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CBC	Currículo Básico Comum
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CONBRACE	Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte
CONICE	Congresso Internacional de Ciências do Esporte
CBCE	Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ETI	Educação em Tempo Integral
COMPAC	Conselho Municipal do Patrimônio Cultural
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
EEFFTO	Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE DE SÃO PEDRO DE CIMA, DIVINO (MG)	20
3. REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA: POSSIBILIDADES.	24
4. EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA E QUILOMBOLAS: UMA APROXIMAÇÃO POSSÍVEL	26
5. PROPONDO UMA UNIDADE DIDÁTICA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA EM DIÁLOGO COM QUILOMBOLAS DE DIVINO, MG.....	31
<i>4.1 AÇÃO DE ENSINO: PRIMEIROS MOVIMENTOS PARA UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....</i>	<i>31</i>
<i>5.2 PENSANDO A UNIDADE DIDÁTICA: APROXIMAÇÃO E (RE)CONHECIMENTO DOS QUILOMBOLAS DE DIVINO (MG).....</i>	<i>33</i>
6. ELABORANDO UMA UNIDADE DIDÁTICA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA	40
<i>6.1 A UNIDADE DIDÁTICA EM DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: REGISTROS DA PRIMEIRA METADE DO CAMINHO</i>	<i>42</i>
<i>6.2 ‘FRUSTRAÇÃO INICIAL’, PROBLEMATIZAÇÃO, REFLEXÃO E BUSCA DE NOVOS RUMOS PARA A UNIDADE DIDÁTICA.....</i>	<i>75</i>
<i>6.3 REORIENTANDO A UNIDADE DIDÁTICA: NOVAS ESCOLHAS, UM MESMO INTERESSE</i>	<i>76</i>
7. REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA VIVIDA	104
<i>7.1 REFLEXÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE</i>	<i>104</i>
<i>7.2 REFLEXÕES COM BASE NA EXPERIÊNCIA DISCENTE</i>	<i>108</i>
<i>7.3 REFLEXÕES PROPOSTAS PARA O AMBIENTE ESCOLAR.....</i>	<i>111</i>
<i>7.4 EXPANDINDO CONHECIMENTOS</i>	<i>113</i>
<i>7.5 COM OS PÉS NO CHÃO: LIMITES VIVIDOS, DIFICULDADES ENCONTRADAS E AUSÊNCIA DE FONTES.</i>	<i>115</i>
8. PARA SEGUIR ADIANTE: POSSIBILIDADES ABERTAS	118
REFERÊNCIAS.....	120
ANEXO 1 – Carta de Anuência Institucional	125
ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pais e/ou responsáveis)	126
ANEXO 3 – Termo de Cessão de Uso de Imagem (pais e/ou responsáveis).....	128

ANEXO 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (membros da Comunidade de remanescentes de Quilombolas)	129
ANEXO 5 – Termo de cessão de uso de imagem (membros da Comunidade de remanescentes de Quilombolas)	131
ANEXO 6 – Termo de assentimento livre e esclarecido (Tale) (estudantes).....	132
ANEXO 7 – Termo de cessão de uso de imagem (estudantes).....	134
ANEXO 8 – Foto da certidão de auto-reconhecimento da Comunidade de remanescente de Quilombolas de São Pedro de Cima.....	135

1. INTRODUÇÃO

Educação Física da Escola: enfrentando invisibilidades para expandir fronteiras

Início este trabalho com o registro do meu lugar de fala. Sou homem, branco, sou filho de uma professora branca e de um comerciante pardo. Professor de Educação Física há 11 anos, atuo na rede pública estadual de Minas Gerais. Fui criado numa cidade do interior, em meio a uma sociedade machista e racista que sempre exaltou a masculinidade e a branquitude. Por esses preceitos, é necessário que eu reconheça que tenho privilégios pelo simples fato de nascer homem e branco. Esse reconhecimento me fez querer buscar algo diferente daquilo a que fui acostumado.

Destaco a coincidência de a data do meu nascimento ser o dia 13 de maio, data em que, tradicionalmente, é lembrada e comemorada a “Abolição da Escravatura”, a “Libertação dos Escravos”, com a assinatura da Lei Áurea pela Princesa Izabel, em 1888. Aprendi – ou melhor, aprendemos – assim na Escola e na sociedade, foi nisso que me fizeram acreditar. Após várias reflexões e aproximação de leituras, pude questionar esse sentido atribuído à data em questão e, então, entendi que isso é uma maneira de mostrar uma visão de passividade das pessoas negras diante da “ação libertadora”, contribuindo para o pensamento racista imposto pela sociedade branca colonizadora. Assim, visando ressignificar a data, o dia 13 de maio passa a ser interpretado pelo Movimento Negro como o “Dia Nacional de Luta contra o Racismo” (GOMES, 2017).

Participar do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) possibilitou-me fazer uma reflexão acerca de minha experiência como professor, considerando minha formação profissional e minha prática docente com a Educação Física na escola. As discussões nas disciplinas cursadas e nas orientações realizadas fortaleceram o meu desejo de tentar novas possibilidades de ensino ao organizar o programa de Educação Física na escola pública em que leciono, inovações que, até então, não havia realizado.

Um incômodo pedagógico surgiu desse movimento e foi tomando forma de pergunta: o que está presente e visível no ensino de Educação Física da escola? O que ainda estaria invisível e ausente quando consideramos as diferentes Comunidades que vivem no Brasil e suas culturas? Essas perguntas geraram a Unidade Didática que proponho como fundamento desta dissertação de mestrado profissional.

Reconhecer, acolher e tornar visíveis na Educação Física conhecimentos e práticas corporais de comunidades tradicionais é um desafio que passou a me instigar no tempo presente. Indago-me, com frequência, a respeito da possibilidade de organizar o ensino de Educação

Física com base nas experiências culturais ainda pouco exploradas na área – e aqui me incluo: como professor, eu mesmo nunca realizei tal movimento. Foi o que pretendi com a experiência pedagógica desenvolvida como base para a apresentação deste trabalho.

Não desejei fazer isso sozinho. Por isso, envolvi os(as) estudantes da escola pública em que leciono na elaboração de uma Unidade Didática inédita, em que procuramos estabelecer por vários modos um diálogo com uma cultura presente em nossa cidade, os remanescentes de Quilombolas da Comunidade de São Pedro de Cima, em Divino (MG).

Para expressar minha inquietação sobre o tema, trago a seguinte questão: a Educação Física da escola tem considerado em seu programa de ensino as diferentes manifestações culturais dos povos que constituem o Brasil? Eu próprio, como professor de Educação Física, tenho considerado essas manifestações culturais?

Nos dias atuais, parece-me necessário afirmar a importância da ciência e a responsabilidade social da escola e da Educação Física como lugares de formação de cidadãos críticos para viver em uma sociedade mais justa e igualitária. No tempo presente, colocar-se no lugar do outro é um desafio, acolhendo cada vida, entendendo que todas elas importam. Sinto que é preciso deixar-se contagiar por algo novo, por culturas diferentes, tentar um movimento de alteridade, como propõe Oliveira (2021), exercitando a escuta e o diálogo, reconhecendo o outro como pessoa, como sujeito de direitos e de experiência, com capacidade de optar e de posicionar-se criticamente em relação ao mundo, reconhecido em suas experiências históricas, culturais e políticas.

Silva (2012) mostra a importância de trazer a discussão do currículo a fim de superar as desigualdades historicamente provocadas na sociedade.

Discutir o currículo, tentando identificar os conflitos que ocorrem nos espaços escolares e as tensões corriqueiras em decorrência das diferenças, inclusive do pertencimento étnico, religioso, das questões de gênero, do poder econômico ou de outras diferenças da natureza humana e que, historicamente formam transformados em desigualdades para justificar os abismos existentes entre pessoas. Esses conflitos têm provocado, desigualdades, principalmente entre negros e não negros, entre homens e mulheres, e repercutido em todos os espaços da sociedade, de maneira especial, nos espaços escolares. Assim, têm relevância particular e devem ser tratadas em todas as fases da aprendizagem de uma pessoa (SILVA, 2012, p. 68).

O currículo está relacionado a questões de identidade e de poder, não é algo fixo, estático ou imutável, e deve respeitar a diversidade social, cultural e local em sua constituição. Assim, o currículo escolar é também uma questão de classes. De acordo com Gonçalves (2012), o que constitui o currículo é resultado de um processo que reflete os interesses particulares das classes e dos grupos dominantes.

Nesse sentido, a Educação Física escolar, ao longo da história, tem acolhido em seus programas práticas corporais de origem europeia, como a ginástica e o esporte. No entanto, ainda é incipiente a presença de práticas culturais das Comunidades tradicionais do Brasil e das Comunidades de matriz africana.

As teorias pós-críticas do currículo aprofundaram a discussão em relação a questões muito pertinentes, como as desigualdades sociais, o feminismo, a diferença de gêneros e entre grupos étnico-raciais. Segundo Freire e Vieira (2019), as teorias pós-críticas defendem o reconhecimento da pluralidade cultural e da diversidade humana, elaborando uma concepção de currículo que dialoga com as categorias de identidade, alteridade e diferença.

Entende-se, portanto, que é preciso discutir o currículo da escola e, principalmente, o programa de aulas da Educação Física, para que eles não sejam mecanismos de massificação e de transmissão de preconceitos, discriminação, dominação e apagamento de saberes, culturas e costumes de comunidades tradicionais e dos grupos minorizados. Por isso, Freire e Vieira (2019) discutem a importância da problematização sobre a práxis pedagógica, visto que isso revela o apagamento dos sujeitos historicamente marginalizados no processo educacional, tais como as pessoas com deficiências, negros, indígenas, Quilombolas, LGBTQIA+, entre outros.

Quando realizei meu curso de especialização, na área de “Educação: Ensino e Currículo”, no Instituto Federal do Espírito Santo, em 2018, tive contato com documentos norteadores dos currículos da Educação Básica existentes em nosso país e no estado de Minas Gerais (LDB (1996); PCN (1998); DCN (2013); BNCC (2017) e o CBC de Minas Gerais (2014)). Retomando a leitura desses documentos norteadores, é interessante questionar as indicações contidas a respeito da composição de programas de ensino em relação à Educação Física e perceber as práticas corporais que incluem, mas também as que excluem. Isso aguçou meu interesse em aprofundar e estudar a organização de uma Unidade Didática que enfrentasse o que podemos chamar de invisibilidade de culturas, trazendo para a sua composição práticas que não previstas ou indicadas naqueles documentos.

Durante a primeira disciplina do PROEF, Problemáticas da Educação Física, tivemos contato com os temas geradores e como esses se relacionam com a construção de um planejamento de trabalho pedagógico a fim de gerar um ensino significativo para os estudantes, em consonância com a realidade deles.

Foi pensando em um planejamento participativo, no qual os estudantes estivessem envolvidos, que delinee este trabalho, cujo propósito foi buscar práticas oriundas dos quilombolas, tomando como referência a Comunidade de São Pedro de Cima da cidade de Divino, em Minas Gerais.

Em minha prática pedagógica, vivo uma realidade na qual a Educação Física ainda é vista como um componente curricular menos importante que os outros, algo que, guardadas as proporções comparativas, é similar ao experimentado por comunidades indígenas, latinas, ribeirinhas e quilombolas, isto é, uma depreciação à sua presença na cultura.

Por sua vez, a Educação Física, como indicam os documentos norteadores citados, ainda pouco reconhece as experiências dessas comunidades para compor seus programas de ensino. O predominante é a presença (a visibilidade) de práticas originárias de povos europeus, os colonizadores.

Práticas esportivas de origem europeia, como os esportes, as ginásticas, as lutas e as danças, estão sempre presentes e são trabalhadas em aulas de Educação Física nas escolas. Entretanto, como mencionado, ainda não há, comumente, o mesmo tratamento oferecido às práticas originárias das culturas de Comunidades tradicionais. Neira (2011) aponta que um programa de aulas da Educação Física da escola sensível à formação de sujeitos democráticos deverá acolher e atribuir relevância semelhante às manifestações corporais pertencentes aos distintos grupos que coabitam a sociedade.

Para Santos e Meneses (2010), é necessário recorrer a uma racionalidade mais ampla, que revele a disponibilidade de muita experiência social inexistente, denominada sociologia das ausências, e a possibilidade de muita experiência social emergente, declarada impossível, denominada sociologia das emergências, de modo que nos ajude a produzir as epistemologias do Sul.

As epistemologias do Sul são um conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão das muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados. Essa supressão é resultado de um processo histórico de dominação epistemológica imposto pelo colonialismo. As epistemologias do Sul valorizam os saberes que resistiram com êxito a essa dominação e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimento e práticas, chamado de ecologia de saberes (SANTOS, 2010 *apud* GOMES, 2017, p. 54).

É tempo de superar esse limite para reconhecer, acolher e tornar presente esse patrimônio cultural brasileiro que a Educação Física também pode ter como tema de seu ensino, rompendo com a continuidade do que está imposto e expandindo as fronteiras do conhecimento na escola, para corresponder às demandas da contemporaneidade e adotar a inclusão, a justiça, o diálogo, o reconhecimento, a diferença e a equidade como princípios pedagógicos da Educação Física (NEIRA, 2011).

Assim, propus-me o desafio de elaborar uma Unidade Didática de Educação Física que busque conhecer e dialogar com uma cultura – ainda que escondida – que compõe a história da cidade onde nasci e resido, a fim de reconhecer, acolher e trazer para o programa de ensino sob

minha responsabilidade as práticas culturais de remanescentes de Quilombolas residentes na Comunidade de São Pedro de Cima, em Divino (MG), para tentar inserir nas aulas saberes, histórias e práticas.

A tentativa é de, acima de tudo, me superar, ultrapassar meu próprio limite, minha própria experiência, começando um movimento inédito para mim, e, por isso, também para os estudantes que estão diante de mim, nas salas de aula. Para isso, baseei-me nas experiências relatadas em obras que circulam na Educação Física brasileira: Maroun (2019), Venâncio e Nóbrega (2020), Nóbrega (2021) e outros que já fizeram esse mesmo movimento, e, portanto, me guiaram na realização deste trabalho. Essa é uma possibilidade que me motiva e que vivenciei ao lado de meus/minhas estudantes.

A partir da experiência realizada na Escola Estadual Doutor Pedro Paulo Neto, em Divino (MG), foi elaborado e encontra-se anexo a esta dissertação o produto educacional com o título “Unidade Didática: Quilombolas na Educação Física - expandindo as fronteiras do ensino na Escola”.

É uma sugestão e um convite a professores/as a tentarem também este movimento de ir além do já conhecido, ousando outras histórias, outras oportunidades para o ensino de Educação Física nas escolas, dialogando com culturas dos diversos povos que fizeram e fazem o Brasil

2. QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE DE SÃO PEDRO DE CIMA, DIVINO (MG)

O quilombo São Pedro de Cima está localizado na zona rural da cidade de Divino, uma pequena cidade da Zona da Mata mineira, com população estimada em 20.012 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2015. O município pertence à microrregião de Muriaé e está situado entre o Parque Nacional do Caparaó e o Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, tendo como municípios vizinhos Orizânia, Espera Feliz, Carangola, Fervedouro, entre outros.

No hino oficial de Divino há referência aos povos indígenas puris e goitacás, que habitaram e constituíram raízes nessa região, deixando um registro de suas existências e ancestralidades.

A economia da cidade é basicamente agrária, sendo o café o principal produto da agricultura. Entretanto, a cidade ainda conta com atividades como a pecuária, a agricultura familiar de subsistência, o plantio da cana-de-açúcar para a produção artesanal de cachaças e o comércio varejista diversificado. Ainda assim, o café é a principal fonte de renda de diversas famílias no município.

É possível que tenha sido justamente a produção de café o principal fator da vinda de pessoas negras, em situação de escravidão, para a cidade de Divino, para que trabalhassem nas lavouras, cultivando e colhendo para os donos das terras. Daí, com suas lutas de resistência ancestrais, essas pessoas constituíram a Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima.

A Comunidade, que, inicialmente, recebeu o nome de São Pedro dos Crioulos, foi fundada com a chegada da família dos Malaquias, por meio do senhor Pedro Malaquias, e depois a família dos Pereiras, com a chegada do senhor José Pereira. Essas famílias negras, oriundas das fazendas da própria região, mantêm relações próximas de parentesco até hoje. Elas formaram o núcleo familiar, a constituição territorial, a história e a cultura do local. Essa relação, segundo Dantas (2011), foi um grande fator de territorialização e uma interessante estratégia coletiva de sobrevivência e (re)produção para os primeiros grupos a se fixarem no local, por meio do trabalho compartilhado, das relações recíprocas e das solidariedades.

Em consonância com o Decreto de Lei n. 4887/2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das Comunidades dos quilombos, tratando-os como grupos étnicos por autoatribuição, a Comunidade de São Pedro de Cima foi reconhecida como terra de Remanescentes das Comunidades Quilombolas em 11 de junho de 2006, quando recebeu da

Fundação Cultural de Palmares a Certidão de Autorreconhecimento, registrada no Livro de Cadastro Geral n. 006, Registro n. 656, fl. 166 (ver anexo 8).

O Decreto 4887 decorre, sem dúvida, de novas reflexividades e proposições advindas de setores menos conservadores da sociedade. Do ponto de vista dos direitos humanos ele é inovador porque repõe a estes grupos marginalizados um direito que é antes de tudo, um direito à voz. Além de estabelecer a possibilidade de um contato entre o mundo oral e o da escrita, é inequívoco quando atribui aos próprios grupos a sua auto-atribuição, pois parte do pressuposto de que não cabe ao poder público, nem a nenhum pesquisador, imputar identidades sociais (LEITE, 2010, p. 24).

Autores buscaram entender tal movimento, analisando documentos e dialogando com pessoas da Comunidade (Itaborahy (2012); Menezes *et al.* (2011); Imbelloni (2015); Malaquias (2021)). No local, existe uma placa com as informações do reconhecimento, localizada na região central da Comunidade, próximo à escola e ao posto de saúde, conforme Figura 1.

Figura 1 – Placa com informações da certificação de autorreconhecimento na Comunidade



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Pesquisadores como Dantas (2011); Imbelloni (2015); Itaborahy (2012) e (2014); Teixeira (2016); Menezes, Morais e Leopoldo (2011); Orsi (2016); Malaquias (2021) e Souza *et al.* ([20--]) já realizaram pesquisas nessa mesma Comunidade Quilombola. Não encontrei, no entanto, nenhum trabalho relacionando à Educação Física, e esta é também uma das motivações para a realização deste projeto. Como propõe Freire (2011), tento realizar o inédito-viável em um programa de Educação Física da escola onde leciono, buscando temas geradores a partir dessa experiência cultural, além de saberes e práticas desse povo que habita há tempos a mesma cidade que eu e os estudantes, sem que, muitas vezes, saibamos ou conheçamos quem eles são e, por isso, não usufruímos das riquezas dessa convivência.

Durante muito tempo, os quilombos foram refúgios de descendentes de negros que conseguiam fugir das prisões caseiras e dos afazeres que lhes eram impostos pelos donos de fazendas e engenhos, como ato de resistência à escravidão. Ao fugirem, abrigavam-se e constituíam suas famílias, cultivavam, colhiam seus alimentos, buscavam seu próprio território e juntos lutavam contra a escravização por parte dos colonizadores. O conceito histórico de quilombo baseia-se na situação descrita, e, assim como relata Moura (2022):

Quilombo era toda habitação de negros fugitivos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles, segundo resposta do Rei de Portugal à consulta do Conselho Ultramarino datada de 2 de dezembro de 1740 (MOURA, 2022, p. 30).

Munanga (1996) complementa que o quilombo brasileiro seria uma cópia do quilombo africano, reconstruído em oposição à escravatura, transformando-se em territórios abertos a negros, índios e brancos oprimidos. O maior e mais famoso quilombo brasileiro é o de Palmares, localizado na Serra da Barriga, em Alagoas, e seu principal líder foi Zumbi de Palmares (1655-1695).

Atualmente, o termo quilombo passou por uma ressemantização, trazendo uma lógica abrangente que respeita à demanda coletiva pela pluralização dos direitos, sustentado pelas memórias da diversidade histórica, étnica e cultural. De acordo com Souza (2008), o movimento de luta das Comunidades Quilombolas por direitos e pela garantia de sua identidade é histórico e político, trazendo uma dimensão secular de resistência.

Pensando na generalização, das Comunidades de remanescentes de Quilombolas trazem características marcantes em comum, tais como: ruralidade, forma camponesa, terra de uso comum, apossamento secular, adequação a critérios ecológicos de preservação dos recursos, presença de conflitos e antagonismos vividos pelo grupo e, finalmente, mas não exclusivamente, uma mobilização política definida em termos de autoafirmação Quilombola.

De acordo com Arruti (2008), após a instauração da ordem republicana, o termo quilombo sofre a sua principal ressemantização e destaca três principais formas: “resistência cultural”, tendo como tema central a persistência ou produção de uma cultura negra no Brasil; “resistência política”, servindo de modelo para se pensar a relação (potencial) entre classes populares e a ordem dominante; e o quilombo operado pelo movimento negro que, somando a perspectiva cultural ou racial à perspectiva política, elege o quilombo como ícone da “resistência negra”.

O autor ainda cita um trecho do livro “O quilombismo”, de Abdias do Nascimento, retratando um sentido bastante ampliado, na forma de todo e qualquer grupo tolerado pela ordem dominante em razão de suas declaradas finalidades religiosas, recreativas, beneficentes, esportivas etc. Nesse processo de ressemantização, “quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial” (NASCIMENTO, 1980, p. 263 *apud* ARRUTI, 2008).

Souza (2008) fala ainda da ideia de “aquilombar-se”, trazendo a questão da resistência como uma concepção fundamental de existência, como forma de as Comunidades se manterem íntegras física, social, histórica e culturalmente.

Aquilombar-se é uma ação contínua de existência autônoma frente aos antagonismos que se caracterizam de diferentes formas ao longo da história dessas Comunidades, e que demandam ações de luta ao longo das gerações para que esses sujeitos tenham o direito fundamental a resistirem e existirem com seus usos e costumes. Esse existir tem um movimento fortemente voltado para a coletividade, para os laços que unem os Quilombolas entre si, num movimento mais amplo e recente, une as Comunidades de distintas regiões (SOUZA, 2008, p. 106).

Carneiro (2009) mostra que as Comunidades negras rurais experimentam processos de reidentificação territorial na busca das origens de suas culturas e de suas territorialidades Quilombolas e complementa falando da perspectiva do “requilombamento”, que são estratégias políticas buscando os elos perdidos de suas origens ou os processos identitários coletivos para alcançarem a titulação de suas terras.

Por fim, é preciso destacar que os remanescentes das Comunidades dos quilombos em questão, apesar de ainda se mostrar fraca em relação ao seu reconhecimento identitário, não tem relação com o conceito histórico e colonial, como conjunto de escravos fugitivos, mas sim com a relação que os descendentes de escravos possuem com um tipo de organização própria, com sua territorialidade caracterizada por um uso comum, ocupando o espaço com base em laços de parentesco, assentados em relações de solidariedade e reciprocidade (ARRUTI e FIGUEREDO, 2005 *apud* MAROUN, 2013).

3. REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA: POSSIBILIDADES

Realizar uma pesquisa para sustentar a produção de uma dissertação de mestrado é um movimento desafiador para um professor de Educação Física que atua em escola pública. O processo de reflexão sobre o percurso formativo para compreender a própria prática pedagógica, buscando ao mesmo tempo uma situação-problema para gerar uma ação pedagógica na Educação Física da escola e realizando um movimento de mudanças a partir de reflexões abertas nas disciplinas e nas leituras indicadas, é algo complexo, mas muito rico.

Durante as reflexões nas disciplinas do PROEF e nos encontros de orientação, pude realizar um movimento de travessia e aproximação de uma compreensão crítica do componente curricular Educação Física, fazendo leituras de autores e autoras como Paulo Freire, Elenor Kunz, Tarcísio Mauro Vago, Miguel Arroyo, Dilce Santos, Lúcia Leite, Meily Assbú Linhales, Admir Almeida Júnior, José Ângelo Gariglio, entre outros; fiz também um movimento de aproximação de autores e autoras negros e negras, como Kanbegele Munanga, Nilma Gomes, bell hooks, Djamila Ribeiro, Carolina Cristina Nóbrega, Luciana Venâncio e autores e autoras que escreveram sobre quilombos e Quilombolas, como Kalyla Maroun, José Maurício Arruti, Givânia Silva, Bárbara Souza, Leonardo Carneiro, Abdias do Nascimento, entre outros.

Um destaque foi ter assistido à conferência da professora Nilma Lino Gomes na abertura do XXII CONBRACE e XI CONICE, promovido pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), em setembro de 2021. De maneira provocativa e inspiradora, a professora trouxe questões instigadoras e reflexivas, que retratam a invisibilidade dentro da Educação Física: “Qual a visibilidade dos caminhos e reflexões que a Educação Física vem fazendo no tempo presente?”, “A Educação Física tem considerado todos os corpos como produtores de conhecimentos?”, “A Educação Física e os professores tem afirmado e acolhido todos esses corpos?”, “São indígenas, Quilombolas, populações ribeirinhas, etc. também sujeitos da Educação Física? Se não são, por que não são?”.¹

Tais perguntas trazem à tona uma reflexão pertinente e necessária sobre o momento em que estamos vivendo, de crueldade, barbárie, negacionismo do estado democrático de direito, de ataques à ciência e à cultura, de desrespeito e violência de gênero, de raça, de sexualidade, de ameaça à vida das pessoas, principalmente as que vivem em vulnerabilidade.

As provocações da professora Nilma fazem lembrar e refletir acerca da brutalidade do período colonizador e escravagista no Brasil, que ceifou a vida de milhares de pessoas e de

¹A conferência da Professora Nilma Lino Gomes na Abertura do XXII CONBRACE (2021) está disponível na íntegra no canal do CBCE no YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=_djQ4cQFdEE

povos diversos que aqui viviam, e de como até hoje negros(as) e índios(as) sofrem no corpo as consequências de um genocídio que nunca terminou.

Compreender os mais de 300 anos de escravidão no Brasil e o racismo estrutural produzido desde então, ainda presente em nossas práticas sociais, é crucial para que não fechemos os olhos e não deixemos invisíveis esses sujeitos e suas histórias, para não aceitar, mas combater, inclusive nas aulas de Educação Física da escola, o racismo que impregna e empobrece nossa experiência social. Posicionar-se politicamente como professor e posicionar o ensino de Educação Física diante dessa história é um desafio necessário e urgente.

As comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas, do campo, ribeirinhos, dentre outras, possuem práticas que também podem constituir objeto interesse, estudos e pesquisas para serem produzidas como fontes para a Educação Física e incorporadas aos seus programas de ensino nas escolas, como por exemplo, brincadeiras, danças, jogos. Considero um compromisso da área criar condições para garantir que essas práticas estejam presentes em seus programas de ensino e sejam objeto da formação de estudantes, enfrentando o que podemos compreender como uma dívida com esses povos, como pondera Nóbrega (2021):

Inicialmente, é bom lembrar que há uma dívida teórica, conceitual da educação física sobre as realidades e histórias negras, escrita por nós, negras/pretas, negros/pretos, considerando os nossos conhecimentos, conceitos, subjetividades, olhares, autorias, estratégias Quilombolas, nossa política e manifestações de resistência na cultura afro-referenciada, que desafiam a realidade, nesse processo de descolonização da educação, da educação física em tempos e lugares específicos (NÓBREGA, 2021, p. 67).

O professor Miguel Arroyo (2013) sugere que “somos resultados de tantas disputas sociais e que em cada tempo nossas lutas se deslocam para novos e velhos territórios e fronteiras”, e o tempo presente parece ter radicalizado essas disputas. O autor ainda comenta que “a presença desses grupos de movimentos sociais vem reconfigurando a nossa identidade e cultura”. É necessário que professores(as) de Educação Física se posicionem política e criticamente para atuar nas escolas e pensar que a única maneira de conseguirmos mudar uma sociedade é garantindo o direito de educação a todos. Segundo Freire (2011), portanto, a educação deve ser uma prática libertadora e de construção social, feita pela luta dos oprimidos, invisibilizados e vulneráveis.

4. EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA E QUILOMBOLAS: UMA APROXIMAÇÃO POSSÍVEL

São diversas as comunidades de remanescentes de Quilombolas espalhadas pelo país. Assim, não é possível concebê-las como algo hegemônico, é preciso um olhar abrangente para respeitar as especificidades e a organização própria de cada uma delas.

Alguns autores/as têm tratado das culturas Quilombolas na Educação Física escolar, mas a produção de material didático sobre questões étnico-raciais e a cultura afro-brasileira na área ainda é pequena quando comparada a temas de matriz europeia. Lima e Brasileiro (2020) fizeram um estudo bibliográfico e procuraram periódicos da área de Educação Física considerando o tema “Cultura Afro-Brasileira”, no período de 2001 a 2017 (16 anos). As autoras encontraram num universo de 8 periódicos, 92 artigos científicos contendo diversos temas, sendo a Capoeira e o racismo no futebol os mais identificados na pesquisa. Elas constataram que a produção na perspectiva étnico-racial existe, mas de maneira bem tímida, indicando ainda uma lacuna na produção de trabalhos a esse respeito.

Em movimento semelhante, tentando encontrar referências sobre a Educação Física e as relações étnico-raciais e a cultura indígena e afro-brasileira, Maldonado e Neira (2021) realizaram uma pesquisa bibliográfica para o período de 2009 a 2019, em periódicos científicos da Educação Física e da Educação e em capítulos de livros, visando analisar como professores e professoras de Educação Física em atuação na Educação Básica abordam os conhecimentos da cultura negra, afro-brasileira e indígena. Os autores analisaram 34 relatos de experiência, publicados em 5 periódicos científicos e 16 livros que possuem capítulos relacionados ao cotidiano desse componente curricular, no qual os(as) docentes fizeram intervenções relacionadas à cultura negra, afro-brasileira e indígena e constataram que os professores e as professoras de Educação Física estão juntando forças para fazer parte da luta antirracista.

Buscando entender a relação existente entre a Educação Física, as práticas corporais e as culturas Quilombolas, Souza e Lara (2011) realizaram um estudo do estado da arte de Comunidades Quilombolas do Paraná, com o objetivo de identificar o conteúdo e as práticas corporais que são recorrentes nessas investigações, observando de que maneira elas são apresentadas. As autoras mapearam 21 produções sobre as Comunidades Quilombolas no Paraná, entre resumos, artigos, monografias de graduação e especialização, livros, dissertações e teses de diversas áreas do conhecimento, abordando temas sobre educação, saneamento, trabalho, segurança, subsistência, identidade étnica, luta pela terra (questão agrária), legalidade, cultura e práticas corporais (dança), mas, somente em 17 foi possível fazer a avaliação do

conteúdo. Em apenas duas produções, foi identificada a categoria de práticas corporais, e, segundo as autoras, as produções apontam ricas discussões que ajudam a refletir sobre o sentido/significado das manifestações corporais na sociedade e a relevância em estudá-las. As categorias mais encontradas foram legalidade, questão agrária/território, conceito de quilombo e educação. As autoras consideraram que as produções mapeadas são ricas em informações, pois permitem conhecer situações históricas e cotidianas das Comunidades Quilombolas. A pouca produção sobre práticas corporais nas Comunidades Quilombolas do Paraná aponta a existência de um vasto campo a ser explorado pela Educação Física.

Nóbrega (2021) escreve sobre narrativas Quilombolas na Educação Física escolar, consideradas como uma multiplicidade de vozes negras, inspiradas na experiência nos quilombos, recusando-se à violência e à submissão escravista. A autora traz diferentes modos de refletir e dialogar com questões raciais, de gênero e de classe para compreender e combater o racismo e o epistemicídio de culturas, na busca de uma educação e de um ensino de Educação Física antirracista. Para isso, a autora faz referência à aplicabilidade da Lei n. 10.639/2003, responsabilidade de todos os componentes curriculares. Ela ressalta a possibilidade educativa das narrativas Quilombolas na Educação Física escolar, compreendendo que esse componente curricular pode assumir a perspectiva de tratar conhecimentos até então subjugados, aproximando-se de epistemologias negras e fortalecendo uma ação pedagógica antirracista.

Pensando no que a autora propõe, quero aqui também fazer o movimento de reflexão e diálogo sobre questões étnico-raciais na Educação Física. Assim, este trabalho, inspirado pela autora, busca narrativas de pessoas remanescentes das Comunidades dos Quilombolas de minha cidade, onde nasci, cresci e hoje trabalho, procurando reconhecer, acolher e vivenciar, junto com estudantes, os saberes e a cultura desse grupo. Nessa aproximação, quem sabe esteja aí uma oportunidade de também agir para uma Educação Física antirracista.

Outra reflexão inspiradora é a que Farias *et al.* (2021) oferecem, tematizando e reconhecendo a importância das brincadeiras da cultura indígena nas aulas de Educação Física para crianças. Os autores e a autora apresentam um relato de experiência de um professor e os desafios da construção de uma unidade escolar “COM” (destaque dos autores e da autora) as crianças, tendo a participação direta de estudantes, tentando assim um planejamento participativo, abrindo espaço para o diálogo constante com eles(as), levando em consideração seus conhecimentos prévios e tematizando a cultura e as brincadeiras indígenas.

A possibilidade de acolher práticas corporais de remanescentes de Quilombolas no programa de Educação Física da escola é um movimento de reflexão em torno de questões étnico-raciais que autores como Maroun (2019) e Oliveira (2018) têm buscado realizar. Maroun

propôs, em um de seus trabalhos sobre Comunidades Quilombolas, uma reflexão sobre a tematização do jongo, prática que integra canto, dança circular e percussão de tambores e compõe um conjunto de práticas afro-brasileiras, contribuindo para o debate sobre história e cultura africanas e afro-brasileiras nas aulas de Educação Física. Ao final de seu trabalho, a autora destaca a potencialidade do componente curricular em problematizar as diferenças étnico-raciais no ensino básico, a centralidade do corpo nos processos de construção e de reafirmação identitária de algumas Comunidades Quilombolas e, ainda, a relevância da inserção do conceito contemporâneo de quilombo nessa etapa de ensino como objeto de conhecimento de diferentes áreas.

Oliveira (2018) buscou compreender os sentidos e os significados das práticas corporais expressas no cotidiano da Comunidade Quilombola do Cumbe, no Ceará. A autora produziu um registro dessas práticas com base na constituição de seus elementos identitários, fazendo uma análise sobre sua presença no cotidiano, considerando-as expressão de uma tradição que assume um sentido lúdico, festivo e de resistência.

Se a produção a respeito das relações étnico-raciais, da cultura afro-brasileira, das Comunidades Quilombolas ainda é pequena na Educação Física, é possível observar que está avançando, o que indica abertura da área para ampliar seu programa de ensino.

Lei n. 10.639/2003: possibilidade para uma Educação Física antirracista

A Lei n. 10.639/2003 foi sancionada pelo então presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, em 9 de janeiro de 2003, e alterou a Lei n. 9.394/1996, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, incluindo no currículo das Redes de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e definindo o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

Apenas recentemente tomei conhecimento dos desdobramentos dessa lei, ao ler autores(as) negros(as), como Gomes (2010, 2012, 2021); Ribeiro (2020); Venâncio e Nóbrega (2020). Em minha prática docente, nunca havia conversado sobre as repercussões dessa lei e de sua obrigatoriedade no currículo da escola. O parágrafo segundo do art. 26-A estabelece: “Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras”. É, portanto, uma responsabilidade de todos os componentes curriculares.

No entanto, não é bem isso o que observo nas escolas em que trabalhei e trabalho atualmente. A lei só é cumprida em relação ao art. 79-B, que diz respeito à inclusão do dia 20 de novembro no calendário escolar como “Dia Nacional da Consciência Negra”. Não tenho notado nenhum outro movimento de aplicação dessa lei, seja nas disciplinas e nos projetos da escola, seja nas práticas diversas que acontecem no decorrer do ano letivo. Aqui, novamente, me incluo: não havia me atentado para à aplicação dessa lei no ensino de Educação Física.

Nilma Lino Gomes (2012) relata que após ver uma peça teatral que contava a história de um homem negro capoeirista foi surpreendida pela fala de uma professora da rede pública de Belo Horizonte, que comentou que foi a Lei n. 10.639/2003 que deu a ela o estímulo para também ir ao teatro assisti-la. Ouvir esse relato me fez refletir sobre a importância dessa lei, que, naquela professora, e talvez em outras/os da rede pública, tenha provocado o desejo de conhecer, de compreender e de discutir sobre a história e a cultura afro-brasileira.

Por sua vez, entende-se que “um ensino que valoriza as várias existências e que referencie positivamente a população negra é benéfico para toda a sociedade” (RIBEIRO, 2019, p. 41). Nesse sentido, Rodrigues (2020) considera que a escola é território diverso de espaço/tempo que agrega indivíduos desde a primeira infância até o início da fase adulta e, por isso, é um campo fértil para se abordar a diversidade étnica e cultural no currículo. É o que pode acontecer na Educação Física.

Ao conhecer mais sobre a lei mencionado ao mesmo tempo que me aproximava de leituras de autores(as) negros(as), pude ver e refletir sobre a luta por uma educação antirracista, que desperte nas pessoas o sentimento de igualdade, de respeito e de liberdade. Penso agora que a Educação Física, como disciplina do currículo escolar, pode também tomar parte dessa luta, para contribuir para uma formação de pessoas antirracistas.

Para Nóbrega (2021), a perspectiva antirracista procura dar vida a uma transformação cultural, política e educacional no campo curricular e epistemológico, ao passo que Ribeiro (2019) enfatiza que a prática do antirracismo é uma luta de todos e de todas na sociedade, e o primeiro passo para isso é tirar o racismo da invisibilidade.

Em seu livro “Pequeno manual antirracista”, Ribeiro (2019) propõe ações concretas para estimular o autoconhecimento e a adoção de práticas antirracistas para quem desejar aprofundar sua percepção de discriminações estruturais e assumir a responsabilidade pela transformação da sociedade.

Pensando na responsabilidade social da escola, considero que a Educação Física tem lugar importante na luta antirracista, um lugar para a discussão e a reflexão sobre o racismo e para práticas antirracistas. Assimilando e trabalhando com base no que propõe Ananias (2020),

assumi, então, o desafio de trabalhar com epistemologias e práticas não brancas/eurocêntricas para abrir outras possibilidades para o ensino e a formação desejada – tanto a minha como a de meus/minhas estudantes.

5. PROPONDO UMA UNIDADE DIDÁTICA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA EM DIÁLOGO COM QUILOMBOLAS DE DIVINO, MG.

A ideia de propor a organização de uma Unidade Didática em diálogo com habitantes da Comunidade dos Quilombolas de São Pedro de Cima, em Divino (MG), consolidou-se nas discussões realizadas nas disciplinas, nos fóruns e nas atividades propostas no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), assim como nas orientações de pesquisa, sempre considerando os impactos dessas reflexões sobre minha experiência docente.

O que desejei como professor de Educação Física foi abrir-me para a possibilidade de realizar experiências inéditas para mim e para os(as) estudantes, expandindo as fronteiras do conhecimento na escola. Durante esse percurso, acompanhei também as reflexões apresentadas por Tarcísio Mauro Vago, em julho de 2021, em participação em mesa redonda no IV Encontro Estadual do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, promovido pela Secretaria do Rio de Janeiro, quando afirmou que “[...] é necessário um movimento de alargamento das fronteiras do conhecimento da Educação Física da escola, expandir os interesses culturais para enriquecer o programa de ensino da Educação Física na escola”, complementando:

Precisamos reconhecer, acolher e tratar dos saberes dos povos que constituem os povos brasileiros, saberes ancestrais e contemporâneos, que por tantos anos foram invisibilizados na Educação Física e na sociedade, saberes esses produzidos em espaços e locais diversos ocupados pelos sujeitos da Educação Física (VAGO, 2021).²

A Unidade Didática proposta neste trabalho pretende fazer esse exercício de “alargamento de fronteiras” no próprio ensino na escola em que leciono. Os primeiros contornos desse projeto estão apresentados a seguir.

4.1 AÇÃO DE ENSINO: PRIMEIROS MOVIMENTOS PARA UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A ação de ensino (intervenção pedagógica) escolhida para fundamentar e sustentar esta dissertação foi a elaboração de uma Unidade Didática estruturada na realização do “Programa de Ensino: A Educação Física em diálogo com as práticas culturais dos Quilombolas de Divino (MG), expandindo fronteiras do conhecimento”.

² Cf. a mesa redonda no IV Encontro Estadual do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/Secretaria do Rio de Janeiro na íntegra em: https://www.youtube.com/watch?v=Fm3h1rPJb_A&t=1595s

É sempre importante (re)afirmar que este trabalho nasceu e foi sendo construído dentro de uma escola pública, envolvendo a participação direta de professores(as) e estudantes, considerando os tempos, os espaços, a organização, as vivências e os desafios que este lugar e seus sujeitos experimentam cotidianamente. Assim, é um produto de uma escola e de seus sujeitos em dedicação a um exercício pedagógico.

Pode-se considerar que há um hibridismo metodológico empregado na realização deste projeto, pois, de um lado, trata-se de um movimento de ‘pesquisa-ação’, em que a prática do professor/pesquisador e dos(as) estudantes foi colocada em destaque e em constante mudança; por outro lado, possui um cunho etnográfico, ao se aproximar de uma tentativa de compreensão do comportamento, das crenças, dos costumes, das tradições de remanescentes das Comunidades de Quilombolas de São Pedro de Cima, em Divino (MG).

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de Minas Gerais e cadastrada na Plataforma Brasil sob o nº 60363022.8.0000.5149, cujo parecer de aprovação é de nº 5.681.931 datado de 04 de outubro de 2022.

5.1.1 A Escola Estadual Doutor Pedro Paulo Neto

É a Escola em que atuo como Professor de Educação Física, há sete anos. Está localizada na Rua Atratino Vitor de Oliveira, 423, bairro Givisiez, no município de Divino (MG). Criada em 1963, seu nome é uma homenagem a personagem reconhecido por benefícios prestados ao desenvolvimento da cidade. Em 1981 ocupou um seu novo prédio, onde funciona até os dias atuais.

A infraestrutura da escola conta com 21 salas de aula, biblioteca, sala de informática e multimeios, refeitório, cantina, banheiros, salas para direção, especialistas da educação e professores, secretaria, sala de recursos e uma quadra poliesportiva coberta, inaugurada em 2010.

Oferece, atualmente, o Ensino Fundamental (1º ao 9º ano), Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ensino profissionalizante (Agronegócio)

O quadro profissional tem aproximadamente 130 funcionários, e, atualmente, a escola atende a 1.390 estudantes, funcionando em três turnos, com características e distintos perfis de estudantes, sendo a maior escola pública da cidade de Divino.

No turno matutino estudam, prioritariamente, estudantes da zona rural, que cursam o Ensino Fundamental / Anos Finais (6º ao 9º ano de escolaridade), Ensino Médio e Escola de

Tempo Integral (ETI). No turno vespertino é oferecido o Ensino Fundamental / Anos Iniciais e Finais (1º ao 9º ano de escolaridade) com maior concentração de estudantes da zona urbana. O noturno é reservado a estudantes acima de 15 anos, com a oferta de Ensino Médio regular, EJA e ensino profissionalizante.

Estando localizada na zona urbana de Divino, ela não recebe estudantes oriundos da Comunidade de remanescente de quilombos de São Pedro de Cima, conforme dados levantados na própria instituição. Por esse fato, a escola não oferta o ensino da Educação Escolar Quilombola, pois, de acordo com a Resolução n. 8 de 20 de novembro de 2012, art. 1º, inciso IV, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, essa modalidade de ensino deve ser ofertada por estabelecimentos de ensino localizados em Comunidades reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis como Quilombolas, rurais e urbanas, bem como por estabelecimentos de ensino próximos a essas Comunidades que recebem parte significativa dos estudantes oriundos dos territórios Quilombolas. Esse fato, no entanto, não pode ser empecilho para a inclusão das histórias, dos saberes e das práticas culturais da Comunidade no programa de aulas de todos os componentes curriculares da escola.

5.1.2 Estudantes envolvidos na proposta de ação de ensino

Os estudantes escolhidos para participar desta ação de ensino pertencem a uma turma do 9º ano do turno vespertino, que participam regularmente do ensino de Educação Física, com frequência semanal de duas aulas de 50 minutos. São 25 estudantes com idade entre 14 a 15 anos.

A turma foi escolhida por estar sob minha responsabilidade didática e por ser composta de estudantes com os quais mantenho grande afinidade por já ter trabalhado com a turma em outros anos, sempre com grande participação, envolvimento e reflexão dos(as) estudantes.

A turma esteve envolvida em todos os movimentos de realização do projeto, configurando um planejamento participativo.

5.2 PENSANDO A UNIDADE DIDÁTICA: APROXIMAÇÃO E (RE)CONHECIMENTO DOS QUILOMBOLAS DE DIVINO (MG)

Inicialmente, em minha própria organização para iniciar um movimento de elaboração da Unidade Didática em diálogo com Quilombolas de Divino (MG), realizei visitas à Comunidade, localizada no distrito de São Pedro de Cima. Assim, pude refletir a respeito do meu lugar como morador da cidade e professor de escola pública, envolvido, sem questionamentos, nas práticas de invisibilização dessa cultura. Nesses primeiros contatos, aproximei-me dessa cultura, tentando conhecê-la e reconhecê-la, pensando em como seria possível incorporar os saberes, as tradições, os costumes e as práticas diversas desse povo num programa de aulas de Educação Física da escola, incluindo nesse movimento a participação de estudantes.

Iniciei as buscas por dados, fontes históricas, objetos, artefatos e fotos na escola municipal da Comunidade, a Escola Municipal Lia Marta de Oliveira. A escolha por realizar esse primeiro movimento deu-se depois de conversas com professores e moradores, uma indicação que considerei importante para marcar o início deste projeto. Por meio da escola, poderia chegar a outras pessoas da Comunidade, sempre procurando por alguns registros e pistas que pudessem orientar a elaboração desta Unidade Didática.

A escola fica localizada na Comunidade de remanescentes de quilombos em São Pedro de Cima e está vinculada à Secretaria Municipal de Educação de Divino-MG. Recebe alunos vindos de todo o entorno da Comunidade, com turmas do 1º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental. De acordo com a Resolução Federal nº 8/2012, que define as Diretrizes para a Educação Escolar Quilombola, a E. M. Lia Marta de Oliveira deveria oferecer aos estudantes um ensino voltado para a produção cultural, social, política e econômica da Comunidade.

No dia combinado, cheguei à escola antes das 9 horas da manhã, próximo ao horário do intervalo. Fui muito bem recepcionado pelos funcionários. A diretora, que é membro da Comunidade e ali tem suas raízes e sua ancestralidade, logo se colocou à minha disposição após lhe apresentar e explicar sobre a dissertação. Ela mencionou informações sobre o funcionamento da escola, a sua organização e o nome de pessoas da Comunidade que poderiam me ajudar. Entre elas, o Paulo (Paulão, como é conhecido), líder comunitário, e o Arineu, filho do senhor Antônio Dórico, o ancião mais velho da Comunidade até 2020, quando faleceu aos 104 anos.

Conversei também com a professora Dalgisa, de Língua Portuguesa, muito ligada à Comunidade. Já havia trabalhado com ela e a conhecia. Mulher, negra, muito engajada e atuante em uma proposta de educação antirracista. Ela participou do processo de certificação de autorreconhecimento da Comunidade como remanescentes de Quilombolas, pois na época ela estava como diretora da escola.

Expliquei sobre meu trabalho, e ela enfatizou como é importante para a educação e para aquela Comunidade um trabalho dessa natureza. Confirmou que seria importante conversar com o Paulão, em razão de seu conhecimento, vivência e influência na Comunidade. Além disso, indicou-me a leitura de trabalhos realizados na Comunidade por estudantes do curso de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Ambas anteciparam que, na escola, não existem fontes históricas de dados, documentos e objetos sobre aquela cultura, apenas algumas fotos de eventos realizados na escola. Disseram, ainda, que poderia existir documentos espalhados com alguns moradores. Na busca pelo laudo antropológico, documento com informações importantes sobre a Comunidade, não tive êxito em encontrá-lo. Elas também trouxeram o fato de a escola não se reconhecer como Quilombola e oferecer uma educação escolar Quilombola.

A diretora explicou que a escola tem em sua grade curricular a disciplina de História da Cultura Afro e também a prática da capoeira, esse fato está em consonância com o que traz o inciso II, do art. 35 da Resolução nº 8/2012, que menciona que o currículo das escolas com Educação Escolar Quilombola deverá implementar a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, nos termos da Lei nº 9.394/96, na redação dada pela Lei nº 10.639/2003, e da Resolução CNE/CP nº 1/2004.

Diante desse fato, a escola oferece disciplinas que vão ao encontro de uma Educação Escolar Quilombola, mas talvez não reconheça esse fato explicitamente, assim como a própria Comunidade, que ainda passa por um processo de construção do reconhecimento identitário. Como afirma Carneiro (2009), a Comunidade passa por um processo de “requilombamento”.

Em sua narrativa, a diretora trouxe memórias familiares de divertimento e lazer de quando era criança. Relatou as idas até a escola com colegas e a diversão em apanhar frutas de terrenos próximos à estrada de acesso a ela. Rememorou as tardes e as noites que passava na casa de seu avô com irmãos e primos, próximos ao fogão a lenha, ao som da sanfona tocada pelo avô enquanto todos cantavam e dançavam.

A professora Dalgisa trouxe memórias de sua passagem como diretora da escola, falando da dificuldade e da resistência encontradas por ela na implementação de disciplinas de origem africana no currículo, assim como História da Cultura Afro e Capoeira. De acordo com a professora, a então responsável pela Superintendência Regional de Ensino não aprovou a inserção dessas disciplinas na grade escolar, e isso gerou um tensionamento e uma disputa entre as partes. No fim, a professora e algumas pessoas da Comunidade lutaram pelo reconhecimento legítimo e conseguiram o objetivo de incorporar as disciplinas ao currículo, que permanecem sendo ministradas até os dias atuais.

A narrativa da professora está em consonância com a reflexão proposta por Miguel Arroyo a respeito do constante tensionamento, das lutas e disputas de relações sociais e políticas atreladas ao currículo.

Em nossa formação histórica a apropriação e negação do conhecimento agiu e age como demarcação-reconhecimento ou segregação da diversidade de coletivos sociais-étnicos, raciais, de gênero, campo, periferias. Não apenas foi negado e dificultado seu acesso ao conhecimento produzido, mas foram despojados de seus conhecimentos, culturas, modos de pensar-se e de pensar o mundo a história. Foram decretados inexistentes, à margem da história intelectual e cultural da humanidade. Logo, seus saberes, culturas, modos de pensar não foram incorporados no dito conhecimento socialmente produzido e acumulado que as diretrizes curriculares legitimam como núcleo comum (ARROYO, 2013).

Outro professor com quem conversei foi o de História. Tivemos uma conversa sobre o trabalho que ele faz naquela escola, ensinando os conteúdos desse componente curricular, especialmente como está colocando em prática a Lei n. 10.639/2003, que prevê o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas. Ele explicou o quanto é importante a disciplina de história afro-brasileira ser separada da disciplina de História. Segundo Gomes (2012), a lei representa um movimento de mudança e deve ser considerada um passo importante na construção de uma ruptura epistemológica e cultural, uma vez que é resultado de ação política e da luta de um povo cuja história, sujeitos e protagonistas ainda são pouco conhecidos.

Por fim, conversei com o professor de Educação Física, que relatou que o plano de ensino da disciplina nessa escola tem a capoeira como conteúdo obrigatório nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, as aulas são ministradas por um professor capoeirista do município. No período da pandemia, as aulas de capoeira na escola foram suspensas, mas já havia uma mobilização para o seu retorno assim que retomadas as aulas presenciais.

Nesse movimento de aproximação com a Comunidade de remanescentes de quilombos de São Pedro de Cima, realizei visitas e conversas com moradores(as) anciãos(ãs) e com líderes comunitários, que são mediadores culturais, com grande influência e participação nas questões culturais, políticas, econômicas e sociais. Nos diálogos, tentei aguçar a memória das pessoas e conhecer um pouco mais sobre a história e as práticas culturais presentes na Comunidade.

Nas conversas com as pessoas da Comunidade, destaco as narrativas de trabalho árduo presentes nas falas, a coletividade no manejo da terra, com ajudas mútuas entre os moradores, e a valorização das coisas simples, como a reunião costumeira para conversas e cantorias.

As práticas culturais rememoradas têm forte ligação com a religião. Assim, as festas e os costumes da Comunidade sempre estiveram voltados ao culto aos santos e às tradições

religiosas, exemplo são: Folia de Reis, Encomendação das Almas, Ladainhas, Fogueiras de São João e a Charola (ITABORAHY, 2012, p. 91).

Em relação às memórias dos períodos de lazer durante a infância, a maioria disse que eram raros esses momentos, pois desde muito cedo tinham de trabalhar e ajudar os pais, mas que lembravam dos jogos de futebol no campo da Comunidade, das brincadeiras de piques diversos e da construção dos próprios brinquedos, como bonecas(os) de sabugo de milho, carrinhos de carretéis de linha e petecas de penas de galinhas.

5.2.1 Continuando em busca de vestígios sobre os Quilombolas em Divino (MG)

Outro movimento importante na construção da unidade didática foi minha primeira busca por vestígios sobre os Quilombolas em instituições públicas de Divino (MG). Nessa perspectiva, fiz um mapeamento prévio em instituições como Prefeitura, Secretarias Municipais, Conselho Municipal, escolas, museu e bibliotecas e, ainda, construindo diálogos dentro da escola onde leciono.

Esse movimento de busca de dados históricos, documentos e informações relevantes sobre os Quilombolas no Brasil e na Comunidade de remanescentes de Quilombolas de Divino (MG) foi importante para ampliar a reflexão sobre a visibilidade ou a invisibilidade que a sociedade e as instituições públicas dão às Comunidades tradicionais de nosso país.

Meu primeiro movimento foi de ida à Prefeitura Municipal de Divino (MG) para buscar fontes de dados e informações. No local, foi dito que não havia nenhum documento sobre a Comunidade e fui direcionado para a Secretaria de Educação, Esportes, Cultura e Lazer da cidade. Em conversas com a secretária, fui informado que também não havia nenhum registro ou fontes de dados guardados. Ela, porém, informou que eu poderia encontrar informações no Conselho Municipal do Patrimônio Cultural (COMPAC), que está vinculado à pasta, na qual ela é secretária.

Diante de tal informação, fiz contato com a consultora que presta serviços ao COMPAC. Ela explicou que o Conselho foi criado no ano de 2015, está vinculado à Secretaria de Educação, Esportes, Cultura e Lazer do município e é formado por membros voluntários, sendo 8 efetivos e 8 suplentes. Eles(as) têm a função de deliberar sobre as questões do patrimônio cultural da cidade de Divino (MG), buscando desenvolver trabalhos para receber recursos provenientes do ICMS Cultural.

Em relação às informações sobre a Comunidade de remanescentes de Quilombolas de Divino (MG), a consultora explicou que não havia muitas fontes e documentos no COMPAC. Ela me informou que há a cópia da Certidão de Reconhecimento expedida pela Fundação Cultural Palmares (Figura 1) e também alguns artigos e monografias escritos por acadêmicos, alguns já citados (Imbelloni (2015); Itaborahy (2012) e (2014); Teixeira (2016); Menezes, Morais e Leopoldo (2011); Orsi (2016); Malaquias (2021) e Souza *et al.* (s/d). Relatou, ainda, que o Conselho tem em mente um projeto para resgatar a cultura e a tradição da Comunidade e que este trabalho poderia ser de grande serventia para tal projeto.

Continuando o mapeamento e a busca por dados históricos, fatos e informações, fui até o Museu Municipal da cidade para verificar se poderia encontrar algum artefato ou até mesmo fotografias antigas que remetessem ao espaço, aos membros ou ao percurso histórico de reconhecimento da Comunidade. No local, perguntei à atendente se ali havia algo que pudesse lembrar ou informar sobre os Quilombolas de Divino (MG), ela prontamente disse que sobre os membros e a Comunidade não havia nenhum artefato, mas que existia um objeto com o nome de “vira-mundo”, um tipo de algema no qual eram presos os pés e mãos dos escravizados, sendo utilizado para castigá-los. O objeto foi encontrado numa fazenda antiga, numa região próximo à Comunidade. Tal fato pode ser um indício de que, naquela região, houve grande fluxo escravagista e talvez isso explique a formação do quilombo. Pude ver tal artefato e ler a descrição disponível sobre ele. Nesse local, havia apenas um artefato que relembra os maus tratos e a luta das pessoas escravizadas, mas não foi encontrado nada sobre as histórias, as memórias, a rica cultura, os saberes e as tradições dos membros da Comunidade.

O próximo destino foi a escola municipal da cidade que abriga parte do acervo da extinta biblioteca municipal. Em contato com a atual diretora, tive a informação de que ela desconhecia no acervo da antiga biblioteca e dentro da escola algum arquivo que pudesse remeter aos Quilombolas e à Comunidade de remanescentes de Quilombolas de Divino (MG). Esse fato foi confirmado com a minha visita e busca ao acervo da extinta biblioteca. A diretora me sugeriu que um local possível de encontrar algum dado ou arquivo sobre os Quilombolas seria a escola municipal localizada na própria Comunidade de São Pedro de Cima e/ou com os próprios habitantes daquela região, movimento esse que eu já havia realizado, também sem sucesso.

Ademais, pude fazer uma busca na biblioteca da escola onde sou professor, na tentativa de encontrar algo sobre a Comunidade de remanescentes de Quilombola de Divino (MG) e sobre as pessoas da Comunidade. Depois de realizar o movimento de busca na cidade, não tinha muita esperança de encontrar fontes de dados ou informações, e o que eu previa se concretizou:

na escola e na biblioteca é possível encontrar algumas obras, mas não existe nenhum dado ou fonte histórica sobre o remanescente das Comunidades dos Quilombolas de São Pedro de Cima.

Após a busca e o mapeamento pelas instituições públicas da cidade, deparei-me, portanto, com a ausência de fontes e dados históricos ou memórias das pessoas da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de Divino (MG). Esse é um forte indício da invisibilidade e do apagamento dessas culturas na história da cidade, reforçando a necessidade de trabalhos como este, que buscam combater o epistemicídio estrutural desses povos. Para isso, a escola e a Educação Física podem ser aliadas nesse movimento de reconhecimento e acolhimento dessas culturas.

6. ELABORANDO UMA UNIDADE DIDÁTICA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

A partir desses movimentos iniciais, fiz um primeiro esboço da Unidade Didática, relatado a seguir, e registrado no Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional no Polo UFMG, em fevereiro de 2022. Este Projeto recebeu parecer favorável da Professora Meily Assbú Linhales, sendo posteriormente aprovado pelo Departamento de Educação Física da EEEFTO/UFMG e pelo Comitê de Ética da UFMG.

O objetivo da Unidade Didática, como então registrado, era (re)conhecer, acolher e vivenciar os saberes e as práticas culturais dos remanescentes das Comunidades Quilombolas de São Pedro de Cima, na cidade de Divino (MG), tomando-as como fonte para o programa de ensino de Educação Física da Escola Estadual Dr. Pedro Paulo Neto para expandir as fronteiras do conhecimento.

Indicou-se, inicialmente, um conjunto de 20 aulas para a realização deste projeto, o equivalente a um bimestre do ano letivo da rede pública de ensino do estado de Minas Gerais. A seguir, apresenta-se o primeiro delineamento dos procedimentos pedagógicos previstos para a realização dessa proposta.

AULA 1 – Apresentação da unidade didática

- Proposição da Unidade Didática e envolvimento inicial de estudantes.
- Questão geradora: conhecimento prévio de estudantes sobre Quilombolas de Divino.
- Proposição de pesquisa escolar sobre a história de povos Quilombolas no Brasil e em Divino (visitas a museu, prefeitura, biblioteca e outros locais de registros).

AULAS 2 a 5 – (Re)conhecendo a presença de Quilombolas no Brasil e em Divino

- Reflexão por meio de pesquisa escolar sobre povos Quilombolas no Brasil e em Divino.
- Questão geradora: a escola, a Educação Física e os Quilombolas – aproximações.
- Organizando uma visita à Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima, em Divino: preparação de roteiros para diálogos de estudantes com pessoas da Comunidade, destacando o interesse em conhecer e compreender as práticas culturais da região.

AULAS 6 a 9 – Realizando visitas à Comunidade Quilombola de Divino

- Contatos iniciais e diálogos com pessoas da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de Divino, com base nos roteiros elaborados.

- Identificação e diálogo com as pessoas mais idosas da Comunidade, procurando ouvir relatos sobre suas histórias, seus saberes e suas práticas culturais.
- Visita à escola da Comunidade Quilombola: contato com pessoas (docentes, estudantes e servidores), procurando registrar eventuais práticas ali realizadas.
- Convite a pessoas da Comunidade a visitar a Escola Estadual Dr. Pedro Paulo Neto.
- Possíveis registros, se autorizados pela Comunidade: fotografias, vídeos e registros em diário de campo.

AULAS 10 a 12 – Organização dos registros coletados

- Reflexão sobre as impressões, inquietações, constatações que os alunos encontraram na Comunidade.
- Tratamento das informações sobre a Comunidade de remanescentes de Quilombolas de Divino (MG).
- Reflexão sobre as práticas culturais dessa Comunidade, como o conhecimento para a prática de Educação Física.

AULAS 13 a 16 – Vivência de práticas culturais dos Quilombolas de Divino (MG)

- Planejamento das vivências pesquisadas na Comunidade Quilombola.
- Eventual recepção de pessoas da Comunidade para participar de atividades programadas: roda de conversa, ensino de práticas durante a aula de Educação Física etc.

AULA 17 a 20 – Reflexão e discussão sobre a experiência vivida

- Retomar as atividades vivenciadas e propor um debate sobre a presença da cultura Quilombola em Divino e a experiência de acolhê-la no ensino de Educação Física.
- Elaboração de portfólio com os registros realizados pelos estudantes durante a Unidade Didática para ser incorporado ao acervo da biblioteca da escola.
- Avaliação final: roda de conversa envolvendo estudantes, professor e, se possível, membros da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de Divino (MG) para uma reflexão e avaliação a respeito da experiência vivida na Unidade Didática.

Registre-se que foram apresentados aos estudantes os documentos exigidos para a participação nesta pesquisa e oferecidas todas as orientações a respeito do preenchimento, por eles e por seus responsáveis.

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (assinado por responsáveis)
- Termo de Cessão de Uso da Imagem (assinado por responsáveis)
- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (assinado por estudantes)
- Termo de uso de Imagem para os estudantes assinarem.

Da mesma forma, foram apresentados à Escola Estadual Dr. Pedro Paulo Neto e à Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima documentos para autorização para a visita prevista na Unidade Didática:

- Carta de Anuência Institucional
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Membros da Comunidade)
- Termo de Cessão de Uso de Imagem (Membros da Comunidade)

6.1 A UNIDADE DIDÁTICA EM DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: REGISTROS DA PRIMEIRA METADE DO CAMINHO

Após a organização prévia, os diálogos e as reflexões com a literatura, em julho de 2022 houve o início do desenvolvimento da Unidade Didática com a participação de estudantes. Seguindo a organização proposta, elaboramos um cronograma e um planejamento das aulas.

Foram feitos registros em um caderno de planos de aulas para auxiliar na construção da unidade. A participação direta de estudantes foi decisiva, e o desenvolvimento da Unidade Didática aconteceu com diálogos, discussões e reflexões motivados e instigados por questões geradoras.

Assim, as primeiras aulas da Unidade Didática tiveram o objetivo de dar visibilidade às culturas, aos saberes e às tradições Quilombolas no Brasil e, principalmente, em Divino (MG). Importante, especialmente, é torná-las parte do programa da Educação Física na escola.

Anotei, no decorrer das aulas, informações que julguei pertinentes ao trabalho, e os acontecimentos foram transcritos no diário de campo, registrando também algumas fotografias por meio de aparelho celular.

6.1.1 Aula 1: Apresentação da Unidade Didática

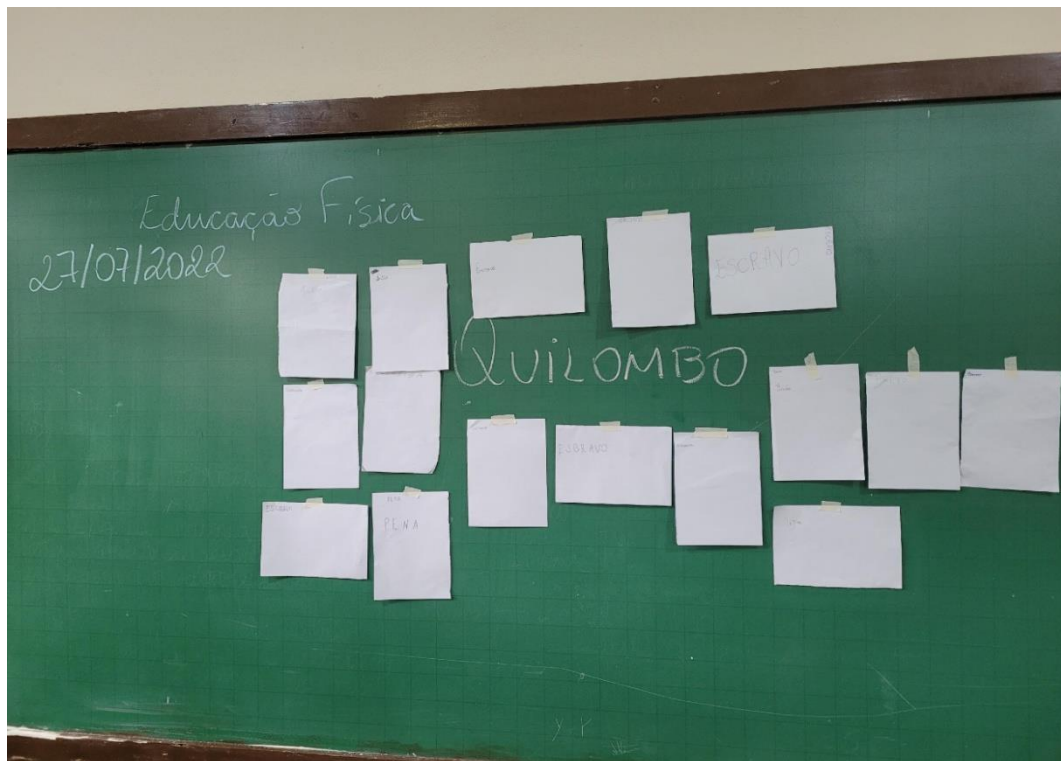
O planejamento inicial para a primeira aula consistia numa breve explicação sobre a Unidade Didática, mostrando para os(as) estudantes um pouco a respeito da pesquisa e propondo a construção coletiva e a participação direta deles(as), fato que iria permear pelas demais aulas. Nesse momento, a questão geradora inicial era o conhecimento prévio dos(as) estudantes sobre o quilombo e os Quilombolas.

Assim, a primeira aula da Unidade Didática, em 27 de julho de 2022, teve início com uma breve explicação sobre a pesquisa e a importância que eles teriam como participantes. Depois, apresentei os primeiros movimentos de planejamento e desenvolvimento das aulas.

A primeira atividade foi uma tempestade de ideias utilizando como tema gerador a palavra “quilombo”. De início, os(as) estudantes perguntaram se a palavra geradora seria “futebol” ou “voleibol”, enfatizando a cultura esportiva muito disseminada na escola, na própria cidade e indo ao encontro de uma forte tendência esportiva, branca e europeia presente nas aulas de Educação Física da escola.

A palavra foi escrita no quadro e cada estudante recebeu um pequeno pedaço de papel, para que escrevesse aquilo que viesse à mente. Após a escrita, os(as) estudantes foram até o quadro e anexaram seus papéis escritos ao redor da palavra. Depois, juntos, eles(as) começaram a ler o que foi lembrado e/ou o que a palavra geradora remeteu à memória deles(as).

Figura 2 – Tempestade de ideias



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Em meio a essa tempestade de ideias, várias palavras surgiram, as mais citadas foram: “escravidão”, “escravos”, “índios”, “tribo” e uma única vez apareceu a palavra “preto”. Diante das palavras expostas ao redor do tema gerador proposto, os(as) estudantes e eu demos início às discussões e reflexões a respeito das razões de essas palavras terem sido remetidas ao tema. A maioria dos(as) estudantes que escreveu as palavras “escravos” e “escravidão” disse que se lembrou das aulas de História, citando nomes de dois professores que já haviam falado sobre esse assunto. Já os(as) que escreveram as palavras “índios” e “tribo” disseram que naquele momento pensaram no sofrimento indígena e na organização em Comunidade. Apenas um estudante escreveu a palavra “preto” e disse que foi pelo fato de os negros terem sido escravizados, por isso lembrou-se do período da escravidão; um colega completou sua ideia dizendo que “se fossem brancos não eram escravizados”.

Após esse momento de discussão sobre as palavras da tempestade de ideias, foi proposta a construção coletiva inicial sobre o que seria, então, um quilombo. Diversas foram as falas para construir o significado do termo, tais como: “Comunidade de refugiados”, “Comunidade de escravos que fugiram das senzalas”, “Comunidade de fugitivos pretos”. Essa construção coletiva gerou uma reflexão e uma discussão do grupo de estudantes. Alguns disseram que

antigamente os pretos eram escravizados e os brancos tinham privilégios e alguns fizeram a reflexão pensando nos indígenas, dizendo que eles também foram escravizados e, assim como os negros, sofriam muito.

Depois de explorar as falas, as discussões e as reflexões realizadas pelos(as) estudantes, perguntei onde mais poderíamos encontrar algo sobre o tema gerador. Os(as) estudantes sugeriram possíveis fontes de pesquisa para que pudéssemos ter acesso a informações, dentre elas, foram citadas: Google (internet), conversa com os professores de História (citaram nomes de dois professores da escola), livros, museus, jornais antigos, tendo acesso à biografia de algum Quilombola (a estudante usou a palavra refugiado, se referindo ao membro do quilombo) e, por fim, um estudante disse que uma fonte de informação seria uma visita a um quilombo.

Após essa atividade de pensar as fontes de pesquisa possíveis para desenvolver os conhecimentos a respeito do quilombo e dos Quilombolas, a aula foi encerrada discutido-se como seria a próxima, de acordo com algumas das fontes de pesquisa mencionadas.

Para minha surpresa – já que esperava uma resistência inicial –, os(as) estudantes demonstraram bastante envolvimento na aula. Isso ficou evidenciado por meio das falas na saída da aula, como “a aula foi maneira”, “a aula foi descontraída”, “foi legal”, e num diálogo entre dois estudantes, em que um perguntou: “e aí, gostou?”, e o outro respondeu: “não, mas até que foi maneiro”. O envolvimento, assim como as discussões e as reflexões durante a primeira aula foram fundamentais para o início da construção coletiva e participativa da Unidade Didática.

6.1.2 Aula 2: (Re)conhecendo a presença de Quilombolas no Brasil e em Divino (MG)

Após as discussões e reflexões ocasionadas pela tempestade de ideias realizada na primeira aula, o planejado para as aulas subsequentes era o (re)conhecimento da presença de Quilombolas no Brasil e em Divino (MG). A questão geradora era os conhecimentos dos(as) estudantes sobre as culturas e as histórias dos Quilombolas que viveram e vivem no país e na cidade.

A segunda aula teve início rememorando o que havia sido discutido e as reflexões feitas na aula anterior. Esse exercício de retomada foi importante, pois existiam estudantes que não estavam presentes, e, com isso, eles conseguiram se situar em relação às discussões e reflexões levantadas até ali. Relembramos as fontes de pesquisa mencionadas na aula anterior.

Diante desse início, propus uma visita à biblioteca da escola para que os(as) estudantes pudessem procurar livros que trouxessem alguma informação sobre quilombo e/ou

Quilombolas. A pesquisa em livros diversos foi uma das fontes de pesquisa proposta pelos(as) participantes na aula anterior.

A dinâmica de ida à biblioteca aconteceu da seguinte maneira: os(as) estudantes se dividiram em 4 grupos e se dirigiram até a biblioteca para realizar a pesquisa, buscando por obras sobre o tema gerador. O objetivo era que cada grupo encontrasse algo sobre quilombo ou sobre a cultura e tradição Quilombola. Começaram a busca no acervo de maneira aleatória e individual, consultando os diversos livros agrupados nas prateleiras e no chão.

Figura 3 – Estudantes realizando pesquisa na biblioteca da escola



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Aos poucos, os(as) membros dos grupos foram encontrando obras que traziam a temática – definição de quilombo, contos e histórias sobre personagens Quilombolas, a luta e a resistência Quilombola. Além disso, encontraram nos livros didáticos utilizados pelos professores de História capítulos sobre o quilombo e os Quilombolas. Todos os grupos encontraram ao menos uma obra com informações sobre o tema.

Figura 4 – Livros encontrados por estudantes na biblioteca da escola



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Após algum tempo de pesquisa e de posse das obras encontradas, retornamos para a sala de aula. Cada grupo mostrou para os demais os livros que haviam encontrado, e os membros dos grupos fizeram uma análise rápida, a princípio.

Depois dessa primeira etapa de busca, foi proposta a realização da segunda fonte de pesquisa, uma conversa com professores de História. Assim, um professor e uma professora de História (que lecionam atualmente esse componente curricular na própria turma) foram convidados para uma conversa visando refletir sobre questões, dúvidas e interesses da turma diante do tema gerador.

Com os professores à disposição, uma estudante pediu para que eles fizessem uma breve explicação sobre quilombos e Quilombolas. O professor começou a explicação mencionando a respeito do período escravocrata no Brasil, dizendo que os quilombos eram grandes Comunidades criadas para refugiar os escravizados fugitivos e libertos sem local para ficar. O professor ainda deu ênfase ao fato de que o quilombo era uma forma de resistência e luta dos escravos, lembrando que existem e existiram vários quilombos por todo o Brasil. Além disso, falou um pouco sobre o maior e mais conhecido, o Quilombo dos Palmares. Nesse momento, alguns estudantes lembraram de Zumbi de Palmares e de Ganga Zumbi, dizendo que já haviam estudado sobre isso e os líderes mencionados. O professor também fez menção ao Quilombo

de Ambrósio, maior quilombo registrado em Minas Gerais e uma das mais importantes Comunidades negras do estado.

A professora completou a fala dizendo que os quilombos não eram habitados apenas por pessoas negras escravizadas, mas também por pessoas brancas excluídas da sociedade, em situação de pobreza e que buscavam refúgio – fala comprovada por Moura (2022), quando relata que convergiam dentro dos quilombos fugitivos do serviço militar, criminosos, indígenas, mulatos e negros marginalizados.

Dando prosseguimento à fala, a professora enfatizou a questão da luta e da resistência que o quilombo representava e disse que existia uma Comunidade Quilombola na própria cidade de Divino (MG), dando alguns detalhes sobre a sua localização. Nesse momento, não percebi nenhuma reação dos(as) estudantes ali presentes. Ela encerrou sua fala e colocou-se à disposição para possíveis dúvidas. Nenhuma questão a mais foi colocada e os(as) estudantes agradeceram aos professores.

A fala dos docentes mostra o enraizamento do conceito histórico de quilombo, muito difundido até os dias atuais e ensinado nas aulas do conteúdo que ele(a) ministra, em nenhum momento da explanação o conceito contemporâneo e a ressemantização dos quilombos foram mencionados.

Figura 5 – Explicação dos professores de História



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Diante das informações obtidas com a pesquisa nos livros encontrados na biblioteca e tomando-se por base as informações trazidas pelo professor e pela professora de História, fizemos uma proposta da construção nos grupos de um conceito ou uma ideia sobre o que seria o quilombo e as suas representações. Os(as) estudantes reunidos em grupo tiveram um tempo para consultar os livros e levantar questões entre eles, para então colocarem no papel a ideia de cada grupo. Após algum tempo de debate e discussões entre os(as) membros, cada grupo colocou num papel a definição e/ou ideia construída por eles(as) conjuntamente.

Figura 6 – Estudantes em grupos discutindo a definição de Quilombo



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Em virtude do tempo de aula, as discussões e as reflexões acerca das ideias e dos conceitos escritos pelos grupos ficaram para a aula seguinte.

6.1.3 Aula 3 [continuação]: (Re)conhecendo a presença de Quilombolas no Brasil e em Divino (MG)

O planejamento para esta aula era retomar as reflexões geradas pela pesquisa realizada na biblioteca e pela explanação feita pelo professor e pela professora de História, pensando, assim, no (re)conhecimento da cultura dos povos Quilombolas do Brasil e de Divino (MG).

Começamos a aula lembrando as duas aulas passadas e as reflexões realizadas até o momento. Resgatei os conceitos e as informações escritas pelos grupos e pedi que cada um fizesse a exposição oral daquilo que construíram juntos(as) sobre a palavra “quilombo”. Cada grupo, por meio de um membro escolhido entre eles(as), fez a leitura das ideias elaboradas e, em seguida, fizemos uma roda para debater e dialogar acerca daquilo que tinha sido exposto, pensando em como poderíamos juntos construir um conceito que atendesse àquilo que os grupos escreveram e às pesquisas realizadas em livros enriquecidas com as falas dos professores de História, as discussões e reflexões feitas até aquele momento.

Figura 7 – Estudantes e professor dialogando, discutindo e refletindo



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Após um período de debate, o conceito construído pelos(as) estudantes em conjunto comigo foi: “Quilombo é uma Comunidade de pessoas fugitivas da escravidão que estavam excluídos da sociedade, desempregados e em situação de pobreza e se reuniam como forma de resistência. Eram localizados em áreas de difícil acesso”.

Figura 8 – Conceito de quilombo construído coletivamente

QUILOMBO- comunidades de pessoas fugitivas da escravidão, excluídos da sociedade, desempregados e em situação de pobreza. here se reuniam como forma de resistência à escravidão. Eram localizados em área de difícil acesso.

Fonte: Acervo pessoal (2022).

Depois desse movimento de construção coletiva do conceito de quilombo, explorei a memória deles(as) estimulando-os à discussão e relembrando a fala da professora de História, que já havia dado pistas sobre a existência da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima. Primeiro, perguntei o que mais havia chamado atenção na fala da professora, quais informações eles acharam mais interessantes e se existia, na fala da professora, alguma informação nova, que deixou eles(as) surpresos(as).

Aos poucos, os(as) estudantes foram lembrando da fala da professora. Mencionaram a respeito da questão da resistência enfatizada pela professora e pelo professor. Citaram, ainda, que os Quilombos não eram habitados apenas por negros, mas nesse momento ninguém lembrou da fala sobre a Comunidade de remanescentes de Quilombolas existente no município. Assim, para explorar o conhecimento prévio dos(as) estudantes, falei que a professora havia dito que na cidade existia uma Comunidade de remanescentes de Quilombolas e perguntei se eles(as) lembravam dessa fala. Todos prontamente se manifestaram e ainda disseram se lembrar da localização do quilombo dita pela professora, que fica na Comunidade rural de São Pedro de Cima.

Nesse movimento de resgatar o conhecimento dos(as) estudantes sobre os Quilombolas de Divino (MG), levantei a seguinte questão: “Vocês sabiam que existe uma Comunidade de remanescentes de Quilombolas aqui na cidade?”. Muitos responderam desconhecer a existência da Comunidade, alguns até perguntaram se a Comunidade existia ainda. Outros disseram que sabiam da existência, mas por meio de outras pessoas. Um estudante lembrou que, no ano passado, uma professora substituta, que lecionava o conteúdo de Língua Portuguesa, era da Comunidade. Perguntei se ela havia falado, na época, ser membro da Comunidade de remanescentes de Quilombolas e se também ela teria dito algo sobre a cultura e as tradições. O estudante respondeu que ela não havia dito nada, que só ficaram sabendo que a professora era moradora da Comunidade por meio de outra pessoa e que, durante o tempo que a ela trabalhou como substituta, não comentou nada sobre a Comunidade ou sobre a cultura e/ou as tradições de seu povo.

Outras duas estudantes disseram que já ouviram parentes falarem da existência da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima. Uma delas relatou que o desejo da irmã de conhecer a Comunidade a fez saber de sua existência, e a outra relatou que ouviu comentários sobre a Comunidade por meio do pai.

Após essa etapa de investigação sobre o que os(as) estudantes conheciam da cultura e das tradições da Comunidade de remanescentes de Quilombolas do município, perguntei onde poderíamos encontrar informações, dados, objetos, artefatos e/ou histórias sobre a Comunidade na cidade. Os(as) estudantes deram a sugestão de pesquisar na Prefeitura Municipal de Divino, no Museu Municipal, nos jornais da cidade ou perguntando às pessoas mais idosas.

Diante da sugestão elaborada por eles(as), propus uma visita para uma pesquisa de campo nos locais citados e aumentei a lista de busca em órgãos públicos municipais, com a visita à Secretaria de Educação, Esportes, Cultura e Lazer, uma conversa com a responsável pela assessoria do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural (COMPAC), além de uma visita ao acervo da extinta biblioteca municipal, hoje com suas obras guardadas na Escola Municipal Vereador Tercício Vitelbo Givisiez. Ademais, orientei-os a pesquisar em jornais da cidade e dialogar com as pessoas mais idosas do próprio núcleo familiar e os vizinhos.

A proposta seria que os alunos se organizassem em cinco grupos, para que cada um fizesse uma visita aos lugares mencionados em busca de vestígios sobre a cultura e as tradições da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima. O local que cada grupo visitou foi sorteado. Pedi que registrassem com a câmera dos próprios celulares as visitas e trouxessem na aula todo material encontrado e as reflexões sobre o que foi achado na pesquisa.

A organização dos grupos e a divisão dos locais visitados ficou para a aula seguinte, pois, neste dia, os(as) estudantes estavam muito dispersos, com conversas paralelas e sem interesse em participar do debate e das reflexões. Numa dessas conversas, ouvi que eles(as) falavam do suposto caso de racismo ocorrido na noite anterior na escola, quando uma funcionária teria discutido com uma aluna negra e teria proferido comentários racistas sobre o cabelo dela.

Diante de tal situação, achei por bem finalizar a aula e as discussões para abrir espaço para que os(as) estudantes falassem sobre o suposto caso de racismo e se posicionassem diante da situação. Cabe aqui destacar que a funcionária acusada é tia de uma das estudantes da turma, mas essa não estava presente na aula e não teve o nome citado em nenhum momento.

Durante a discussão a respeito do ocorrido dentro da escola, alguns(mas) estudantes demonstraram bastante revolta e se posicionaram veementemente contrários ao episódio. Ponderaram ser totalmente contra qualquer ato racista dentro da escola e disseram que os fatos deveriam ser apurados. Diante das falas, também expus minha posição, demonstrando ser contrário a toda forma manifesta de racismo, seja dentro da escola, seja em qualquer instância da sociedade. Até o momento desta pesquisa, o caso está sendo investigado pelo Ministério Público, as envolvidas estão sendo ouvidas, cabendo às instâncias judiciais apurar a veracidade dos fatos. A funcionária envolvida pediu demissão no dia seguinte e não faz mais parte do quadro de trabalhadores da escola.

6.1.4 Aula 4 [continuação]: (Re)conhecendo a presença de Quilombolas no Brasil e em Divino (MG)

Na aula seguinte, os(as) estudantes pareciam estar desmotivados e sem vontade de participar. Logo na entrada, fui abordado por estudantes que pediam para que a aula fosse na quadra e não em sala de aula; outros tentaram uma forma de negociação, sugerindo que a cada três aulas da Unidade Didática tivéssemos uma aula na quadra com o conteúdo de esportes. Pensando no prosseguimento e na importância dessa construção coletiva, prometi analisar a proposta, desde que mantivéssemos o planejamento para aquele dia.

Seguindo o planejado, fiz uma aula expositiva, utilizando uma apresentação elaborada e editada no aplicativo Canva a respeito das histórias, das culturas e das tradições dos Quilombolas no Brasil.

Figura 9 – Aula expositiva sobre a cultura e tradição dos Quilombolas



Fonte: Acervo pessoal (2022).

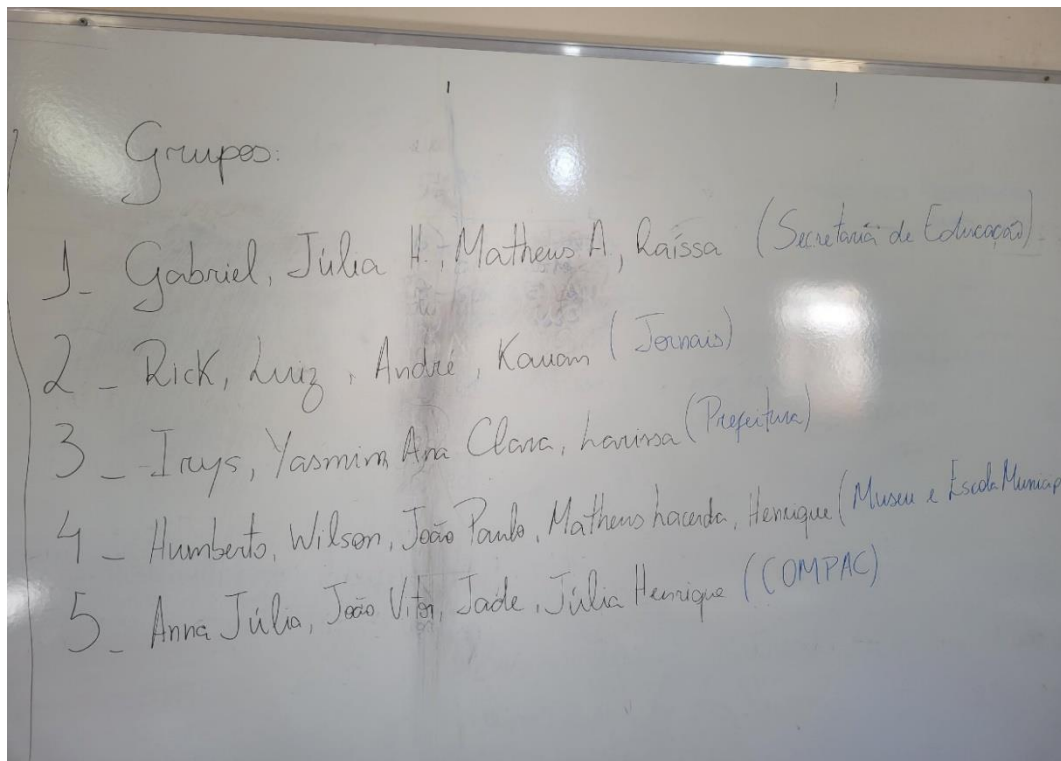
Na apresentação, foi exibido um vídeo que retratava a vida e os costumes de Quilombolas por meio de narrativas e demonstrações. Em seguida, foi pedido aos estudantes que identificassem quais saberes e/ou tradições eles reconheciam. Muitos identificaram a capoeira, fazendo a ligação dessa prática com os povos de matrizes africanas. Outros observaram o culto à religiosidade presente no vídeo, repudiando até as brincadeiras que alguns colegas fizeram ao ver as pessoas fazendo suas orações. Perguntei, então, se eles sabiam qual seria a religião dos povos Quilombolas. A maioria disse que era umbanda e tiveram até citações da religião ser vinculada à macumba. No vídeo exibido para a turma, a religião do povo Quilombola em destaque era o catolicismo e, mesmo assim, os(as) estudantes trouxeram falas sobre as religiões de matrizes africanas. Eles/elas disseram que não tinham conhecimentos sobre a cultura e as tradições dos povos Quilombolas e que estavam tendo contato pela primeira vez com tudo aquilo.

Prosseguindo com a apresentação e a aula expositiva, falando um pouco mais sobre os remanescentes das Comunidades de Quilombolas de São Pedro de Cima, localizada na cidade de Divino (MG), foi apresentado um recorte de um jornal da cidade, que trazia a seguinte matéria: “Divino – Moradores da Comunidade Quilombola recebem a 1º dose da vacina em

São Pedro de Cima”. Essa matéria tomou grande repercussão à época, pois muitas pessoas da cidade passaram a saber da existência da Comunidade durante a pandemia de covid-19, quando os moradores tiveram prioridade para receber a primeira dose da vacina. Tomando por base a matéria, perguntei se os(as) estudantes tinham conhecimento dos fatos trazidos pelo jornal e se sabiam algo mais sobre a cultura e as tradições da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima. Eles(as) disseram que não sabiam da matéria e que estavam conhecendo um pouco sobre a Comunidade ali naquela aula. Em relação ao termo “remanescentes”, eles afirmaram que traz a ideia de descendentes, explicitando que os moradores da Comunidade de São Pedro de Cima são descendentes de pessoas que foram escravizadas.

Após essa apresentação e as reflexões a respeito do que foi exposto, propus a divisão dos grupos e o sorteio dos locais onde cada um iria realizar a pesquisa. O objetivo de cada grupo era coletar informações e buscar dados, fontes, objetos e artefatos sobre o povo, a cultura e as tradições da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima. Para isso, eles(as) deveriam ir aos locais e conversar com as pessoas sugeridas. Os(as) estudantes teriam um prazo de duas semanas para apresentar aquilo que foi e/ou até mesmo aquilo que não foi encontrado. Esse prazo foi estipulado considerando que, na semana subsequente, não haveria aulas referentes à Unidade Didática, em virtude das atividades propostas pela escola em comemoração à semana do estudante (gincana estudantil, palestras e momentos de diversão e lazer).

Figura 10 – Formação dos grupos e locais sorteados para visitação e pesquisa



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Nesta aula, percebi, desde o início, que os(as) estudantes estavam dispersos(as) e desmotivados(as), sendo difícil estabelecer o diálogo, as discussões e as reflexões. Isso pode ter ocorrido em razão do modo escolhido para o desenvolvimento da aula, de maneira expositiva, metodologia comum no ambiente escolar escola, e pelo fato de ser a última aula do dia, quando normalmente os(as) estudantes já estão cansados(as) e desmotivados(as) em virtude da carga de conteúdo estudado durante o dia. Ainda, pode ser por ter proposto algo inédito, em sala, e isso os(as) tirou da zona de conforto gerando uma resistência.   necessário observar o andamento das próximas aulas realizadas neste horário para melhor entendimento da situa o que ocasionou o desinteresse e a desmotiva o nesse dia.

6.1.5 Aula 5[continua o]: (Re)conhecendo a presença de Quilombolas no Brasil e em Divino (MG)

O planejamento para esta aula foi a apresenta o dos grupos sobre as visitas e as pesquisas realizadas nos locais sorteados. Logo após a apresenta o, organizei um debate com

o que foi encontrado e, principalmente, sobre o que não foi encontrado – eu mesmo já havia realizado esse movimento de busca e pesquisa, como já mencionado.

Para a minha surpresa, ao iniciar a aula e lembrar aquilo que havia sido planejado, apenas um grupo havia realizado a pesquisa e, mesmo assim, os(as) integrantes disseram que fizeram um contato via telefone e por aplicativo de mensagens, mas não realizaram a visita que foi proposta.

Os demais grupos disseram que não realizaram a visita e a pesquisa, pois se confundiram sobre a data da apresentação, indicando que acharam que aconteceriam na semana seguinte. Mas esse fato foi desmentido pelo grupo que realizou a pesquisa e, posteriormente, por todos(as) da turma, dizendo que realmente não haviam realizado as visitas e as pesquisas.

Diante da não execução desta etapa do planejamento, tive um momento de conversa e de reflexão sobre a participação dos(as) estudantes na construção da Unidade Didática e sobre a importância deles(as) como protagonistas do próprio aprendizado.

Após a pandemia de covid-19, com a defasagem escolar de dois anos, professores e professoras têm relatado o desinteresse e a desmotivação por parte de estudantes, alguns relatam, ainda, agressividade e desrespeito. Durante as aulas desta Unidade Didática, nenhum(a) estudante demonstrou agressividade ou desrespeito; no entanto, o que tem sido observado corriqueiramente e relatado em algumas aulas é uma grande falta de interesse e desmotivação. Esse fato pode estar ligado ao retorno pós-pandemia, considerando as narrativas de professores e professoras de outras disciplinas de que a defasagem escolar de dois anos tem atrapalhado a concentração e a motivação dos(as) estudantes.

Diante de tal situação, e após a conversa com os(as) estudantes, eles(as) solicitaram um prazo de mais uma semana para que cumprissem com o combinado. Assim, ficou acordado um novo prazo para realizar as visitas e a pesquisa. Todos(as) se comprometeram a realizar as atividades e contribuir para o prosseguimento da Unidade Didática.

6.1.6 Aula 6 [continuação]: (Re)conhecendo a presença de Quilombolas no Brasil e em Divino (MG)

O planejamento para esta aula seria a continuidade das atividades – agora com os(as) estudantes tendo realizado as visitas, cumprindo o proposto – e a apresentação dos grupos sobre as pesquisas que fizeram nos locais públicos da cidade, seguido de debate e reflexões.

Tendo de fato realizado as visitas, trouxeram o que encontraram em registros, artefatos e/ou objetos sobre a história, a cultura e as tradições dos Quilombolas do Brasil e, principalmente, dos remanescentes de Quilombolas da Comunidade de São Pedro de Cima em Divino (MG).

Secretaria de Educação, Cultura, Esporte E Lazer

De acordo com o sorteio definido em aulas anteriores, o primeiro grupo a apresentar relatos sobre a sua pesquisa foi o que visitou a Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer. Durante a visita, o grupo não conseguiu conversar diretamente com a secretária responsável pela pasta, mas foram recebidos por um funcionário que relatou não haver nada ali sobre os Quilombolas; disse apenas saber da existência de alguns livros sobre Quilombolas do Brasil, mas que essas obras haviam sido doadas para as escolas do município, não sabendo o verdadeiro paradeiro delas e nem quais escolas foram beneficiadas com essas doações.

Figura 11 – Grupos de estudantes em visita à Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer



Fonte: Arquivo pessoal dos(as) estudantes (2022).

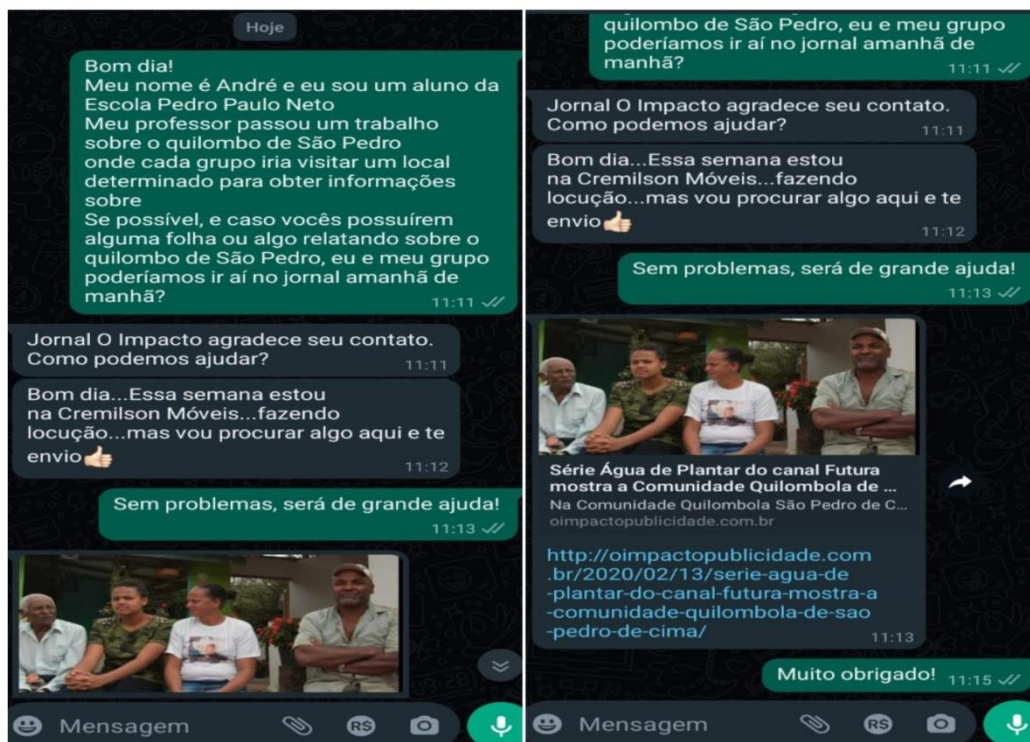
Jornais da cidade (físico ou digitais)

O grupo responsável por visitar e pesquisar jornais de circulação da cidade relatou dificuldade de agenda por parte dos responsáveis, que além de proprietários dos jornais,

exerciam outras profissões. Diante de tal dificuldade, as conversas e a pesquisa aconteceram de maneira virtual, com o uso de aplicativo de mensagens.

Os estudantes desse grupo conseguiram, em conversas com o responsável por um dos jornais, uma reportagem sobre a matéria que o Canal Futura realizou com um membro da Comunidade, com o título “Série Água de Plantar do Canal Futura mostra a Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima”. A matéria apresenta a fotografia de uma família de membros da Comunidade e o link para assistir à série virtualmente. Infelizmente, de acordo com os estudantes, não foi possível ter acesso à matéria porque é necessário ter cadastro e assinatura para ingressar na página. Eles ficaram curiosos em saber do que se tratava e acharam importante uma emissora de televisão realizar uma série com as pessoas da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima. A reportagem realizada pelo jornal local está disponível em: <http://oimpactopublicidade.com.br/2020/02/13/serie-agua-de-plantar-do-canal-futura-mostra-a-Comunidade-Quilombola-de-sao-pedro-de-cima/>, acesso em: 21 mar. 2023.

Figura 12 – Sequência de mensagens entre estudante e dono de um jornal local



Fonte: Arquivo pessoal dos(as) estudantes (2022).

Prefeitura Municipal de Divino

O grupo que se deslocou até a Prefeitura da cidade relatou que também não encontrou referências sobre os Quilombolas do Brasil, nem sobre a Comunidade de remanescentes de

Quilombolas de São Pedro de Cima. O funcionário que os(as) atendeu informou que poderiam encontrar algo na Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer; mas, como já apresentado, o grupo de estudantes que realizou esta visita também nada encontrou.

Insatisfeitos por não encontrar nada, orientadas pela mãe de uma das integrantes, procuraram e realizaram uma pesquisa com a professora Dalgisa, já citada nesta dissertação, por seu intenso envolvimento com o movimento negro e a Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima. A professora disponibilizou para os estudantes parte de uma cartilha feita por universitários da Universidade Federal de Juiz de Fora, durante uma pesquisa que fizeram na Comunidade. Nela, há registros de dados, histórias e uma pouca da cultura do local. A cartilha foi enviada pela professora às estudantes por aplicativo de mensagens.

Figura 13 – Estudantes em visita a Prefeitura Municipal de Divino



Fonte: Arquivo pessoal dos(as) estudantes (2022).

Museu Municipal de Divino e principal Escola Municipal da cidade

No Museu Municipal da cidade, estudantes do grupo conversaram com a funcionária responsável. Relataram que nada encontraram sobre a Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima, mas, no local, existe um artefato utilizado para castigar as pessoas escravizadas, o “vira-mundo”. Eles ouviram relatos da funcionária, consultaram arquivos e foram informados de que esse objeto foi encontrado numa fazenda próxima à

localidade da Comunidade de remanescentes Quilombolas, sugerindo que naquele local existiu escravidão.

Na principal escola municipal da cidade, a E. M. Vereador Tercício Vitelbo Givisiez, os estudantes do grupo conversaram com um funcionário que afirmou não existir nenhum artigo, objeto ou artefato referente à Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima ou sobre quilombos.

Figura 14 – Registro de visita ao Museu e a Escola Municipal



Fonte: Arquivo pessoal dos(as) estudantes (2022).

Conselho Municipal de Patrimônio Cultural (COMPAC)

O último grupo a apresentar relatos da visita e da pesquisa realizadas ficou encarregado de conversar com pessoas ou membros do COMPAC. Por indicação minha, que havia conversado previamente, os(as) estudantes marcaram um encontro com uma pessoa que, atualmente, presta serviços de consultoria para o Conselho.

A reunião foi agendada e aconteceu na sede da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer. A consultora presente explicou aos estudantes o funcionamento do órgão e o seu papel no município. Em relação à pesquisa, ela disse que o COMPAC possui uma cópia da certidão de autorreconhecimento da Comunidade como remanescentes de Quilombolas, além de artigos escritos por estudantes que realizaram pesquisas na Comunidade, já mencionados neste trabalho. A consultora enviou a cópia da certidão e os artigos para os(as)

estudantes por aplicativo de mensagens. Infelizmente, não houve registro fotográfico da reunião.

Após as apresentações dos grupos, provoqueei uma reflexão perguntando se eles(as) haviam encontrado muitas fontes de dados, histórias, objetos e/ou artefatos sobre os Quilombolas do Brasil e sobre a cultura da Comunidade de remanescentes de Quilombolas do município

Os(as) estudantes foram unânimes em dizer que haviam encontrado pouco material e alguns grupos comprovaram essa afirmativa, relatando não ter encontrado nada nos locais visitados. Esse fato causou surpresa e decepção.

Dei prosseguimento às discussões perguntando-lhes qual seria o motivo de terem encontrado pouco material, ou mesmo nenhum, sobre os Quilombolas do Brasil e de Divino (MG). Disseram que poderia ser porque esses povos são vistos com menor importância dentro da sociedade, por isso os órgãos públicos tratam as histórias, os saberes e as culturas Quilombolas com descaso, contribuindo para o processo de apagamento e invisibilização.

Para estimular a reflexão e o diálogo, continuei indagando-lhes sobre o objetivo da Unidade Didática, perguntando: “Qual é a relação do tema gerador (quilombo/Quilombolas) com a escola e, principalmente, com a Educação Física da escola?”.

Alguns(mas) estudantes se mostraram surpresos com esse questionamento e disseram que também já haviam se perguntado sobre o assunto. Outros(as) relataram que em conversas com pais e mães, esses demonstraram curiosidade sobre essa relação. Explorando mais, perguntei sobre o que haviam respondido aos pais e às mães, e os(as) estudantes disseram que se tratava de um trabalho proposto pelo professor.

Diante de tal discussão e pelas reflexões levantadas, indaguei aos(às) estudantes novamente: “Quais são os conteúdos que a Educação Física da escola trata?”. Disseram que são conteúdos relacionados à atividade física; outros(as) falaram que deve tratar de conteúdos sobre esportes, mencionando até alguns exemplos, como futebol, voleibol e basquetebol. Ainda houve menções ao lazer, à saúde e à coordenação motora como conteúdos específicos da Educação Física da escola. Por fim, um estudante disse que a disciplina não trataria de nenhum conteúdo específico e seria apenas um momento de descanso na escola, visto que as outras disciplinas teriam uma carga grande e cansativa de conteúdos ministrados dentro da sala de aula, e o fato de saírem desse ambiente já seria um momento propício ao relaxamento.

Mantendo a discussão, levantei outras questões: “As práticas culturais dos Quilombolas podem fazer parte do programa de Educação Física da escola?” e “Quais práticas culturais Quilombolas podem estar presentes no programa de Educação Física da escola?”.

Prontamente, alguns/mas disseram que as práticas da cultura Quilombola poderiam estar presentes nos programas de Educação Física da escola. Fizeram a associação com a capoeira, dizendo ser um dos conteúdos que poderia estar nas aulas. Outros(as) disseram que talvez poderiam ser algumas brincadeiras e jogos próprios daquela cultura. Um estudante retrucou e disse que achava difícil incorporar práticas dessa cultura, em razão do fato de não terem encontrado dados, fontes históricas, objetos e artefatos sobre esse povo nos locais visitados.

Nesse instante da aula, trouxe a seguinte indagação: “Onde seria possível (re)conhecer práticas Quilombolas e se possível acolhê-las no programa de aulas da Educação Física da escola?”.

Eles(as) disseram que somente na própria Comunidade seria possível encontrar algo sobre a história e a cultura dos remanescentes de Quilombolas, e que talvez lá fosse possível conhecer e (re)conhecer práticas que pudessem estar presentes nas aulas de Educação Física. Lembrando do movimento de reflexão sobre os possíveis locais de busca e pesquisa sobre a cultura Quilombola, um estudante recordou que havia sugerido nas primeiras aulas a ida a um quilombo. Nesse caso, a Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima seria um excelente lugar para ser visitado, a fim de conhecer os saberes, as histórias e a cultura daquele povo.

Os(as) estudantes concordaram com a afirmação e demonstraram empolgação com a possibilidade da visita para conhecer mais sobre a Comunidade. Sendo assim, propus a organização de um roteiro para uma possível visita, que seria agendada previamente com membros da Comunidade.

Ficou acordado que eles(as) iriam pensar em locais que poderiam ser visitados e trazer dúvidas e perguntas que poderiam ser esclarecidas pelas pessoas da Comunidade.

Vale registrar que, diante da empolgação com a organização da visita à Comunidade de São Pedro de Cima, uma estudante relatou que havia residido na Comunidade algum tempo atrás, quando seu pai foi trabalhar e, conseqüentemente, morar lá. Ela disse ter poucas recordações sobre esse período, pois tinha pouca idade e já havia se passado muito tempo dessa experiência.

6.1.7 Aula 7: Realizando a visita à Comunidade Quilombola de Divino

Nesta aula, planejou-se a organização e os detalhes do roteiro para a visita à Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima em Divino (MG). Para

isso, os(as) estudantes deveriam trazer dúvidas e questionamentos que poderiam ser feitos aos moradores, pensando também em possíveis locais de visita.

Expliquei o planejado para a aula e como procederia a organização do roteiro de visita à Comunidade. Indaguei se os(as) estudantes concordavam que a visita seria uma importante fonte de pesquisa e conhecimento da história, da cultura e das práticas Quilombolas que poderiam fazer parte do programa de aulas de Educação Física da escola. Eles(as) foram unânimes ao dizer que sim, que concordavam com a visita e que esse movimento seria de grande importância para o conhecimento e a construção da Unidade Didática.

Diante disso, os primeiros passos na organização da visita foram as questões estruturais, a comunicação com a equipe gestora da escola, a escolha do melhor dia e do horário, a disponibilidade de todos(as), o transporte, a autorização dos pais e/ou responsáveis e a indicação de mais um professor ou uma professora para acompanhar a visita.

Em comum acordo, e por indicação dos(as) estudantes, sexta-feira, dia 9 de setembro, foi o dia escolhido. Ficou decidido que a visita deveria acontecer no período matutino, para não prejudicar a turma, que estuda à tarde, com as demais disciplinas. Apenas um estudante informou que não poderia estar presente na visita por causa de compromissos trabalhistas. Ficou decidido, então, que os(as) colegas lhe passariam as informações e os acontecimentos da visita.

O transporte seria viabilizado pela Prefeitura Municipal de Divino, por meio de ônibus escolar. Cada estudante deveria levar a autorização para os pais e/ou responsáveis assinarem e devolver. Os(as) estudantes indicaram que a professora da disciplina de História também poderia nos acompanhar nessa visita.

Definidos o dia, o horário, a locomoção, a autorização e os acompanhantes, agora era necessário organizar o roteiro: quais possíveis locais para visita, quais pessoas poderiam ser entrevistadas e quais poderiam ser as perguntas feitas às pessoas da Comunidade.

Os(as) estudantes indicaram como possíveis locais de visita dentro da Comunidade a escola e a casa de pessoas idosas, um estudante indicou que poderia haver um memorial ou até mesmo um museu da cultura Quilombola, por fim, indicaram que poderiam visitar estruturas ou arquiteturas antigas. Pelas indicações, ficou acordado que a escola e a casa das pessoas mais idosas da Comunidade seriam os locais visitados.

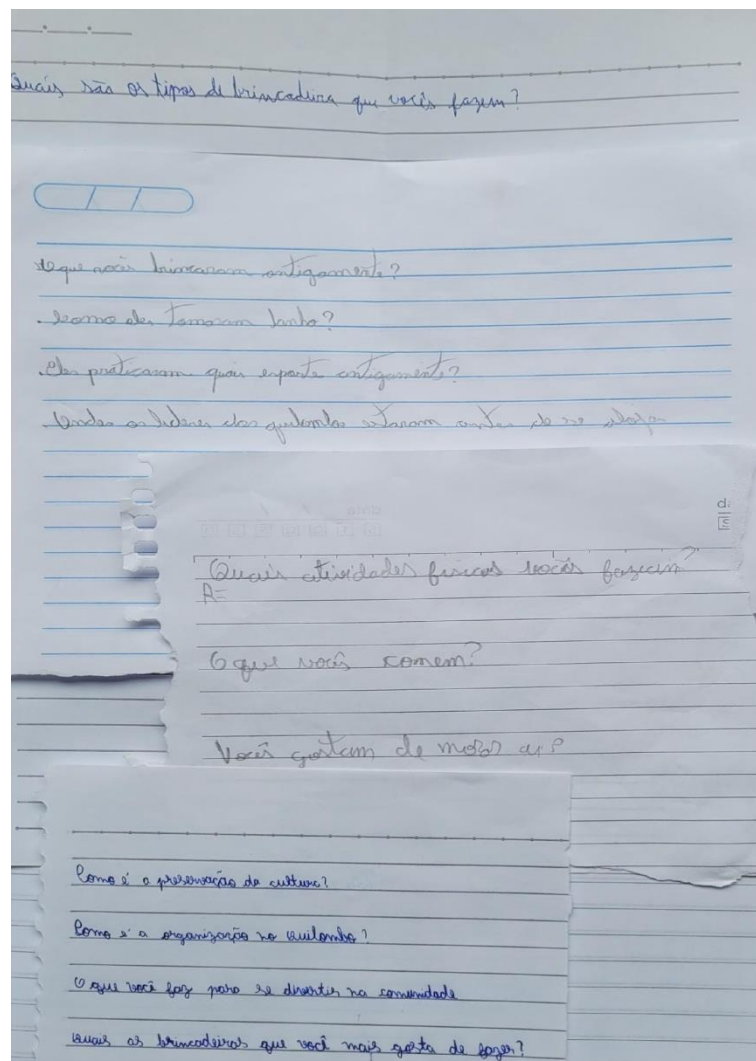
Quanto às pessoas que poderiam ser entrevistadas, os(as) estudantes sugeriram a divisão dessas pessoas pelos locais de visita. Na escola da Comunidade, eles(as) indicaram que gostariam de conversar com a diretora, com o professor ou a professora de História e de Educação Física e, ainda, com alguns estudantes.

Outro local indicado foi a casa de membros da Comunidade, principalmente de pessoas mais idosas. Nessas, a conversa aconteceria com todos os(as) moradores da residência, mas o foco seria tentar fazer a pessoa mais idosa lembrar memórias antigas, tanto pessoais quanto de seus ancestrais.

Os(as) estudantes deram a sugestão de manter os mesmos grupos que haviam realizado as pesquisas nos órgãos públicos da cidade. Cada grupo estaria em um dos locais citados e, depois, nas aulas seguintes, eles(as) poderiam expor para os demais colegas a visita e a entrevista.

Com relação às perguntas que seriam pertinentes e oportunas para esse momento, os(as) estudantes trouxeram algumas questões elaboradas em casa. Também foram surgindo novas perguntas no decorrer da discussão. As perguntas também ficaram agrupadas pelo local e pelas possíveis pessoas que poderiam respondê-las.

Figura 15 – Papéis contendo perguntas trazidas por estudantes



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

O roteiro de perguntas ficou definido da seguinte maneira.

ESCOLA DA COMUNIDADE

✓ Diretora

- Você é morador(a) da Comunidade?
- Você estudou nessa mesma escola?
- Qual a sua formação profissional?
- Há quanto tempo você está na direção da escola?
- Quais são os principais desafios frente à gestão da escola numa Comunidade de remanescentes de Quilombolas?
- Como a escola trata a questão Quilombola com professores e estudantes?
- Existem diferença nas aulas, nas disciplinas e nos conteúdos em relação às demais escolas tradicionais?
- Existem livros ou artigos na biblioteca da escola sobre os Quilombolas e sobre os remanescentes de Quilombolas da Comunidade?
- Você sabe histórias ancestrais sobre a formação da Comunidade e o período escravocrata que a Comunidade viveu?
- Você tem alguma lembrança ou memória de práticas da sua infância ou contadas pelos seus pais e/ou avós que você acredita ser típica da Comunidade Quilombola?
- Como são as aulas de Educação Física nesta escola?
- No programa de Educação Física desta escola, existe alguma prática cultural dos Quilombolas?
- Você acredita que as práticas da cultura Quilombola podem fazer parte do programa de aulas da Educação Física da escola?

✓ Professor(a) de História

- Há quanto tempo você trabalha nesta escola?
- Você é morador(a) da Comunidade ou tem ancestrais aqui?
- Como é trabalhado o conteúdo de História nesta escola?
- Você trabalha algum conteúdo específico da história dos quilombos ou dos Quilombolas?

- Você trabalha algum conteúdo específico sobre a história da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima?
 - Existe algum projeto específico sobre a história e a cultura dos remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima?
 - Conte-nos, por favor, a respeito da sua experiência enquanto professor de História numa escola localizada na Comunidade de remanescentes de Quilombolas.
- ✓ Professor(a) de Educação Física
- Há quanto tempo você trabalha nesta escola?
 - Você é morador(a) da Comunidade ou tem ancestrais aqui?
 - Como é trabalhado o conteúdo de Educação Física nesta escola?
 - Você trabalha algum conteúdo específico da história dos quilombos ou dos Quilombolas?
 - Você trabalha algum conteúdo específico sobre a história da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima?
 - Existe algum projeto específico sobre a história e a cultura dos remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima?
 - Conte-nos, por favor, a respeito da sua experiência enquanto professor de História numa escola localizada na Comunidade de remanescentes de Quilombolas.
 - Você acredita que as práticas dos Quilombolas podem fazer parte do programa de Educação Física da escola?
- ✓ Estudantes da escola da Comunidade
- O que vocês entendem como ser Quilombola?
 - Como é para vocês morar numa Comunidade de remanescentes de Quilombolas?
 - Como vocês veem a questão Quilombola dentro da Comunidade e dentro da escola?
 - Aqui vocês aprendem algo específico a respeito dos Quilombolas do Brasil ou da Comunidade?
 - Como é a relação dos seus familiares com as questões Quilombolas?
 - Vocês sabem sobre o processo de certificação adquirido pela Comunidade na Fundação Cultural Palmares?
 - Vocês sabem de histórias contadas por seus responsáveis sobre a formação da Comunidade e o período escravista?

- Eles(as) já contaram sobre as práticas que eram comuns na infância?
- Eles recordam alguma prática de infância que consideram Quilombola?
- Quais são as práticas culturais que vocês costumam realizar aqui na Comunidade? Do que vocês brincam?
- Vocês reconhecem alguma dessas práticas de divertimento como sendo originárias dos povos Quilombolas?
- Como é a aula de Educação Física nesta escola?
- No programa de Educação Física desta escola, existe alguma prática originária dos Quilombolas?
- Vocês acreditam que as práticas da cultura Quilombola podem fazer parte do programa de aulas da Educação Física da escola?

MORADIA DE MEMBROS DA COMUNIDADE

- Qual é a sua idade?
- Você é nascido(a) aqui na Comunidade?
- Como é para você morar numa Comunidade reconhecida como remanescente de Quilombolas?
- Você conhece a história de formação da Comunidade?
- O que você sabe sobre o processo de certificação de autorreconhecimento como Comunidade remanescente de Quilombolas?
- Como vocês veem a questão Quilombola dentro da Comunidade?
- Você tem alguma lembrança ou já ouviu histórias de familiares sobre o período de escravidão?
- Existem ou já existiram datas ou festas comemorativas na Comunidade? Se sim, quais eram essas datas e/ou festas? Como eram realizadas as comemorações?
- O que vocês fazem para preservar a cultura Quilombola na Comunidade?
- Quais são as memórias da sua infância?
- Vocês sabem histórias de práticas culturais de familiares?
- O que vocês faziam no momento de descanso para se divertir?
- Quais as brincadeiras, brinquedos, jogos, danças e cantos que vocês tinham na infância?
- Vocês têm alguma memória ou sabem histórias de brincadeiras, brinquedos, jogos, danças e cantos de familiares?

- Vocês reconhecem algumas dessas brincadeiras, brinquedos, jogos, danças e cantos como sendo de origem Quilombola?
- Você acredita que existem algumas práticas Quilombolas que podem fazer parte das aulas de Educação Física da escola?

6.1.8 Aula 8: Visita à Comunidade Quilombola de Divino (MG)

Esta aula precedia o dia da visita, então o planejado foi organizar os detalhes finais para a ida à Comunidade e tirar dúvidas quanto às entrevistas que seriam realizadas, seguindo o roteiro previamente estabelecido pelos(as) estudantes em conjunto com o professor. Nesta aula, foi disponibilizada a autorização de viagem, para que cada estudante pudesse entregar aos pais e/ou responsáveis para assinarem, autorizando a ida à Comunidade.

Seguindo o planejado, anteriormente foi realizado um sorteio para definir o local onde cada grupo faria a entrevista. A ordem de locais foi colocada, aleatoriamente, de um até cinco e uma pessoa do grupo iria sortear um número e esse corresponderia ao local que iriam visitar na Comunidade e as pessoas do local que entrevistariam. Foi entregue a cada grupo um roteiro de entrevista para que eles(as) pudessem utilizar como referência, ficando bem claro que não era necessário somente segui-lo, mas sim deixar as pessoas entrevistadas bem à vontade, enquanto os(as) participantes também deveriam ficar tranquilos e tentar tirar todas as dúvidas.

A empolgação e animação vistos na última aula permaneceu nesta, e os(as) estudantes se demonstraram bastante ansiosos e felizes pela visita à Comunidade. Com tudo definido e organizado, terminamos a aula com a expectativa elevada pelo dia da visita.

6.1.9 Aula 9: Realizando a visita à Comunidade Quilombola de Divino (MG)

O dia chegou. A visita à Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima aconteceu na sexta-feira, dia 09/09/2022, no período da manhã. O horário de saída foi marcado para 7h30; e o retorno, às 10h.

Pouco antes do horário marcado, os(as) estudantes começaram a chegar ao portão da escola e não demorou para que todos(as) que haviam confirmado a ida estivessem reunidos. Com todos(as) presentes, fomos à cantina para tomarmos um café da manhã, disponibilizado pela direção da escola. Após esse momento e recolhidas as autorizações assinadas pelos pais,

partimos rumo à Comunidade. Era perceptível que a empolgação vista nas aulas anteriores se mantinha em cada estudante.

Figura 16 – Estudantes reunidos tomando café da manhã antes da visita à Comunidade



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Durante o trajeto até a Comunidade (Figura 17), cada estudante foi apresentando reações diferentes. Alguns(mas) preferiram aproveitar o trajeto para descansarem, outros(as) foram cantando e brincando com os colegas e tiveram aqueles(as) que foram admirando as paisagens e os lugares por onde o ônibus passava.

Figura 17 – Estudantes no ônibus em trajeto até a Comunidade



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Chegamos à Comunidade e desembarcamos na escola, onde fomos recepcionados pela diretora e pelos(as) professores(ras). Os(as) estudantes quiseram conhecer a estrutura física da escola, e então, foram acompanhados(as) por um professor que fez questão de lhes apresentar.

Após esse primeiro contato, os(as) estudantes se dividiram em cinco grupos preestabelecidos e se organizaram para ir aos locais que iriam realizar as entrevistas. Dois grupos permaneceram na escola, um realizou a entrevista com a diretora e com o professor de História e o outro ficou encarregado de entrevistar o professor de Educação Física e conversar com alguns(mas) estudantes da Comunidade.

Os demais grupos seguiram para as residências das famílias da Comunidade que foram escolhidas anteriormente, em razão da grande influência na Comunidade ou por terem como membros da família pessoas mais idosas, sugestão feita pelos(as) estudantes. As famílias visitadas foram a da dona Geralda, do senhor José Vico, da dona Margarida e seus filhos, José

e Aparecida; e a do Paulão. Em razão da distância entre elas, os(as) estudantes foram até as casas utilizando o ônibus e, posteriormente, retornaram para a escola da mesma maneira.

Figura 18 – Fotos registradas durante a visita de estudantes



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Após todos os grupos realizarem as entrevistas e retornarem para a escola, eles(as) tiveram um momento de interação com os(as) estudantes da Comunidade, no qual puderam comer da comida preparada na escola e participar de uma partida de queimada, organizada pelo professor de Educação Física. Logo em seguida, nos reunimos em frente à escola e ao lado da placa com as informações de reconhecimento da Comunidade enquanto remanescentes de Quilombolas para registrar uma foto (Figuras 19 e 20).

Figura 19 – Estudantes e professor reunidos em frente à escola na Comunidade



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 20 – Estudantes e professor reunidos ao lado da placa de reconhecimento da Comunidade Quilombola



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

O retorno foi cheio de comentários a respeito das primeiras impressões sobre a Comunidade, sobre as pessoas pertencentes a ela, sobre a escola e o ensino. Os relatos foram principalmente em relação à surpresa e até uma frustração inicial pelo fato de não terem encontrado de imediato, nas falas das pessoas entrevistadas e na escola, as práticas de divertimento, brincadeiras, brinquedos e jogos que pensávamos ser de origem da cultura Quilombola. Esse conceito e essa busca foram construídos por meio de nossas experiências e daquilo que a sociedade nos levava à acreditar.

A empolgação observada nas aulas que antecederam a visita deu lugar a um sentimento de inquietação, que ficou evidenciado em muitas falas. Os(as) estudantes expressaram esse sentimento dizendo: “professor, eles não sabem nada sobre a cultura Quilombola”; “as aulas de Educação Física são iguais às nossas, não tem nada sobre a cultura Quilombola”; “o moço sabe de muita coisa, mas nada de práticas de divertimento da cultura Quilombola”; “eu esperava encontrar um monte de brincadeiras Quilombolas”.

Essa inquietação ganha sentido quando contrastadas com as buscas realizadas nas diversas instâncias públicas, quando pouco ou nada foi encontrado, indicando novamente aqui o apagamento e o epistemicídio das culturas e dos povos pela sociedade.

O fato de os(as) estudantes não encontrarem os registros e as memórias de práticas de divertimento, de brincadeiras, de brinquedos, de jogos, de danças e cantos da cultura Quilombola naquela Comunidade, contrapondo a expectativa inicial, trouxe um impacto e um choque em todos(as), o que necessitou de uma problematização para a continuidade da Unidade Didática, planejada para “(re)conhecer, acolher e vivenciar as práticas dessa Comunidade no programa de aulas da Educação Física”. A seguir, está relatado como se encaminhou a reorientação da Unidade Didática após as impressões geradas pela visita.

6.2 ‘FRUSTRAÇÃO INICIAL’, PROBLEMATIZAÇÃO, REFLEXÃO E BUSCA DE NOVOS RUMOS PARA A UNIDADE DIDÁTICA

A visita à Comunidade Quilombola completou a primeira metade da Unidade Didática. O planejamento da segunda metade estava diretamente relacionado ao que lá teria sido encontrado e colhido, isto é, a fonte para as próximas aulas, como inicialmente previsto e abaixo relembrado:

“Aulas 10 a 12 – Organização dos registros coletados

- Reflexão sobre as impressões, inquietações, constatações que os(as) estudantes encontraram na Comunidade.
- Tratamento das informações sobre a Comunidade de remanescentes de Quilombolas de Divino (MG).
- Reflexão sobre as práticas culturais da Comunidade como conhecimento para a Educação Física.

Aulas 13 a 16 – Vivência de práticas culturais dos Quilombolas de Divino (MG)

- Planejamento das vivências de práticas pesquisadas na Comunidade Quilombola.
- Eventual recepção de pessoas da Comunidade para participação em atividades programadas: roda de conversa, ensino de práticas durante a aula de Educação Física etc.

Aulas 17 a 20 – Reflexão e discussão sobre a experiência vivida.

- Retomar as atividades vivenciadas e propor um debate sobre a presença da cultura Quilombola no município e a experiência de acolhê-las no ensino de Educação Física.
- Elaboração de portfólio com os registros realizados pelos estudantes durante a Unidade Didática para ser incorporado ao acervo da biblioteca da escola.
- Avaliação final: roda de conversa envolvendo estudantes, professor e, se possível, membros da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de Divino (MG) para um uma reflexão e avaliação sobre a experiência vivida na Unidade Didática.”

No entanto, com base na experiência vivida na visita que realizamos à Comunidade, e considerando a frustração inicial gerada, foram necessárias uma problematização e uma reorientação.

Já durante o percurso de retorno da visita, ainda dentro do ônibus, os(as) estudantes relatavam suas primeiras impressões e externavam uma certa surpresa, inquietação e mesmo uma frustração, pois esperavam encontrar, de imediato, as fontes históricas, as práticas corporais e os conhecimentos sobre a cultura Quilombola daquele local. A expectativa era encontrar uma Comunidade pura, sem atravessamentos e com forte traços identitários, várias práticas que pudessem compor um inventário para ser vivenciadas nas aulas, além da possibilidade de receber pessoas da Comunidade em nossas aulas para ensinar suas práticas. Não foi bem o que aconteceu no real, lembrando o que diz Riobaldo Tatarana, em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa (2019, p. 53), “o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”

Passada uma semana da visita, nos reencontramos e não havia outra coisa a fazer senão conversar para compartilhar as impressões que tivemos dos encontros e das entrevistas com as pessoas da Comunidade. Foram aulas importantes para problematizar as circunstâncias vividas e percebermos que, tal como planejada, a segunda metade da Unidade Didática necessitava ser reorientada pela compreensão do que tínhamos diante de nós, condição para superar a frustração inicial e propor novos caminhos para chegar ao nosso objetivo inicial. Era preciso pensar outros caminhos para continuar indo ao encontro de nossos interesses.

6.3 REORIENTANDO A UNIDADE DIDÁTICA: NOVAS ESCOLHAS, UM MESMO INTERESSE

Vários caminhos foram (re)pensados. Cogitamos retornar à Comunidade de São Pedro de Cima, na tentativa de retomar nossas buscas pelas práticas. Esse movimento seria interessante, mas as condições objetivas para realizá-lo não o favoreceram: a logística necessária (desde o ônibus até o diálogo com outros professores para liberar aulas), o calendário escolar (com suas múltiplas atividades e a aproximação com o final do ano letivo e suas características próprias na dinâmica escolar), entre outras circunstâncias que envolvem o cotidiano de uma escola pública. Assim, infelizmente, esse caminho não se apresentava mais viável.

A tentativa de refletir sobre as impressões causadas pela visita e encontrar caminhos levou-nos a problematizar a frustração inicial, entender as questões identitárias daquela Comunidade, os atravessamentos pelos quais passou e passa e discutir a possibilidade de buscarmos por práticas culturais Quilombola em outras fontes, dialogando com o conhecimento produzido a respeito e disponível em livros, periódicos, teses, documentários e internet.

Assim, foi por esse caminho que seguimos. Ele exigiu também a redefinição da elaboração do portfólio inicialmente previsto, agora registrando as práticas pesquisadas nas fontes indicadas e realizadas em nossas aulas. Este portfólio poderia ser levado à escola da Comunidade e apresentado ao professor de Educação Física como possível sugestão para as aulas.

6.3.1 Aula 10: Reflexão sobre as impressões, inquietações e constatações que os alunos encontraram na Comunidade.

Nessa aula pós-visita, cada estudante teve a oportunidade de falar com os(as) colegas como foram as entrevistas com as pessoas na Comunidade e as impressões e inquietações que tiveram ao realizar o movimento de conhecer mais sobre aquela cultura.

Definimos que, primeiramente, cada grupo iria explicar para os demais como foram as entrevistas com as pessoas da Comunidade e com os(as) professores e estudantes na escola. Em seguida, faríamos um debate com as informações trazidas.

Aleatoriamente, cada estudante representando seu grupo foi relatando sua vivência e experiência durante a visita à Comunidade. Foi unanimidade nas falas a boa receptividade e a saborosa comida preparada pelas funcionárias da escola. Outra impressão muito presente nas falas foi a surpresa de não ter registros daquilo que nós pensávamos e gostaríamos de encontrar sobre a cultura Quilombola e, ainda, a demonstração de uma fraca identificação das pessoas entrevistadas, por não se reconhecerem enquanto remanescentes de Quilombolas, este fato pode estar diretamente relacionado com os atravessamentos que aquela comunidade passou ao longo do tempo e passa nos dias atuais.

Nos relatos dos(as) estudantes a respeito das entrevistas, as pessoas mais idosas disseram não saber sobre a cultura Quilombola e não reconhecem práticas que sejam desses povos. Surgiram relatos de práticas de divertimento, brinquedos, brincadeiras, danças, cantos e festividades de cunho religioso. As práticas mais comuns que apareceram nas entrevistas foram os brinquedos construídos por eles(as) mesmos: bonecas feitas de sabugo e palha de milho, carrinhos feitos de madeiras e carretéis de linha e a peteca, feita de penas de galinhas; e as festividades que existiam na Comunidade: Folia de Reis, Ladainhas e as Fogueiras de São João e São Pedro. Ainda assim, nenhum dos moradores entrevistados reconhecem essas práticas como pertencentes da cultura Quilombola.

Nas entrevistas realizadas na escola foram encontradas algumas práticas que são realizadas e atribuídas à cultura Quilombola. O fato de a escola ter a disciplina de História da

Cultura Afro e a Capoeira no currículo pode ser um vestígio de ligação com aquela cultura. Os(as) estudantes daquela escola não se reconhecem enquanto descendentes de Quilombolas e relataram não saber muito sobre a cultura e o processo de autorreconhecimento da Comunidade. Na fala do professor de História e História da Cultura Afro, o processo de autorreconhecimento ainda é um entrave para algumas pessoas e, por isso, vários(as) estudantes não se reconhecem enquanto Quilombolas, o que enfatiza a questão da identidade ainda fraca que permeia aquele povo.

Em relação à conversa com o professor de Educação Física, os(as) estudantes disseram que as aulas são iguais às que eles(as) têm na nossa escola. O currículo segue o proposto em documentos norteadores, e o planejamento é realizado enfatizando as práticas tradicionais, os esportes, os jogos e as brincadeiras, a ginástica e a dança. De acordo com o professor, não há, na escola, nenhum projeto que possa incluir as práticas da cultura Quilombola no programa de aulas da Educação Física. A capoeira está presente na escola, mas não está no programa de aulas da Educação Física. Ela é ofertada por meio de um projeto extracurricular, disponibilizado para as turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, e as aulas são ministradas por um professor capoeirista da cidade.

Diante dos relatos dos(as) estudantes sobre as entrevistas realizadas com os moradores Comunidade de remanescentes de Quilombolas, vários(as) demonstraram inquietação ao fato de não terem encontrado práticas corporais que poderiam ser incorporadas ao programa de aulas da Educação Física. Segundo eles(as), o esperado era encontrar na Comunidade muito sobre a cultura, contrapondo a pesquisa inicial realizada nos órgãos públicos da cidade. Esse fato de encontrarem poucos registros históricos ou vivências na própria Comunidade nos fez refletir e problematizar sobre a identidade Quilombola, o quilombo contemporâneo, o apagamento e a invisibilidade que a sociedade impõe a esses povos e sobre como nós, de maioria branca, criados nesse meio social que apaga os povos tradicionais, poderíamos reconhecer e acolher essas culturas.

Após os relatos dos(as) estudantes, indaguei-lhes quanto ao movimento que poderíamos realizar, primeiramente para tentarmos entender melhor a constituição da identidade, a formação e a organização territorial, política e social daquela Comunidade, para, assim, encontrarmos práticas culturais que poderiam ser incorporadas no programa de aulas da Educação Física e, ainda, para combater o apagamento e o epistemicídio. Os(as) estudantes sugeriram pesquisar mais sobre as histórias, os saberes e as práticas culturais, buscando vivenciá-las durante as aulas de Educação Física. A pesquisa poderia ser feita na internet e nos

livros encontrados na biblioteca da escola, também sugeri a pesquisa em artigos, dissertações e teses de autores que já tentaram um movimento semelhante.

De antemão, alguns dos(as) estudantes disseram que as práticas relatadas pelas pessoas da Comunidade nas entrevistas poderiam ser vivenciadas nas aulas: a capoeira, a peteca e o cabo de guerra. Propus que eles(as) pesquisassem se essas práticas são de origem da cultura Quilombola e, então, poderíamos refletir se elas deveriam entrar no nosso programa de aulas.

Depois de um período de discussões e reflexões, chegamos à conclusão de que a capoeira era uma das práticas importantes para compor a nossa Unidade Didática, visto que ela está presente na Comunidade, como foi confirmado nas entrevistas realizadas pela turma, e já havia também sido citada por um colega da própria turma em nossas problematizações iniciais. Essa é uma prática sempre lembrada e reconhecida como modo de resistência nos quilombos históricos e contemporâneos.

Por fim, solicitei que produzissem um texto reflexivo sobre as aulas desta Unidade Didática realizadas até aquele momento. No texto, eles(as) deveriam rememorar todo o percurso, os diálogos, os debates e as reflexões vivenciados, retomando o movimento de visita aos órgãos públicos da cidade, assim como a visita realizada à Comunidade. Em seguida, deveriam expressar as impressões e as reflexões a respeito da construção das aulas até o presente momento.

6.3.2 Aula 11: Reflexão sobre as impressões, inquietações e constatações que os alunos encontraram na Comunidade.

Na aula seguinte, os(as) estudantes fizeram a entrega do texto solicitado e retomamos as impressões geradas pela visita. A ideia foi retomar o debate sobre o impacto ocasionado entre aquilo que tínhamos como expectativa e o que encontramos na realidade.

Comecei a discussão relembando as falas sobre as impressões que tiveram na visita à Comunidade. Trouxe as falas deles(elas) de surpresa e até a frustração inicial diante do fato de não encontrarem memórias, fatos e fontes sobre aquela cultura e as práticas que poderiam ser incorporados ao nosso programa de aulas da Educação Física da escola.

Indaguei-lhes sobre o fato de também não terem encontrado dados ou fontes históricas e práticas culturais a respeito da cultura dos Quilombolas nos órgãos públicos e na Comunidade, verificando se eles(as) compreendiam o motivo desse apagamento e a invisibilização daquela cultura e daquele povo.

Alguns(mas) estudantes disseram que esse apagamento poderia sugerir um desleixo dos órgãos públicos a essas culturas, outros(as) sugeriram que as pessoas da Comunidade poderiam ter vergonha e tiveram aqueles(as) que atribuíram a uma vontade de não querer se reconhecer ou serem reconhecidos(as). Disseram, ainda, que a sociedade parecia não querer reconhecer esses povos e essas culturas e que isso refletia na maneira como as pessoas da própria Comunidade se posicionavam em relação ao seu processo identitário.

Diante das reflexões realizadas, propus que convidássemos novamente os professores de História e, numa nova roda de conversa, tentássemos entender essa fraca identificação das pessoas da própria Comunidade e até o apagamento e a invisibilidade dos povos Quilombolas e, principalmente, daqueles que estão na cidade onde residimos.

Ao fazer a leitura dos textos reflexivos escritos pelos(as) estudantes, pude perceber que escreveram inicialmente as experiências construídas e vividas até o momento. Depois, fizeram reflexões sobre a construção da Unidade Didática e as suas vivências. Vários(as) escreveram em suas narrativas as memórias das aulas, desde as discussões iniciais, até a busca por fontes históricas, a organização para a visita e a ida até a Comunidade.

Destaco os seguintes trechos: “fomos divididos em grupos para pesquisar sobre os Quilombolas no museu, na escola, na prefeitura e nos jornais da cidade, mas infelizmente não conseguimos encontrar nada”; “meu grupo foi na Secretaria de Educação procurar alguma informação sobre os Quilombolas de Divino, mas infelizmente não encontramos nada”; “no museu, não havia quase nenhum registro sobre Quilombolas, somente um objeto utilizado para castigar as pessoas escravizadas”. Esses trechos retratam a decepção dos(das) estudantes com o fato de não conseguirem encontrar informações e dados históricos sobre os Quilombolas nos órgãos públicos visitados.

A frustração inicial que a visita à Comunidade gerou também aparece em alguns textos. Uma estudante faz o seguinte relato: “Eu entendi que ninguém sabe muito sobre os Quilombolas, eles não se interessam pelo seu passado e pela sua cultura”. Nessa fala, ela enfatiza as impressões de fraco reconhecimento identitário que eles(as) tiveram após a realização das entrevistas com pessoas da Comunidade.

No que diz respeito as práticas culturais Quilombolas, alguns(mas) relataram o fato de não terem encontrado possíveis atividades, mas outros(as) trouxeram práticas que as pessoas das Comunidades disseram durante as entrevistas, a exemplo das festas religiosas, que, segundo eles(as), eram repletas de comidas, músicas e danças, e, ainda, a produção artesanal de brinquedos. Um estudante citou a fala da diretora da escola sobre a oferta da capoeira e a

importância dessa prática; outra estudante disse que seria importante aprender essa “nova” cultura e principalmente aprender a capoeira.

Muitos trouxeram a reflexão de não saberem, até as nossas aulas, a existência de uma Comunidade de remanescentes de Quilombolas em nossa própria cidade de Divino. Disseram ser curioso e decepcionante descobrirem como a sociedade inviabiliza essas culturas e relataram, ainda, a importância de conhecerem, reconhecerem e acolherem novas culturas e novos saberes.

6.3.3 Aula 12: Tratamento das informações sobre a Comunidade de remanescentes de Quilombolas de Divino (MG) e suas práticas culturais

No intuito de problematizar e tratar as informações e as reflexões trazidas pelos(as) estudantes após a visita à Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima e a fim de tentar entender as constatações feita por eles(as) a respeito do fraco reconhecimento identitário e o apagamento e a invisibilidade das culturas dos povos tradicionais e, nesse caso, os Quilombolas, convidamos a professora de História da turma para uma nova roda de conversa (Figura 21).

Figura 21 – Roda de conversa com a professora de História



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Dessa vez, eles(as) ficaram à vontade para tentar, através do conhecimento da professora de História, buscar respostas para o impacto que a visita e as entrevistas realizadas na Comunidade geraram e também para entender mais sobre como a sociedade contemporânea e os próprios moradores de São Pedro de Cima tratam as histórias, os saberes, as tradições e as práticas culturais dos povos tradicionais do Brasil.

Iniciamos fazendo uma breve contextualização dos movimentos realizados desde a aula que a professora participou, juntamente com o seu colega também professor de História, até a presente aula. Explicamos os movimentos de pesquisa sobre os Quilombolas do Brasil e da Comunidade de São Pedro de Cima, que os(as) estudantes realizaram nos órgãos públicos da cidade, falamos sobre como foi organizada e programada a visita até a Comunidade e sobre as primeiras impressões dos(as) estudantes depois da visita.

Após essa conversa inicial, os(as) estudantes começaram a fazer perguntas para tentar entender um pouco sobre aquilo que haviam vivenciado. Uma estudante disse que a visita havia sido uma perda de tempo, pois não encontraram as práticas culturais que fomos buscar, evidenciando a frustração gerada.

Um estudante perguntou à professora qual seria o motivo de as pessoas entrevistadas na Comunidade tratarem as questões quilombolas e o fato de residirem numa Comunidade reconhecida como de remanescentes de quilombo com certo deboche e até mesmo com descaso, como se esse fato não fosse importante. Completando essa pergunta, uma estudante comentou que as pessoas da Comunidade se sentem envergonhadas quando o assunto é o reconhecimento e pertencimento.

Respondendo ao questionamento e às impressões descritas pelo estudante e as colegas, a professora disse que o fatos narrados seriam pela falta de conhecimento das próprias pessoas moradoras da Comunidade e completou dizendo que, por muito tempo na nossa sociedade, a cor da pele era motivo de distinção entre as pessoas, tratando pessoas negras com inferioridade, citando como exemplo o cabelo afro, que sempre foi tratado como ruim e que esse fato ocasionaria a vontade de se esconderem e não serem reconhecidos.

Uma estudante trouxe para a roda de conversa um questionamento sobre a quantidade de pessoas de pele clara que haviam encontrado na Comunidade. Quanto a isso, a professora explicou que pode ser uma consequência da grande miscigenação existente no Brasil. Outro fato que poderia explicar a diversidade de pessoas presente na Comunidade é a chegada de várias famílias na década de 1980 para a plantação e colheita de café na região.

Foi perguntado à professora de História se ela conhecia alguma prática das culturas quilombolas que poderia ser incorporada ao programa de aulas da Educação Física da escola. Ela citou a capoeira, prática que também foi mencionada pelas pessoas da própria Comunidade, e fez menção ao sincretismo religioso e às suas práticas, muito comuns em Comunidades Quilombolas, como Folia de Reis, Ladainhas e festas em homenagens aos santos. Os(as) estudantes, nesse momento, trouxeram lembranças das falas de alguns moradores sobre essas festas e práticas religiosas que existiam na Comunidade, mas que, no momento, estão adormecidas.

Por fim, um estudante questionou a professora a respeito das fontes nas quais poderiam encontrar mais práticas das culturas quilombolas e ela indicou que eles retomassem os livros pesquisados e fizessem pesquisas na internet.

6.3.4 Aula 13: Reflexões sobre o conceito contemporâneo de Quilombo

Diante do movimento realizado até aqui, pensando sobre a construção coletiva desta Unidade Didática e após a discussão e as reflexões feitas no exame de qualificação do presente

trabalho, percebi que se fazia necessário aprofundar as reflexões sobre o conceito contemporâneo de quilombo.

As discussões realizadas nas aulas com os(as) estudantes, as conversas com os professores de História e as experiências vividas trouxeram para a Unidade Didática exclusivamente o conhecimento do conceito de quilombo histórico, o que não condiz com a realidade da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima e com o percurso desta dissertação e com os objetivos propostos para essa construção coletiva dentro da escola.

As impressões que a visita gerou nos(as) estudantes em relação à situação de fraco reconhecimento identitário e até mesmo de descaso das pessoas da Comunidade demonstrou o quanto era necessário aprofundar essa discussão, problematizando e refletindo sobre o que seria considerado um quilombo na atualidade.

A partir disso, esta aula foi importante para que pudéssemos conversar e refletir sobre o conceito contemporâneo a respeito da formação dos quilombos, o reconhecimento, a afirmação e as questões territoriais e de resistência que envolvem as Comunidades de remanescentes de Quilombolas.

Comecei a aula perguntando se os(as) estudantes sabiam algo sobre o conceito contemporâneo de Quilombo, se eles haviam pesquisado algo sobre isso ou se sabiam a respeito. Eles(as) disseram que não tinham esse conhecimento e acreditavam que era o conceito histórico, até construído por eles, era o único existente.

Apresentei à turma o Decreto n. 4.887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das Comunidades dos quilombos, e trouxe para a discussão o que está escrito no artigo 2º, em seus parágrafos 1º e 2º, transcritos abaixo:

Art. 2º: Consideram-se remanescentes das Comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

§ 1º Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das Comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria Comunidade.

§ 2º São terras ocupadas por remanescentes das Comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural (BRASIL, 2003).

Diante do escrito no decreto supracitado, os(as) estudantes fizeram uma relação com a história de formação da Comunidade e o que vivenciaram e pesquisaram na Comunidade de remanescentes de quilombos de São Pedro de Cima. Refletiram sobre as questões territoriais que viram na Comunidade, a maneira como as famílias veem a terra e as suas tradições.

Após essas reflexões, os(as) estudantes expuseram que não haviam pensado dessa maneira e que essa conceituação contemporânea poderia ajudá-los(as) a entender muitas coisas que apareceram durante a construção desta Unidade Didática, como o próprio olhar deles(as) para as questões de identificação da Comunidade.

Propus que eles pensassem como poderíamos, a partir de agora, tentar envolver mais as pessoas da Comunidade, os(as) estudantes e o professor de Educação Física na nossa construção da Unidade Didática.

Os(as) estudantes sugeriram que convidássemos o professor de Educação Física para uma roda de conversa na qual pudéssemos propor uma pesquisa em conjunto, onde ele iria envolver os(as) estudantes dele numa pesquisa na própria Comunidade sobre práticas culturais que poderiam fazer parte do programa de aulas da Educação Física da escola e que, posteriormente, deveriam ser vivenciadas na escola em São Pedro de Cima e em nossas aulas.

Diante da sugestão feita pelos(as) estudantes, disse que iria fazer o convite ao professor para que ele estivesse numa aula conosco e que organizássemos uma roda de conversa para expor as informações a respeito do que havíamos refletido.

6.3.5 Aula 14: Reflexão sobre as práticas corporais da Comunidade como conhecimento para a Educação Física.

Buscando um movimento de envolver a Comunidade e seus membros nas aulas, com base nas impressões ocasionadas pela visita e realizando um movimento de pesquisa de práticas culturais que pudessem ser incorporadas às nossas aulas e vivenciadas pelos(as) estudantes, convidamos o professor de Educação Física da escola localizada na Comunidade de São Pedro de Cima para participar de uma roda de conversa e para propor um movimento em conjunto (Figura 22).

O professor Vinicius prontamente aceitou o convite para tentar esclarecer as dúvidas em relação às aulas de Educação Física realizadas na escola onde leciona e as impressões que ele, enquanto professor, tem a respeito das práticas da cultura Quilombola e do reconhecimento das pessoas sobre as questões Quilombolas presentes na Comunidade.

Figura 22 – Roda de conversa com o professor Vinícius



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Começamos a aula contextualizado os passos realizados por nós após a visita. Falamos das impressões que a visita gerou na turma, explicando que havíamos problematizado a frustração inicial, conversando com a professora de História e trabalhado o conceito contemporâneo de quilombo para tentarmos entender melhor as questões que permeiam o contexto histórico, a identidade, o reconhecimento, as tradições e as práticas culturais da Comunidade.

Em seguida, o professor disse que achava muito importante todo esse processo que estávamos realizando, pois, de acordo com ele, muitas pessoas não conhecem sobre o tema e principalmente sobre a Comunidade de remanescentes de quilombos de São Pedro de Cima. Exemplificando sua fala, ele mesmo só passou a ter algum conhecimento sobre a Comunidade no momento em que começou a trabalhar na escola, e completou dizendo que acha muito importante a capoeira fazer parte das atividades que a escola oferece.

Após esse relato, um estudante disse que talvez nós não houvéssemos encontrado aquilo que fomos procurar, pois o nosso pensamento estava de acordo com o que a sociedade impõe, corroborando com o apagamento e a invisibilidade daquele povo e sua cultura.

Outro estudante perguntou ao professor o que ele achava das pessoas da Comunidade e os(as) estudantes tratarem com pouca importância e com deboche as questões relacionadas aos Quilombolas e o fato do reconhecimento da Comunidade como remanescente de quilombo. O professor respondeu que os(as) estudantes não têm conhecimento a respeito do assunto e que essas questões são trabalhadas pela escola somente em datas comemorativas, como no Dia da Consciência Negra. Disse, ainda, que muitos professores que trabalham na escola, por não serem membros da Comunidade, também não têm conhecimento sobre o tema. Ele acredita que a escola deveria fomentar práticas que incentivem o conhecimento e reconhecimento das práticas culturais presentes na Comunidade, reforçando que é necessário um trabalho mais abrangente e inclusivo sobre aquela cultura dentro da escola.

O professor relatou que a escola não é considerada um Escola de Educação Quilombola. Tal fato vai na contramão do que prescreve a CNE/CEB Nº 8, de 20 de novembro de 2012, em seu Art. IV, que considera que a Educação Quilombola deve ser ofertada por estabelecimentos de ensino localizados em Comunidades reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis como Quilombolas, rurais e urbanas, bem como por estabelecimentos de ensino próximos a essas Comunidades que recebem parte significativa dos estudantes oriundos dos territórios Quilombolas.

Enfatizou que seria importante a escola abordar e resgatar, juntamente com as pessoas da Comunidade, as histórias, os saberes e as práticas da cultura quilombola de São Pedro de Cima, para que isso não se perca com o tempo e com o falecimento dos anciões da Comunidade. Diante dessa fala, alguns(mas) estudantes lembraram as entrevistas que realizaram com pessoas anciãs da Comunidade e disseram que muitos já estão com a memória comprometida em razão da idade avançada, mostrando que isso já seria um problema.

Um estudante perguntou se as práticas que o professor trabalha nas aulas de Educação Física na escola da Comunidade são as mesmas vivenciadas nas nossas aulas, os mesmos jogos e brincadeiras. O professor respondeu que sim, o planejamento das aulas é feito de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é o documento norteador vigente na educação. O professor complementou dizendo que não havia nenhum planejamento específico para incorporar as práticas culturais Quilombolas em suas aulas.

O professor Vinícius externou que a construção desta Unidade Didática em conjunto com estudantes trará muitos benefícios para a área da Educação Física, para a escola e, principalmente, para a população da nossa cidade e os remanescentes de quilombos de São Pedro de Cima. Ele sugeriu que, após o término desta ação de ensino, os(as) estudantes retornassem à escola da Comunidade para divulgar todo o movimento realizado.

Para encerrar a roda de conversa, os(as) estudantes relataram que estavam fazendo um movimento de pesquisa em livros e na internet sobre práticas culturais Quilombolas que poderiam ser incorporadas e vivenciadas no programa de aula da Educação Física da escola e propuseram ao professor que esse movimento fosse realizado em conjunto, com a participação e inclusão dele, de estudantes e pessoas da Comunidade para realizarem uma pesquisa na escola e em suas residências com seus familiares. O professor aceitou o convite para a pesquisa em conjunto e disse que iria envolver os(as) estudantes.

6.3.6 Aula 15: Planejamento de vivências de práticas corporais da Comunidade Quilombola

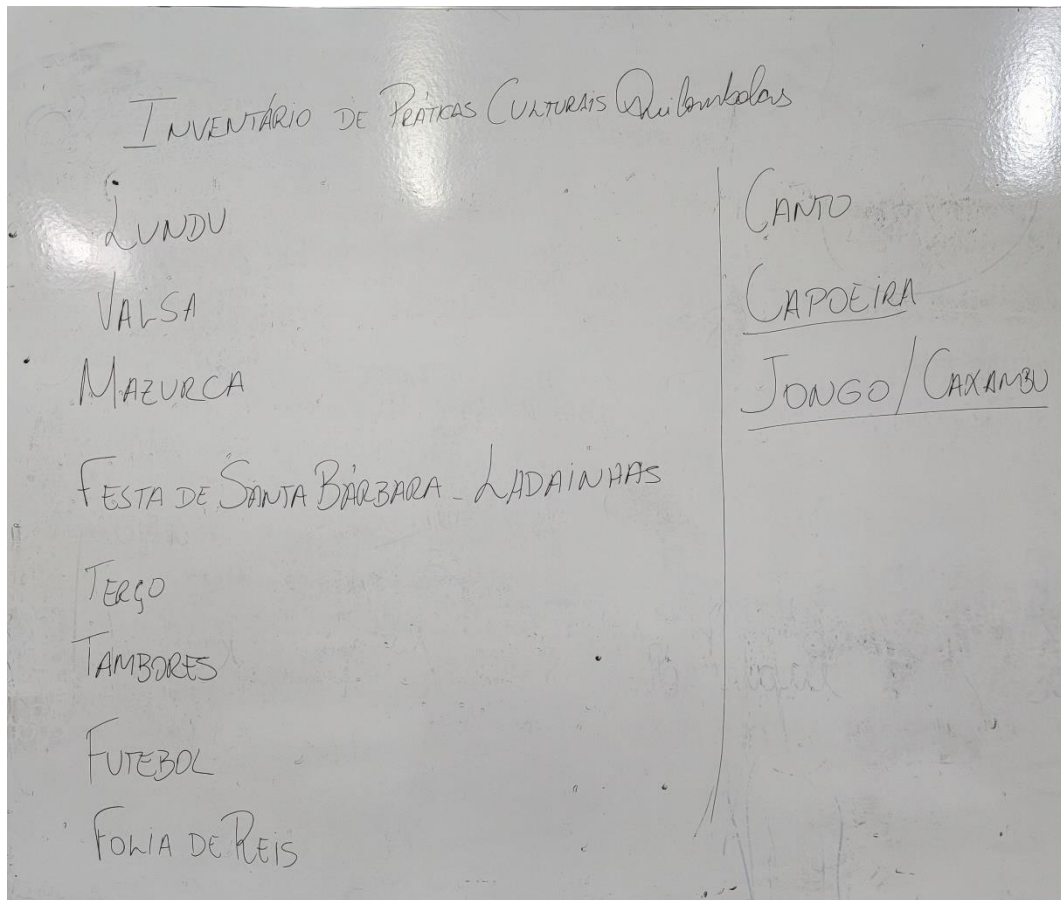
Nesta aula, estava programado que os(as) estudantes iriam trazer as informações pesquisadas a respeito das práticas de Quilombolas, juntamente com as práticas que os(as) estudantes do professor Vinícius pesquisaram. Assim, construiríamos um inventário, em que a proposta inicial era escolher duas ou mais dessas práticas para que pudéssemos vivenciá-las e explorá-las nas nossas aulas.

Apenas um estudante havia realizado a pesquisa prévia como havíamos combinado na aula anterior, então propus que, com o uso dos próprios aparelhos celulares, o restante da turma fizesse uma pesquisa na internet sobre práticas culturais Quilombolas que poderiam ser objeto de estudo nas nossas aulas.

Em relação à pesquisa das práticas de Quilombolas que os(as) estudantes da Comunidade de remanescentes iriam fazer, o professor Vinicius justificou que não conseguiu propor nem realizar a pesquisa em razão do período chuvoso, um impedimento para que ele tivesse aulas com a turma, visto que, nessa época, o ônibus que transporta professores e estudantes não consegue chegar à escola, pois a estrada é de terra e fica cheia de lama.

A ideia da aula era que, com base na pesquisa dos(as) estudantes da turma, pudéssemos montar um inventário de práticas culturais Quilombolas e, desse inventário, escolheríamos duas ou mais práticas, dependendo do tempo e da quantidade de aulas, para que pudéssemos vivenciá-las em nossas aulas. As práticas encontradas ficariam no quadro para que todos pudessem visualizar (Figura 23).

Figura 23 – Inventário de práticas culturais Quilombolas



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Enquanto a turma realizava a pesquisa no aparelho de celular, o estudante que havia feito em casa expôs o que ele encontrou. Ele relatou que fez uma pesquisa de modo geral sobre os Quilombolas e encontrou algumas tradições, atividades, opções de lazer, principais alimentos consumidos e as festividades. Entre as atividades e tradições pesquisadas, surgiram algumas danças, entre elas, o lundu, a valsa e a mazurca. Pesquisando mais sobre as origens dessas danças, encontramos que o lundu é uma dança de origem africana, que provavelmente foi trazida para o Brasil por escravos angolanos. Em relação à origem da demais danças, não encontramos conexões com as culturas africanas e/ou Quilombolas.

À medida que iam pesquisando, outros(as) estudantes falavam de práticas que encontraram na internet, como a festa de Santa Bárbara, festividade em reverência à santa que contém cantos, rituais com tambores, reza de terços e ladainhas em latim. A Folia de Reis também apareceu como prática cultural Quilombola. As festas religiosas em celebração a diversos santos são muito comuns em Comunidades Quilombolas.

Como pudemos identificar por meio das entrevistas e da visita na Comunidade de São Pedro de Cima, é muito tradicional a festa para São Pedro e a fogueira para São João. Os(as) moradores(as) também relataram que o canto das ladainhas em latim e a Folia de Reis eram tradições, mas no momento essas práticas estão adormecidas.

Diante das práticas que foram surgindo, os(as) estudantes disseram que o fato que chamou a atenção foi que havia muitas festividades nas Comunidades Quilombolas e que essas eram marcadas por várias danças, cantos e batuques.

Perguntei a eles se conheciam alguma prática que englobasse movimentos corporais, dança, cantos e batuques. A maioria respondeu a capoeira, e, ainda, enfatizaram que na Comunidade essa prática era vivenciada na escola. Uma estudante disse que já havia praticado e que gostava muito. A fala deles(as) mostra que, na Comunidade, foi encontrada uma prática que é de origem Quilombola e está presente em seu cotidiano, corroborando com um dos objetivos deste trabalho, que é o de acolher e reconhecer práticas culturais presentes em São Pedro de Cima. O próximo passo, portanto, foi vivenciá-la e refletir se é possível incorporar tal prática no programa de aulas da Educação Física da escola.

Também relatei aos estudantes que em pesquisas realizadas descobri uma outra prática comum em algumas Comunidades Quilombolas, que engloba a dança, os cantos, os batuques de tambores. A prática em questão é o jongo, dança de origem africana que chegou ao Brasil por meio de pessoas escravizadas, oriundas da África, e era muito comum nas senzalas, como forma de divertimento e de resistência.

Após essa reflexão, e com as práticas culturais pesquisadas e citadas, visualizamos no quadro o esboço do inventário que nos propusemos a fazer. De acordo com o proposto, os(as) estudantes disseram que gostariam de vivenciar a capoeira e o jongo, que seria uma prática nova, que não estava presente na Comunidade, mas que seria muito interessante conhecer e vivenciar.

Assim, ficou combinado que as próximas aulas seriam de discussão, reflexão e vivências dessas atividades. Esse movimento foi possível através de uma problematização das impressões relatadas pelos(as) estudantes pós-visita e da reorientação desta Unidade Didática, indo ao encontro do que havia sido proposto inicialmente: pesquisar, reconhecer e acolher práticas de Quilombolas no programa de aulas da Educação Física da escola.

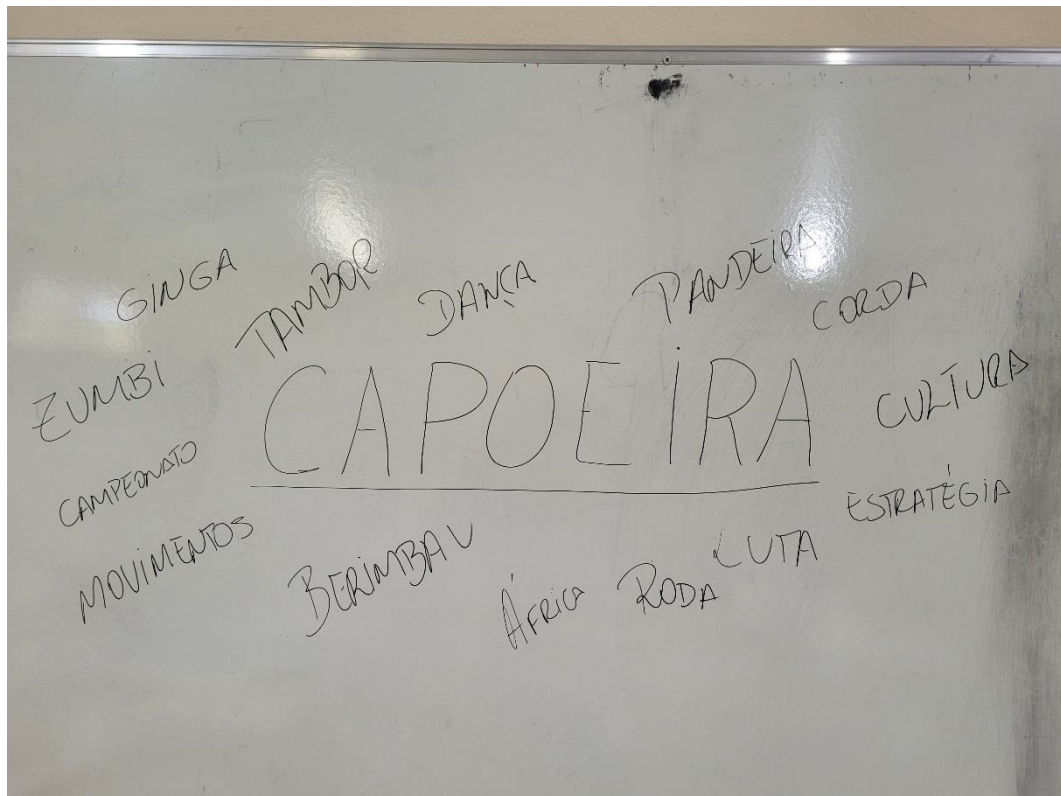
6.3.7 Aula 16: Vivência de práticas corporais de Quilombolas de Divino (MG)

Iniciamos a vivência de práticas corporais presentes em culturas quilombolas escolhendo a capoeira, a partir de nossas reflexões na Unidade Didática. Como já mencionado neste trabalho, essa é uma prática que está presente na escola localizada na Comunidade de remanescentes de quilombos em São Pedro de Cima.

Definimos que a primeira aula seria de discussão e reflexão sobre a história dessa prática, as tradições, suas matrizes, as mudanças ocorridas com o tempo, a forte presença do viés de resistência e o conhecimento prévio que os(as) estudantes tinham sobre ela.

É preciso registrar também os percalços que vivemos no andamento da Unidade Didática, mostrando que no dia-a-dia, nas dinâmicas e nos tempos próprios de uma escola, acontecem situações que obrigam a rever, mudar e refazer planos. Essa aula precisou ser adiada por diversos fatores, entre eles trabalhos extraclasse de outras disciplinas, plantões pedagógicos, sessão de fotos para a formatura, eventos típicos ao ambiente escolar, ainda mais já em final de ano letivo. Escolas são assim... são suas características. E é em circunstâncias como essas que um programa de ensino vai se realizando. Para tentar manter o trabalho, e amenizar os atrasos ocorridos, também pude contar com a ajuda de colegas professores, que cederam suas aulas para nossa Unidade Didática pudesse ser finalizada. Essa aula de vivência prática da capoeira, então, ocorreu numa dessas aulas cedidas por um colega.

Figura 24 – Tempestade de ideias sobre a capoeira



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Para mobilizar os conhecimentos prévios dos(as) estudantes a respeito da capoeira, trabalhei com uma tempestade de ideias sobre o tema, na qual cada um(a) deveria escrever uma palavra que remetesse ao tema. Várias palavras surgiram, como: “ginga”, “tambor”, “dança”, “pandeiro”, “corda”, “cultura”, “zumbi”, “campeonato”, “movimentos”, “berimbau”, “África”, “roda”, “luta” e “estratégia”.

Ao seu modo, cada estudante explicou um pouco sobre a escolha das palavras escritas. Muitos disseram que a capoeira é uma dança e uma luta que tem movimentos como a ginga e os golpes e sempre é jogada em roda, acompanhada do som de instrumentos como berimbau, tambores e pandeiro. Relataram que foram as pessoas negras trazidas da África e aqui escravizadas que a criaram, mas entendem que é uma prática que pertence à cultura quilombola e possui em sua história um grande viés de resistência à escravidão de pessoas negras.

Após essa aula sobre as percepções e reflexões sobre a capoeira, perguntei aos estudantes se gostariam de vivenciar e conhecer mais sobre essa prática, e a resposta foi um contundente sim. Então, propus que agendássemos uma aula com um mestre de capoeira da cidade, conhecido como Camaleão, também responsável pelo Projeto de Capoeira na Escola da Comunidade de São Pedro de Cima.

6.3.8 Aula 17: Vivência de práticas corporais dos Quilombolas de Divino (MG)

Conversei com Camaleão para que ele pudesse falar aos estudantes sobre a história da capoeira, ensinando-lhe alguns movimentos e conceitos iniciais. Nossa aula foi realizada no local onde ele ministra as aulas dele, no Parque de Exposições da cidade, próximo à escola; então não tivemos problemas para nos deslocarmos. A aula aconteceu no horário normal de Educação Física da própria turma.

Figura 25 – Aula de capoeira com o professor Camaleão



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Chegamos ao Parque de Exposições e Camaleão já estava nos esperando. Ele então iniciou sua explanação, deixando a turma bem à vontade naquele espaço. Começou falando sobre a história da capoeira, dizendo que é uma prática originária do Brasil, criada por negros

e negras vindos de África e submetidos à escravização. Segundo ele, há uma forte influência das danças nessa criação. Abordou a criminalização que a capoeira sofreu por muito tempo, dizendo que as pessoas que a praticavam eram tratadas como criminosos, e eram até mesmo presos.

Em seguida, falou aos estudantes sobre os tipos de capoeira que existem, começando pela Capoeira Angola, que teria sido a primitiva. Com influência das danças africanas, esse tipo de capoeira tem como característica a ginga mais rasteira e o ritmo mais lento. Seu principal precursor é o Mestre Pastinha.

Depois, comentou sobre o surgimento da Capoeira Regional, difundida por Mestre Bimba, à qual começaram a ser incorporados mais golpes, ritmo e ginga mais rápidos e movimentos altos.

Por fim, Camaleão explicou que a Capoeira foi evoluindo ao longo do tempo, ganhando mais espaço e incluindo em seus movimentos golpes de artes marciais, propondo uma junção dos tipos já existentes e aprimorando as técnicas, e a essa ele chamou de Capoeira Contemporânea.

Após sua explanação, ele apresentou os instrumentos que já havia separado para mostrar aos estudantes. Disse que iria explicar e demonstrar cada um deles, começando pelo atabaque. Primeiramente, perguntou à turma se alguém conhecia aquele instrumento e se sabiam o nome. Os(as) estudantes disseram que conheciam o instrumento como tambor. Ele explicou o nome correto e disse que é um tipo de tambor e que aquele instrumento tem gerado um forte preconceito religioso contra religiões africanas, na qual os tambores são muito usados para cultuar os deuses. Em seguida, ele mostrou como é o som produzido pelo atabaque.

O segundo instrumento apresentado foi o berimbau, o mais simbólico e representativo nas rodas de capoeira. Foram apresentados aos estudantes três tipos: o gunga ou berra-boi, que é o instrumento com a cabaça maior, utilizado para dar início à roda; o médio, que tem a cabaça mediana e acompanha o gunga; e, por último, a viola ou violinha, que tem a cabaça menor, com notas bem agudas e que, normalmente, dita o ritmo das rodas. Para tocar o berimbau, ele utilizou uma baqueta, produzida de bambu ou de madeira. Todos os instrumentos foram tocados separadamente para que os(as) estudantes pudessem escutar e diferenciar os sons.

Ele ainda mostrou o pandeiro, instrumento muito conhecido por ser relacionado ao samba, e, por fim, o caxixi, instrumento acoplado à baqueta para dar som e ritmo. Nesse momento, uma estudante lembrou que na entrevista que realizou com o Paulão, membro da Comunidade de São Pedro de Cima, ele relatou que era comum a prática de tocar o caxixi na Comunidade.

Então, Camaleão convidou a turma para formar uma roda e vivenciar o som dos instrumentos tocados juntos. Perguntei a ele sobre o sentido desse formato de roda usado na capoeira; ele disse que não sabia explicar precisamente o motivo, mas acreditava que era uma maneira que as pessoas escravizadas encontravam de camuflar e esconder os movimentos que eles estavam fazendo. Em roda e com auxílio de sua filha e de um ajudante, ele começou a tocar os instrumentos e a cantar algumas músicas.

Após esse movimento, relatou perceber que existe um preconceito religioso, taxando a prática como coisa ruim, o que o incomoda muito. Segundo ele, a capoeira é uma prática cultural que envolve pessoas e elas devem ocupar esse lugar.

Depois desse relato, Camaleão propôs que nós vivenciássemos alguns movimentos da capoeira e que cada um(a) tentasse jogar um pouco. Primeiro, assistimos à sua filha e ao ajudante jogando juntos, e demonstrando; em seguida, aqueles(as) que se sentiram à vontade foram tentando, à sua maneira, vivenciar a ginga e alguns golpes. Aos poucos, os(as) estudantes foram ficando mais à vontade para experimentar os movimentos; alguns vivenciaram os instrumentos e tocaram juntamente com Camaleão.

Eu, nesse processo de conhecimento e de reconhecimento das práticas de quilombolas, entrei na roda e joguei a capoeira, primeiro com a filha de Camaleão, e depois com alguns estudantes. Foi mais uma experiência incrível nesse movimento que temos feito de vivenciar essa prática cultural, e poder fazer isso juntamente com estudantes, com o auxílio de uma pessoa envolvida com a capoeira, como foi o caso de Camaleão. Esse momento foi magnífico e me mostrou que é possível e necessário incorporar a capoeira ao programa de aulas da Educação Física da escola.

Encerramos nossa aula agradecendo a atenção e a disposição de Camaleão. Os(as) estudantes foram convidados a assistir uma apresentação que seu grupo de capoeira realizaria em nossa escola, e ele se colocou à disposição para mais esclarecimentos e novas aulas. Alguns estudantes se interessaram em realizar novas aulas, saíram relatando que gostariam de vivenciar mais dessa expressão cultural e que ela deve, de fato, fazer parte do programa de aulas da Educação Física da escola.

6.3.9 Aula 18: Vivência de práticas corporais de Quilombolas

Iniciamos a aula conversando um pouco sobre as impressões da aula anterior e sobre a capoeira. Os(as) estudantes relataram que gostaram de aprender sobre a história dessa prática e

que acharam muito legal os instrumentos utilizados. Disseram que gostariam de ter outras aulas para aprender mais sobre essa prática, o que corrobora com o que alguns(mas) estudantes disseram ao final da aula — a capoeira pode fazer parte do programa de aulas da Educação Física.

Para essa aula, estava programada a exibição do documentário “O Jongo no Sudeste”. No entanto, por problemas técnicos com os aparelhos utilizados para exibir o vídeo, não foi possível assisti-lo nesse dia. Diante do contratempo, propus que fizéssemos uma conversa inicial sobre essa prática cultural presente em Comunidades Quilombolas.

Começamos a conversa com as impressões ou o conhecimento prévio que eles(as) tinham sobre o Jongo, ou Caxambu, como também é conhecido. Ninguém presente ali conhecia ou se quer havia escutado sobre essa prática. Isso gerou uma certa curiosidade; então, decidi falar um pouco, de maneira inicial, sobre o Jongo/Caxambu.

Expliquei que o Jongo/Caxambu é uma dança de origem africana, muito praticada nas senzalas no período da escravidão, em momentos de celebração e alegria, mas também de resistência, sempre dançado em roda e com os tambores ditando o ritmo e celebrando deuses. As pessoas que dançam ao centro da roda pronunciam versos chamados pontos, esses podem ser gritos de resistência ou cultuação a deuses.

Atualmente, o Jongo/Caxambu aparece em várias Comunidades Quilombolas do Brasil, sendo dançado em momento de lazer e festividades diversas, tendo até encontros de jongueiros para celebrar e dançar. O documentário que seria exibido reforça o que foi dito. Programamos de assisti-lo juntos na próxima aula, para entender mais sobre essa prática cultural.

Na conversa inicial, muitos(as) estudantes disseram ter a impressão de que o Jongo/Caxambu se assemelhava à Capoeira em vários aspectos, entre eles a formação em roda, os instrumentos, os cantos e a resistência negra como ponto central.

6.3.10 Aula 19 - Vivência de práticas corporais de Quilombolas

Nesta aula, então, conseguimos assistir ao documentário “O Jongo no Sudeste”. Uma produção elaborada pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, ligado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e retrata, de forma sucinta, o que é o Jongo/Caxambu.

A sugestão de exibir o documentário veio do acesso ao material chamado “O Jongo na Escola”, que é uma ação de difusão e divulgação do Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu,

programa de extensão desenvolvido pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e pela Fundação Euclides da Cunha (FEC), em parceria com o Iphan e com Comunidades Jongueiras da Região Sudeste. O curta metragem está disponível no Youtube, no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae2rRAALDRE>.

Figura 26 – Exibição do documentário “O Jongo no Sudeste”



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

O documentário mostra a provável origem dessa prática cultural, apresentando por quem e onde é praticado e quais elementos o compõe (os religiosos/mágicos, os tambores, a roda e suas características, os pontos e o uso metafórico da palavra). São levantadas, ainda, questões a respeito dos desafios vividos pelos jongueiros, tais como processos de exclusão socioeconômica, e de como associar a massificação cultural que vivemos atualmente com a

manutenção de valores relacionados ao jongo. Mostra como o Jongo tem representado para muitos um fator de integração e de luta política.

Após assistirmos ao documentário, passamos para um momento de discussão e reflexão a seu respeito. O primeiro fato que chamou a atenção da turma foi saber que em Carangola, cidade vizinha, a apenas 27 km de distância de Divino, há uma Comunidade jongueira. Esse fato também me chamou a atenção, pois foi também a primeira vez que assisti ao documentário; então, fiz um movimento de pesquisa e busca sobre essa Comunidade jongueira de Carangola. Obtive informações de que, atualmente, ela está adormecida, pois sua principal líder se converteu a uma religião que não aceita o Jongo, e isso fez com que ela desistisse da prática, abandonando-a. Alguns estudantes relataram que a grande maioria das pessoas que estavam dançando o Jongo/Caxambu eram negras e atribuíram esse fato à origem africana da dança.

Nesse momento, aproveitando que os(as) estudantes já haviam relatado suas primeiras impressões, li alguns pontos do Jongo, retirados do material “O Jongo na Escola”. Uma estudante remeteu à dança e os pontos à questões religiosas, dizendo que parecia com “macumba”, e poderia ser algo ruim. Outro disse que a dança e os pontos que cultuavam os deuses podem estar relacionados ao Candomblé, e lembrou as questões do secretismo religioso abordado pela professora de História em uma de nossas aulas anteriores. Nesse momento, comentei como a sociedade demoniza as práticas culturais dos povos tradicionais, produzindo com isso um apagamento, uma inviabilização social desses povos. Reiterei que o nosso propósito com a Unidade Didática ia na contramão desse pensamento. Por fim, um estudante disse que os pontos têm muita relação com a resistência do período escravocrata vivida pelos negros.

Figura 27 – Reflexões sobre o documentário



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Nesse momento, propus que organizássemos uma roda e que discutíssemos essa maneira de organização utilizada tanto no Jongo/Caxambu quanto na Capoeira. Perguntei se eles sabiam por que essas práticas são realizadas em formato de roda. Alguns(mas) lembraram da fala do professor de Capoeira, que disse que seria para camuflar o que era feito durante a prática nas senzalas. Pedi que eles se olhassem e percebessem se era possível que todos ali se sentissem incluídos na roda e se todos poderiam participar de maneira integral. A resposta foi afirmativa, então falei sobre a questão da inclusão e da agregação que a organização em roda proporciona e o quanto isso é importante, reforçando que precisávamos fazer mais essa reflexão.

Encerramos a aula conversando um pouco sobre a importância de manter os costumes e as práticas ancestrais para não deixar que a cultura se perca com o tempo, lembrando de uma fala do professor Vinícius, em aula anterior.

6.3.11 Aula 20: Reflexão e discussão sobre a experiência vivida.

Chegamos então à última aula desta Unidade Didática. Neste momento, foi proposta uma avaliação final dos(as) estudantes e minha também, como professor coordenador de todo

o processo de construção coletiva; também, uma reflexão sobre a possibilidade de incorporação de práticas culturais dos povos tradicionais ao programa de aulas da Educação Física da escola – em nosso caso específico, especialmente a cultura e a tradição dos remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima de nossa própria cidade.

Planejei e construí para essa aula um portfólio em formato de Power Point, que denominei “Memórias da Unidade Didática”, cujo objetivo era fazer os(as) estudantes rememorarem todo o processo de construção coletiva e as vivências pelas quais passaram.

Figura 28 – Apresentação do portfólio com memórias da Unidade Didática



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Esse portfólio foi organizado com fotos, palavras e momentos diversos que aconteceram durante toda essa travessia. Desde o primeiro momento, com a tempestade de ideias com a palavra “quilombo” escrita no quadro, passando pelas pesquisas realizadas na biblioteca da escola, a conversa inicial com docentes de História, a busca por dados e informações em órgãos públicos da cidade, a visita feita à Comunidade de remanescentes de Quilombolas em São Pedro de Cima, as reflexões sobre as impressões pós-visita, as rodas de conversas, e, por fim, as vivências e reflexões sobre a capoeira e o jongo/caxambu.

Durante a apresentação do portfólio, os(as) estudantes foram relembrando momentos, vendo as fotos e comentando entre si o quanto foi importante para eles a construção, as discussões, as vivências e as reflexões propostas por meio desta Unidade Didática. Pedi que eles fossem aproveitando as memórias e depois teriam um momento para socializar as impressões com a turma.

Ao término da apresentação, convidei os(as) estudantes para fazermos uma roda e ali iniciamos um bate-papo. Não foi dito a eles(as) que era um momento de avaliação, para não causar nenhum tipo de constrangimento ou culpa, apenas gostaria que eles(as) se expressassem e contribuíssem para o fechamento desta Unidade Didática.

Iniciamos o bate-papo falando sobre as impressões, discussões, vivências e reflexões que tiveram ao decorrer da construção da Unidade Didática. Um estudante começou falando que não sabia da existência dos povos remanescentes e muito menos que na nossa cidade tinha uma Comunidade Quilombola, fato que foi confirmado pela maioria dos(as) estudantes presentes.

Tentei instigá-los(as) fazendo perguntas para que eles pudessem falar mais sobre a experiência que tiveram, então perguntei o que eles aprenderam com a Unidade Didática, se teve algo marcante durante todo esse movimento, quais conhecimentos novos haviam adquiridos, como foi para eles(as) participar dessa construção coletiva de ensino e se era possível incorporar as práticas culturais dos povos tradicionais no programa de aulas da Educação Física da escola.

Eles(as) responderam que aprenderam sobre as histórias, os saberes e as práticas culturais dos remanescentes de Quilombolas. Uma estudante relatou a importância de aprender sobre as culturas dos povos Quilombolas e, principalmente, sobre a capoeira, atividade que ela adorou vivenciar. Outro estudante disse que aprendendo sobre as culturas Quilombolas, nós não deixamos que ela adormeça ou até mesmo se perca com o tempo e que o aprendizado das danças e músicas de resistência o marcou muito.

Quanto ao fato da construção coletiva, disseram que nunca haviam feito isso e que acharam muito interessante, pois se sentiram como protagonistas, visto que eles(as) se envolveram e participaram ativamente em toda a construção, algo muito significativo para a formação deles(as)

Com base nesses aprendizados, eles(as) tiveram um novo olhar sobre os povos tradicionais, em especial os Quilombolas, conhecendo-os, reconhecendo-os e acolhendo-os. Disseram que é necessário que a Educação Física da escola incorpore em seu programa suas práticas culturais, sendo a construção desta Unidade Didática a prova de que isso é possível e

importante para a formação de sujeitos mais humanos e de uma sociedade mais justa e igualitária.

Depois desse bate-papo, lembrei aos estudantes que eles(as) haviam produzido um texto reflexivo, há algumas aulas, a respeito da construção da Unidade Didática e todos os movimentos que tínhamos realizado até aquele momento. Fiz a devolução do texto e solicitei que, após a leitura, fizessem a inclusão de tudo que havíamos conversado naquela roda de bate-papo, acrescentando as impressões finais do que vivenciaram.

Os(as) estudantes realizaram o movimento de acréscimo ao texto e fizeram a devolutiva. Assim, pude ler e ver que as impressões finais foram aquelas relatadas no decorrer da conversa. Esse exercício se torna muito importante e é um grande aliado para fontes de consulta e reflexão sobre essa pesquisa.

Dentre as narrativas de reflexões escritas por ele(as), complementando o texto reflexivo, destaquei alguns trechos:

“Eu aprendi que tanto a cultura africana quanto a Quilombola sofrem preconceitos e são minorizadas pela sociedade, mas a verdade é que elas carregam histórias, saberes e práticas culturais fantásticas.”

“Foi uma experiência muito boa, pois trabalhamos em grupo e fomos mais coletivos. Além de conhecer mais sobre essas culturas, podemos incorporar suas práticas, como a capoeira, nas aulas de Educação Física.”

“Foi uma experiência muito legal, afinal eu estava acostumada somente com o vôlei e o futebol nas aulas de Educação Física, e, após esse trabalho, eu acredito que seja possível incorporar as práticas culturais dos Quilombolas nas aulas.”

Encerramos a aula refletindo que tudo que vivenciamos e discutimos foi muito importante para nossa formação como pessoas e para dar visibilidade à cultura de povos tradicionais brasileiros na escola, nas aulas de Educação Física e na sociedade.

Figura 29 – Finalização da Unidade Didática



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

7. REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA VIVIDA

A realização deste trabalho e esse movimento inédito para mim, pessoa-professor-pesquisador, para os(as) estudantes e para o programa de ensino da Educação Física da escola onde sou professor trouxe reflexões e sensações diversas.

Experimentar esse movimento, questionando a mim mesmo, em especial, e à Educação Física, tentando ir além do que já conhecia e estava ‘acostumado’, propondo algo novo em meio a todas as circunstâncias que envolveram esse exercício foi, ao mesmo tempo, desafiador e potente. Não foi fácil para mim, e creio que também não foi para os(as) estudantes.

No balanço final, penso que foi uma experiência muito positiva, a começar porque topei/topamos enfrentar meus/nossos limites, ainda que sequer tivéssemos total compreensão sobre eles. O que vivenciamos teve alguma chance de acontecer a partir daí, dessa vontade de tentar algo diferente.

Uma das questões que inspiraram essa ação pedagógica foi a possibilidade de expandirmos as fronteiras do ensino de Educação Física da escola. Agora é possível dizer, sem rodeios, depois de realizada a Unidade Didática, elaborada e reorientada no caminho, que sim, é plenamente possível enriquecer o ensino de Educação Física e alargar seus interesses para acolher, contemplar e tratar de práticas de variadas culturas em seu programa, dentre elas, as práticas de povos que participam da constituição de nosso país, como o caso inspirador dos Quilombolas. Este é o meu grande aprendizado como professor; e é o que desejo compartilhar com colegas da Educação Física.

Professor, estudantes, comunidade escolar e conhecimento: a seguir, faço algumas ponderações sobre esses quatro pilares sem os quais não há ensino de Educação Física possível.

7.1 REFLEXÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE

Primeiramente, gostaria de mencionar como essa experiência afetou meu modo de pensar e viver, trazendo reflexões e provocando mudanças em minha vida pessoal, assim como em minha atuação docente.

Iniciei este trabalho delimitando o meu local de fala, como homem branco, reconhecendo que sou detentor de privilégios e criado numa sociedade que engrandece essas características, enquanto inferioriza, menospreza e invisibiliza o que é oposto, diferente e

diverso. Uma sociedade que silencia aqueles que estão fora dos padrões da branquitude e do patriarcado e que sentem na pele a atuação racista.

Reconhecer a existência desses problemas e lidar com eles sem negar a história pode nos levar a quebrar as correntes invisíveis, porém sentidas de forma muito forte e violenta por aqueles(as) que tiveram e têm suas vidas marcadas pela escravidão, pela dominação e pela omissão das ações do Estado, fazendo com que a história de resistência e as lutas desses sujeitos não apareçam como fatores históricos importantes (SILVA, 2012, p. 83).

Este trabalho está em consonância com o pensamento de Lopes (2013), que traz estudos pós-coloniais com impacto no currículo defendendo que a linguagem e a prática de uma educação multicultural possibilitam que estudantes e professores repensem hierarquias e relações opressivas de poder, rompendo com sistemas eurocêntricos e colonialistas.

Pois bem, dentro dessa criação de apagamentos, realizar esse trabalho na Escola em que atuo mexeu profundamente comigo, como um ser humano que é professor. Por meio das reflexões e das ações propostas neste trabalho, pude, inicialmente, reconhecer os privilégios dos quais sou dotado e então questioná-los, refletindo sobre o meu olhar a respeito do outro e sobre novas culturas, até então desconhecidas por mim. Nesse sentido, aprendi que “a cultura e a alteridade revelam muitas linguagens presentes no social, mas que se fazem invisíveis aos olhos e ouvidos, dado que nossa percepção encontra-se cativa de nosso pensar por princípios e valores de nossa cultura, tidos por nós como universais, verdadeiros, legítimos e únicos.” (GUSMÃO, 1999, p. 42).

Para realizar este trabalho inédito em minha experiência docente, precisei pesquisar, conhecer e reconhecer os conhecimentos das culturas dos povos tradicionais, em especial os Quilombolas, para, em parceria com os(as) estudantes, construir esta Unidade Didática. Durante esse processo de construção coletiva, os(as) estudantes entenderam que esse movimento era novo também para mim, e isso gerou uma aproximação entre nós. Como afirma bell hooks (2017, p. 35), “quando professores levam narrativas de sua própria experiência para a discussão em sala de aula, elimina-se a possibilidade de atuarem como inquisidores, onisciente e silenciadores”.

Quando me propus a buscar algo a mais, diferente de tudo que já havia vivido e realizado, ou seja, um desafio inédito, totalmente fora da minha zona de conforto, no qual eu próprio deveria interrogar toda a minha existência e criação, muitas incertezas, medos, preocupação, reflexões e mudanças surgiram. De acordo com Paulo Freire (2002), esse processo se caracteriza pela ação-reflexão-ação.

Durante a realização deste trabalho, pude me aproximar, respeitar e aprender muito com pessoas que até então estavam invisibilizadas no meu cotidiano e pessoas que trabalham para não deixar que o apagamento das Comunidades tradicionais aconteça, tanto pessoas próximas ao meio em que vivo, como as que habitam a Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima, quanto pessoas distantes, como autores e autoras que estudam as culturas de Comunidades tradicionais e fazem o debate em torno de uma educação antirracista. Aproximei-me da leitura de textos e de livros sobre a temática em questão – pessoas negras, indígenas, transexuais, da periferia etc. Todos e todas despertaram em mim um movimento de ressignificação pessoal e, conseqüentemente, profissional.

Para iniciar este trabalho, foi preciso buscar conhecimentos novos, me reinventar. Lopes (2013) explica que se são questionadas as noções de verdade e de certeza, a própria noção de conhecimento a ser ensinado é questionada e os embates em torno do que ensinar na escola assumem outros contornos.

De antemão, procurei estar mais próximo das leituras que levavam à reflexão sobre o tema, depois foi preciso conhecer a Comunidade de remanescentes de quilombos e ouvir as memórias de seus moradores, para me posicionar perante a minha atuação como professor e mediar a construção desta Unidade Didática com a participação de estudantes.

Um fato marcante, como registrado neste trabalho, foi ouvir a professora Nilma Lino Gomes, na abertura do CONBRACE, em setembro de 2021. As perguntas instigantes que ela lançou me fizeram refletir sobre o quanto eu, professor de Educação Física, não estava considerando todos os corpos existentes quando organizava meu programa de ensino. Em meu lugar de fala e de vivências, acabava por invisibilizar o conhecimento e as culturas das Comunidades tradicionais.

A professora Nilma indicou a leitura de um livro que prefaciou – “Mulheres Negras: professoras de Educação Física” – das autoras negras Carolina Cristina da Nobrega e Luciana Venâncio, com narrativas de conflitos, resistências, racismo de várias mulheres ao longo de sua trajetória profissional. Para mim, foi o início de minha mudança, um passo importante para me aproximar de outras literaturas.

Destaco também, as diversas conversas realizadas, virtualmente, com meu orientador, quando pudemos dialogar, discutir e refletir sobre a sociedade, a escola, a Educação Física, os povos tradicionais. Uma frase lida pelo professor Tarcísio tornou-se para mim inspiradora para a realização e escrita deste trabalho, atribuída ao artista italiano Michelangelo Buonarroti (1475-1564): “Senhor, faça que eu possa sempre desejar mais do que aquilo que eu consigo realizar.”

Continuando minha travessia, considero de extrema importância o contato que estabeleci com as pessoas da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima. A cada encontro e a cada conversa foi possível presenciar a imensa bondade presente naquele lugar, mas também ficou evidenciado o fraco reconhecimento identitário por diversos membros daquela Comunidade. As lembranças por vezes eram do período de muito trabalho e luta no campo, mas quase nunca essas memórias eram ligadas às questões Quilombolas.

Nas conversas com alguns moradores(as) da Comunidade e nas leituras feitas, foi importante identificar que existe uma presença do “aquilombar-se” (SOUZA, 2008) e uma ressemantização pela qual as Comunidades negras rurais têm passado em busca de reconhecimento da sua existência física, histórica, social, política e cultural, mas que ainda é muito fraco na Comunidade de remanescentes de Quilombolas do município de Divino.

Minhas idas à Comunidade e as conversas com os moradores(as) da região foi um marco na minha mudança como pessoa-professor. Aconteceu comigo o que propõe Neira (2011, p. 204):

Os docentes estabelecem vínculos com as Comunidades marginalizadas a fim de incorporar o conhecimento subordinado; mas não com os elementos exitosos dessas Comunidades tais como são definidos pela cultura dominante e sim com uma variedade de grupos e subgrupos que convivem no seu interior.

Até aqui, sempre incorporei ao programa de ensino de Educação Física práticas corporais tradicionais, ‘brancas’, ‘eurocêntricas’, como os jogos, os esportes, as ginásticas, as lutas e as danças. Em grande medida, porque são essas as práticas tratadas na formação universitária de professores de Educação Física e consagradas como ‘o conhecimento’ que deve ser disseminado na escola.

A professora Elisângela Venâncio Ananias é uma das que consideram ser preciso que professores(as) conheçam, reconheçam e apresentem epistemologias e práticas não brancas/eurocêntricas.

[...] conhecer e apresentar epistemologias e práticas não brancas/eurocêntricas abre um novo horizonte, até mesmo de trajetórias e referenciais profissionais distintos, para os estudantes e futuros professores como possibilidade de trabalhar/pesquisar conteúdos que se aproximam e dialogam mais com a realidade social e cultural de negras e negros em âmbito nacional e internacional, colaborando com as questões identitárias de outros contextos de forma genuína (VENÊNCIO e NÓBREGA, 2019, p. 144).

No início desta dissertação, trouxe reflexões sobre a invisibilidade e o apagamento das práticas dos povos tradicionais na Educação Física da escola, mas isso não acontece somente nessa disciplina. Esse é um problema que atinge a escola como um todo e o plano social. Reconhecer, acolher e vivenciar práticas culturais desses povos é uma luta contra a invisibilidade, o apagamento e o epistemicídio. Assim, “pôr à vista essa realidade é exigir uma

mudança de posicionamento na prática docente, que é política, e isso se torna fundamental para a construção de uma sociedade antirracista, anticapitalista, antimachista, antifascista (NOBREGA, 2021, p. 79).

Este trabalho me fez repensar algo que sempre me incomodou enquanto professor, mudar paradigmas da educação tradicional, sem utopia e propondo um conhecimento inédito aos estudantes, envolvendo-os(as) numa construção coletiva que torna visível os conhecimentos e as culturas invisibilizadas e transforma os(as) estudantes em protagonistas da própria aprendizagem e formação.

Hoje posso responder a outra pergunta que me instigou e que foi geradora dessa dissertação: a Educação Física da escola pode dialogar com outras culturas e incorporá-las em seu programa de ensino? Diante das reflexões geradas neste trabalho, a resposta é afirmativa, pois é notória a importância de alargar as fronteiras do conhecimento, reconhecer e abranger as várias culturas existentes e a grande diversidade de sujeitos(as) e de corpos, propondo, assim, uma Educação Física multicultural e polifônica. (VAGO, 2022)

7.2 REFLEXÕES COM BASE NA EXPERIÊNCIA DISCENTE

Quanto à experiência dos(as) estudantes, inicio refletindo sobre a possibilidade de realizar algo totalmente novo para eles(as), que foi a construção de uma Unidade Didática, com o tema inédito também para eles/as, tornando-os(as) protagonistas da própria aprendizagem. Isso trouxe alegrias, tristezas, divertimento, frustrações, dúvidas, conflitos etc. Na prática, aconteceu um misto de sentimentos e emoções muito comuns aos jovens dessa idade e, que, por vezes, são negligenciados.

De acordo com os relatos dos(as) estudantes, a construção coletiva desta Unidade Didática foi algo muito diferente daquilo a que estão acostumados em outras disciplinas escolares e foi muito desafiador, pois eles perceberam que eram protagonistas e que tudo acontecia com o seu envolvimento, gerando sentimentos diversos.

Kunz (2012) considera que só assim é possível a professores e estudantes, em conjunto, com uma ação comunicativa do ato pedagógico, pesquisarem e conhecerem uma realidade ainda desconhecida, tomando o ensino como produção de conhecimentos e não como simples transmissão de informações.

Além disso, esse movimento realizado no tempo da Educação Física de uma escola pública foi inovador também para eles(as), pois fugiu ao padrão tradicional das aulas. O

conhecimento tratado na Unidade Didática não condiz com os saberes tradicionais, comumente ensinados nas aulas (jogos, brincadeiras, esportes, ginásticas, lutas e danças). Essa experiência inédita também tirou-lhes da zona de conforto, tanto quanto me tirou. No entanto, a proposta exigiu um planejamento participativo, em que eles(as) eram envolvidos e deveriam pensar, propor e conduzir os rumos de uma aprendizagem nova, enquanto meu papel era atuar como mediador e orientador do trabalho pedagógico.

Sair do habitual e propor mudanças nos moldes tradicionais de ensino de Educação Física gerou diversos conflitos entre nós, e não esperava que fosse diferente. No entanto, aí é que esteve (sempre está) uma oportunidade, uma chance, um caminho, enfim, uma ação pedagógica para que o professor atuar com os(as) estudantes, e foi o que tentei: viver esses conflitos, apresentar argumentos para ampliar a compreensão do que estava sendo proposto e, só assim, conseguir manter a adesão, anunciar e propor outras maneiras de aprendizagem em que eles(as) estariam diretamente envolvidos(as), para, então, colocá-los (e a mim também) diante de práticas corporais oriundas de uma cultura que também constitui nosso país e que esteve ao mesmo tempo tão próxima e tão distante de nós – sim, ‘presente’ em Divino há tempos, e há tanto tempo ‘apagada’ para nós, práticas que expressam outras maneiras de estar no mundo. A ideia é tentar se aproximar de um conhecimento ainda fora de nosso alcance, do qual fomos historicamente ‘apartados’, mas que esteve e está em nossa história, e por isso totalmente disponível para conhecermos, para nos acostumar com ele também.

De acordo com Gomes (2017) num projeto emancipatório com perfil epistemológico é necessário:

O conflito serve, antes de tudo, para tornar vulnerável e desestabilizar os modelos epistemológicos dominantes e para olhar o passado através do sofrimento humano, que, por via deles e da iniciativa humana a eles referida, foi indesculpavelmente causado. Esse olhar produzirá imagens desestabilizadoras, suscetíveis de desenvolver nos estudantes e nos docentes a capacidade de espanto e de indignação e uma postura de inconformismo, as quais são necessárias para olhar com empenho os modelos dominados ou emergentes, por meio dos quais é possível aprender um novo tipo de relacionamento entre saberes e, portanto, entre pessoas e entre grupos sociais. Poderá emergir daí um relacionamento mais igualitário e mais justo que nos faça apreender o mundo de forma edificante, emancipatória e diversa culturalmente (SANTOS, 1996 *apud* GOMES, 2017, p. 62).

Em alguns momentos da Unidade, foi necessário interromper o que havia sido planejado e dialogar com os(as) estudantes a fim de compreender as dúvidas e as incertezas que surgiram, para então prosseguir com o proposto. Especialmente após a visita à Comunidade de remanescentes de Quilombolas em São Pedro de Cima, que produziu um impacto e um certo sentimento inicial de frustração e de inquietações nos/nas estudantes.

Esse fato precisou ser problematizado nas aulas e trouxe reflexões sobre o nosso lugar de fala, as nossas expectativas (e até ilusões) sobre culturas não europeias e a visão preconceituosa que a sociedade tem sobre as práticas culturais das Comunidades tradicionais. Em relação ao conteúdo trabalhado, de início gerou uma certa estranheza, pois, de acordo com os(as) estudantes, conhecer, dialogar e vivenciar práticas culturais Quilombolas nas aulas de Educação Física não estaria dentro do programa de conteúdos tradicionalmente ensinados. Durante toda a fase escolar até a presente Unidade Didática, somente aprenderam conteúdos como jogos, brincadeiras, esportes, ginásticas, lutas e danças.

Essa prática do ensino tradicional da Educação Física é comumente vista na escola e em diversos lugares, massificando o apagamento de práticas culturais de Comunidades tradicionais e das classes marginalizadas, minorizadas e invisibilizadas, contribuindo para a construção de um currículo que priorize as classes dominantes. Para Kunz (2012), essa prática provoca a chamada violência simbólica na escola.

[...] a identidade social das classes marginalizadas é considerada pela classe burguesa e pela própria escola como “subcultura” e isto provoca a chamada “violência simbólica” de um sistema educacional, que é excessivamente repressiva e orientada exclusivamente pela cultura dominante da burguesia capitalista (KUNZ, 2012, p. 170).

Apesar dos conflitos e da resistência que a construção coletiva desta Unidade Didática ocasionou, os(as) estudantes avaliaram-na como muito proveitosa e inovadora. De acordo com as falas de alguns(mas) e com os textos reflexivos produzidos por eles(as), este projeto proporcionou o contato com uma cultura, até então, invisibilizada e permitiu conhecer práticas culturais novas, pessoas e lugares que antes não conheciam e que aprenderam a respeitar. Por fim, disseram que as práticas culturais Quilombolas devem fazer parte do programa de Educação Física da escola e que outras práticas e outros olhares são necessários para uma educação e formação melhores.

Sinto que a capoeira foi o ápice desta Unidade Didática, pois, por meio dessa prática cultural, os(as) estudantes puderam conhecer e ter as primeiras informações na Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima, e, com base nisso, pesquisaram e reconheceram essa prática com forte ligação àquela cultura, refletiram sobre a presença dela na escola e, por fim, tiveram a experiência de vivenciá-la, acolhendo-a no programa de aulas da Educação Física da escola.

Quatro meses após a finalização da Unidade Didática, propus um reencontro com a turma, que agora não está mais sob minha responsabilidade, para que pudéssemos rememorar o que foi vivenciado ao longo das 20 aulas. Neste encontro, após uma breve conversa, solicitei

que a turma escrevesse, juntos/as, uma ‘Carta a Estudantes de Educação Física de escolas’, contanto como foi a experiência realizada. Compartilho a seguir a carta na íntegra:

“Divino, 27 de abril de 2023.

Olá, colegas estudantes!!

Nós somos estudantes da Escola Estadual Dr. Pedro Paulo Neto, em Divino, MG. Atualmente estamos cursando o 1º ano do Ensino Médio.

Normalmente nas nossas aulas de Educação Física nós temos duas opções de atividades, futebol e vôlei. Os estudantes que não participam, costumam ficar sentados/as na arquibancada. Um dia, quando estávamos no 9º ano do Ensino Fundamental, nosso professor de Educação Física, o Diógenes, chegou na sala propondo um projeto diferente para as aulas.

Esse projeto teve como objetivo aprendermos mais sobre a cultura quilombola, para isso, discutimos nas aulas e realizamos diversas pesquisas, além de conversas com professores de outras disciplinas, principalmente História.

Também no projeto, descobrimos a existência de uma comunidade quilombola na nossa cidade e então, nós sugerimos que fosse realizada uma visita. Lá entrevistamos diversos/as moradores/as, estudantes e professores/as. Nas entrevistas elaboradas por nós, juntamente com nosso professor, perguntamos como eram as práticas e os costumes de antigamente. Eles/as nos contaram sobre suas lembranças e sobre a sua cultura, saímos de lá cheios/as de informações, impressões e inquietações, que foram conversadas posteriormente nas aulas.

Após a visita, pesquisamos mais sobre os quilombolas e descobrimos que a Capoeira faz parte dessa cultura. Nosso professor Diógenes, nos levou para vivenciar aulas sobre essa prática, onde aprendemos a história, os instrumentos utilizados e alguns movimentos. Depois o professor apresentou um filme que falava sobre o Jongo, que é uma dança quilombola.

Nós estudantes, tivemos muito aprendizado sobre o povo e os saberes da comunidade quilombola da nossa cidade. Foram aulas interativas, dinâmicas e cheias de atividades. Acreditamos ser importante essas aulas diferentes para ampliar nosso conhecimento e valorizar outras culturas.

Esperamos que vocês possam vivenciar e que aproveitem essa experiência.

Abraços!

Estudantes da E. E. Dr. Pedro Paulo Neto”

7.3 REFLEXÕES PROPOSTAS PARA O AMBIENTE ESCOLAR

O ambiente escolar tem seus tempos e espaços específicos, e isso deve ser respeitado e trazido para o campo da reflexão e do entendimento. Nos tempos atuais, faz-se necessário entender e romper com os limites espaço-temporais da escola, tratando-a como um local

multicultural de formação. Esta pesquisa foi realizada dentro desses limites de tempo, espaço e circunstância que aparecem na realidade das instituições.

A escola e a composição do seu programa de aulas contribuem para a invisibilidade dos grupos minoritários, pois pouco se discute, reflete e reconhece o conhecimento e as culturas das Comunidades tradicionais como artefato de objeto para o aprendizado e a formação de estudantes.

A escola pública, mesmo sendo um direito social, se esquece de que ela é a instituição que mais recebe corpos marcados pela desigualdade sociorracial acirrada no contexto da globalização capitalista. Corpos diferentes, porém discriminados por causa da sua diferença. Corpos sábios, mas que tem o seu saber desprezado enquanto forma de conhecimento (GOMES, 2017, p. 134).

As narrativas e as experiências dos(as) professores(as) e de estudantes que participaram deste trabalho mostram como ainda é necessário problematizar, discutir e refletir a respeito das culturas invisibilizadas pela história e pela sociedade, a fim de propor práticas de reconhecimento e inclusão destas no ambiente escolar e, conseqüentemente, na sociedade.

A escola onde leciono, espaço em que foi realiza esta Unidade Didática, precisa avançar nessa direção, um movimento que acredito ser necessário em todas as escolas, buscando acolher em seus programas e projetos de ensino a diversidade cultural existente em nossas práticas sociais. Assim, é necessário propor discussões e reflexões sobre os conhecimentos e as culturas das Comunidades tradicionais que constituem a existência dos vários povos do Brasil. Esse movimento, além de estar de acordo com o Lei nº 10.639/2003 e com a prática de uma educação antirracista na escola, contribui diretamente para a formação crítica de estudantes, sintonizada para a superação de opressões ainda tão presentes em nossas relações sociais.

A escola presente na Comunidade de remanescentes de Quilombolas em São Pedro de Cima ainda não é reconhecida como escola Quilombola, mesmo estando em um território reconhecido pela Fundação Palmares. Penso ser decisivo que se busque esse reconhecimento, visando posicioná-la como lugar de fortalecimento da identidade Quilombola. Assim como nos mostra Maroun (2013), ao mesmo tempo que as Comunidades Quilombolas buscam o direito ao acesso à educação, elas lutam para que esta incorpore as suas especificidades, ou seja, uma educação que fortaleça suas identidades.

A escola pode ser também um lugar de busca e compreensão das histórias vividas por antepassados e por contemporâneos, e os vários atravessamentos que aquela Comunidade vem passando no decorrer dos tempos. Assim como propõe a Resolução nº 8, de novembro de 2012 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica,

A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica: organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentam-se, problematizam-se e alimentem-se da memória coletiva, das línguas remanescentes, dos marcos civilizatórios, das práticas culturais, das tecnologias e formas de produção do trabalho, dos acervos e repertórios orais, dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das Comunidades Quilombolas de todo o país e da territorialidade (BRASIL, 2012).

O currículo não pode ser um ‘currículo padrão’, ele deve ser enriquecido de práticas que valorizem e reafirmem as experiências dessas Comunidades.

A escola é, potencialmente, lugar de troca de saberes e de acesso a conhecimentos que possam participar de mudanças desejadas nas práticas sociais, como a superação do racismo e do epistemicídio de culturas que formam o Brasil.

A marcante presença da escola como agente coletivo na gênese do cidadão exige que se organize, ela mesma, como campo de relações democráticas que antecipem uma ordem social mais coletiva, participativa e igualitária” (MARQUES, 1988 *apud* KUNZ, 2012, p. 191).

Uma escola deve ser/estar aberta à diversidade de corpos, de histórias, de conhecimentos e de culturas, que não marginalize as minorias e que reconheça o lugar histórico-cultural de Comunidades tradicionais na construção da sociedade. A professora Marie Luce Tavares resume da seguinte forma “a escola assume papel importante no processo educacional, pois diante do quadro de exclusão que nos assola, ela pode atuar como intermediadora, buscando construir possibilidades de transformação ou pode contribuir para essa triste realidade” (TAVARES *apud* VENÂNCIO E NOBREGA, 2019, p. 231).

7.4 EXPANDINDO CONHECIMENTOS

Completando as reflexões sobre os pilares possíveis e indispensáveis para o ensino da Educação Física, o aprendizado e a formação dos(as) estudantes, é necessário evidenciar como a cultura, a sabedoria, a tradição e as memórias dos remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima foram problematizadas, discutidas e refletidas nesta Unidade Didática, assim como a importância desse conhecimento no programa de aulas da Educação Física da escola.

Aqui podemos retomar as perguntas feitas inicialmente neste trabalho e indicar caminhos: É possível o diálogo da Educação Física da escola com culturas não europeias? A Educação Física da escola pode pesquisar, acolher e reconhecer as práticas de outras culturas? É possível alargar as fronteiras do conhecimento da Educação Física da escola, buscando novos

olhares, novas práticas e novos conhecimentos? A Educação Física da escola pode sair da dependência do “quarteto fantástico” (Esportes, Ginástica, Dança e Lutas) e propor outras práticas?

A Unidade Didática, construída e vivenciada em conjunto com estudantes e apresentada nesta dissertação, traz resposta afirmativa para as todas as perguntas acima. Sim, é possível que a Educação Física da escola dialogue, pesquise, acolha, reconheça e incorpore em seu programa de aulas as práticas corporais de povos e lugares diversos, como aqui no caso os Quilombolas, expandindo as fronteiras de seu conhecimento e propondo uma “polifonia cultural” em que “todas as vozes de todos os corpos de todos os sujeitos de todas as culturas de todos os povos do Brasil” estejam presentes e sejam conhecidas e praticadas:

A polifonia de uma Educação Física com fronteiras alargadas e permanentemente abertas se traduz e se expressa também em um imperativo ético, inescapável à condição docente: produzir, na formação e na atuação, uma Educação Física antirracista e decolonial; antidemofóbica; antimachista; antimisógina; antissexista, antihomofóbica; anticapacitista; antietarista, confrontando as opressões presentes nas práticas sociais, na escola e na própria Educação Física (VAGO, 2022).

A Educação Física, questionando suas origens e suas histórias, pode propor reflexões sobre a predominância de práticas eurocêntricas em seu programa de ensino. Além disso, esse componente curricular tem, por dever, problematizar, discutir e vivenciar práticas que não contribuam para o racismo, o apagamento, a invisibilidade e o epistemicídio dos povos tradicionais e da população inferiorizada.

Se até aqui, a Educação Física foi predominante “eurocêntrica”, ousar então uma Educação Física que seja ‘território indígena’ – uma Educação Física indígenocêntrica. Ousar uma Educação Física que seja lugar da ‘mama-África’ – uma Educação Física afrocêntrica. Ousar uma Educação Física que seja um quilombo – uma Educação Física quilombocêntrica. Reconhecendo e acolhendo saberes ancestrais, abrindo-se às práticas corporais dessas epistemologias afro-brasileiras-ameríndias. Ousar o ensino de Educação Física decolonial que confronte seu histórico racismo cultural e acadêmico, tanto na formação docente como na realização de seu ensino nas escolas. Ousar uma Educação Física que seja território latino-americano – uma Educação Física latinocêntrica, abraçando as culturas de seus tantos povos (VAGO, 2022).

A capoeira é uma prática possível para responder às indagações feitas inicialmente. Ela é uma prática cultural criada no Brasil por pessoas escravizadas e tem forte ligação com os Quilombolas. Os(as) estudantes identificaram os vestígios dessa prática na própria Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima. Lá, ela está presente por meio de um projeto que acontece na escola. Em nossas aulas, problematizamos, discutimos e refletimos sobre essa prática e sua ligação com essa cultura. Por fim, vivenciamos essa prática por meio das experiências trazidas pelos(as) estudantes e conhecendo elementos como os instrumentos,

a roda, a ginga e alguns golpes. Assim, foi possível reconhecê-la, acolhê-la e vivenciá-la, trazendo novos impactos, novas histórias e novos conhecimentos para o programa de Educação Física da escola.

A capoeira é apenas uma dentre outras práticas que podem ser discutidas e vivenciadas. Exemplo disso, nesta Unidade Didática, foi o Jongo, prática que não está presente na Comunidade em questão, mas que existiu na cidade vizinha e hoje está adormecida. Essa prática foi e deve ser problematizada nas aulas, assim como outras diversas práticas culturais indígenas, africanas, periféricas, de ribeirinhos etc.

O jongo pode ser tematizado na educação física escolar sob o viés tanto do ‘saber fazer’, como do ‘saber sobre o fazer’. Além disso, ao ser tematizado no currículo da área, essa prática corporal contribui para o debate sobre a história e cultura africana e afro-brasileira e, ainda, traz visibilidade ao reconhecimento sobre Comunidades Quilombolas na atualidade. O simples conhecimento sobre o conceito contemporâneo de quilombo pode contribuir para a minimização dos preconceitos e dos estereótipos construídos e propagados pelo senso comum acerca desta categoria, trazendo à tona a diversidade de grupos que compõem esse universo no Brasil (MAROUN, 2019).

É preciso novas histórias e novos impactos na Educação Física, alargando as fronteiras do conhecimento. Como afirma Gomes (2021), é hora de compreendermos as riquezas das diversidades presentes na sociedade e na escola, e é preciso tornar os campos da educação e, especificamente, da Educação Física, em espaços de acolhimento, afeto, insurgência e do trato democrático das múltiplas corporeidades.

7.5 COM OS PÉS NO CHÃO: LIMITES VIVIDOS, DIFICULDADES ENCONTRADAS E AUSÊNCIA DE FONTES.

É necessário aqui também registrar os percalços enfrentados durante o planejamento e a realização desta experiência pedagógica na escola.

Esta Unidade foi construída e vivenciada em uma escola pública, com seus sujeitos diversos/as, suas especificidades, sentimentos, histórias e os atravessamentos diários que são comuns a este lugar.

Poderia dizer que essa experiência se desenvolveu na mais perfeita harmonia e beleza, que não houve nenhum contratempo, resistência e/ou impedimento para a sua execução. Mas, estamos falando de uma proposição real e inédita para o professor e para os/as estudantes: a construção, reflexão e vivência de uma Unidade Didática, na escola, com a participação direta

de estudantes, conhecendo e reconhecendo uma cultura invisibilizada por nós na história. Como disse, foi uma experiência fora da ‘zona de conforto’, que se deparou com a realidade vivida em uma escola.

Em relação à escola, não houve resistência por parte da gestão e/ou da equipe pedagógica para acolhimento da experiência. Estamos falando da escola e de seus atravessamentos. O planejamento inicial desta Unidade Didática foi de 20 aulas, o que equivaleria a um bimestre completo; mas no andamento, foram necessários 4 meses para que pudessemos finalizar o que foi proposto. Atividades típicas da escola (trabalhos extraclases, plantões pedagógicos, sessão de fotos para a formatura, etc.) causaram atraso na realização da Unidade. Para finalizar as aulas antes do término do ano letivo foi necessário até negociar com outros/as colegas professores/as da turma, para que eles/as pudessem ceder algumas aulas.

Por se tratar de algo novo, diferente do comum e do tradicional que os/as estudantes estavam acostumados, a Unidade Didática gerou certa resistência da parte deles/as. Em vários momentos foi necessário uma reflexão sobre a importância da participação deles/as em sua construção e realização. Também foi necessário negociar e destinar algumas aulas para que pudessem vivenciar as modalidades esportivas que eles/as pediam. A negociação, o diálogo e as discussões entre professores e estudantes deve fazer parte da construção das aulas, para fortalecer o aprendizado e a formação.

A ausência de fontes e dados sobre os quilombolas do Brasil e principalmente sobre os remanescentes de quilombolas da comunidade de São Pedro de Cima, localizada em Divino (MG), foi um empecilho que deve ser destacado. As buscas realizadas por mim e pelos/as estudantes na própria escola, em órgãos públicos e na própria comunidade trouxe à tona o apagamento e a invisibilidade desses povos e dessas comunidades nas práticas sociais. Combater o epistemicídio e propor a pesquisa e o reconhecimento destes na escola é desafio nosso.

Por fim, as dificuldades em propor algo inédito e fora do tradicionalmente ensinado no programa de aulas da Educação Física vão surgir, e podem ser várias. No entanto, professores/as envolvidos com seus/suas estudantes tem uma oportunidade de problematizar e refletir sobre suas práticas para propor uma Educação Física da escola que faça sentido em sua formação.

8. PARA SEGUIR ADIANTE: POSSIBILIDADES ABERTAS

Para seguir adiante, o que fica dessa experiência pedagógica que realizei com meus/minhas estudantes, é a convicção de que a Educação Física tem na escola uma oportunidade de expandir as fronteiras de seu conhecimento, integrando ao seu programa de ensino os saberes e as práticas de povos tradicionais, reconhecendo, acolhendo e vivenciando esse conhecimento, superando o histórico de invisibilidade em nosso programa de ensino na Educação Básica. É uma maneira de enfrentar a lacuna pedagógica que a Educação Física e a escola têm em relação aos saberes dos povos tradicionais que constituem o Brasil.

Como professores/as, cabe-nos mobilizar nossos/as estudantes para investigar, pesquisar, problematizar e propor uma aproximação e um diálogo da Educação Física com os saberes e as práticas de povos tradicionais, assim como de outras populações historicamente vilipendiadas e minorizadas, assumindo também com o nosso trabalho um lugar no enfrentamento de práticas de racismo, apagamento, segregação, domesticação, higienização e eugenia presentes na história.

Os(as) estudantes têm direito de conhecer, acolher e vivenciar os saberes e as práticas desses povos tradicionais, sendo essa a melhor maneira de cultivar o respeito por eles, compreendendo também o que lhes foi feito e o que lhes foi negado na história, e então reconhecer seu direito à existência. É uma significativa contribuição que podemos oferecer à formação de estudantes.

A escola pode, e deve, ser local de discussão e reflexão sobre a identidade, a cultura, as tradições, as memórias e as práticas dos povos tradicionais. Todas as disciplinas escolares devem fundamentar-se e integrar em seus programas de ensino os saberes e as culturas desses povos e de outros povos vilipendiados. Enfim, os espaços educacionais devem proporcionar um ambiente de problematização e de enfrentamento ao racismo, à homofobia, ao machismo, à misoginia e ao epistemicídio.

A cidade pode, e deve, cultuar o seu povo e a sua Comunidade, reconhecendo que há um povo que é remanescente de Quilombolas e que essa cultura não pode ser apagada.

A Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima pode, e deve, fortalecer sua identidade, refletindo a respeito de sua história, das memórias dos seus membros, de suas particularidades na luta constante contra o apagamento imposto pela sociedade.

Enfim, em todos os tempos e lugares de nossas práticas sociais lutar contra o apagamento e a invisibilização, cultuando seus povos tradicionais e as suas histórias, também responsáveis pela constituição daquilo que somos como país.

Essa experiência pedagógica também nos leva a indagar a formação inicial na Licenciatura em Educação Física: não é possível que fique ou permaneça indiferente às diversas culturas dos povos que participam da história do Brasil. O diálogo que tentamos realizar na Escola deve começar e ter lugar na formação de professores/as de Educação Física.

Novas possibilidades se abrem quando abrimos nossos olhos. Os conhecimentos ancestrais dos povos tradicionais sempre existiram, sempre estiveram em nossa história como país. Mas estivemos cegos para eles. Fomos nós que os desprezamos e os desconsideramos. Podemos fazer diferente daqui em diante. Com diálogo e com respeito, trazer esse conhecimento para a escola, reconhecermos que todas as culturas, seus sujeitos e seus corpos, importam para a Educação Física se queremos que ela faça sentido na formação de todas as pessoas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L.; Discurso de posse. In: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil. Brasília, 2023.
- ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- ARRUTI, J. M. Quilombos. In: PINHO, A. O.; SANSONE, L. (org.). **Raça**: novas perspectivas antropológicas. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.
- BRASIL. **Decreto nº 4.887 de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das Comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2003.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2013.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394. 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, Ministério da Educação, 1996.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1998.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1998.
- BRASIL. **Resolução nº 8 de 20 de novembro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2012.
- CAPARROZ, F. E.; BRACHT, V. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.
- CARNEIRO, L. de O. Requilombarse São Pedro dos Crioulos: magia e religião em São Pedro de Cima. **Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação**, Juiz de Fora, 2009.
- COLLIER L. S. Planejamento participativo em educação física escolar e a construção de um currículo multicultural. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 2158-2175, out./dez. 2014.
- COSTA, J. DE M.; PINHEIRO, N. A. M. O ensino por meio de temas-geradores: a educação pensada de forma contextualizada, problematizada e interdisciplinar. **Imagens da Educação**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 37-44, 2013.
- DANTAS, T. da S. **Desafios da agricultura familiar camponesa e estratégias de resistência territorial na Comunidade São Pedro de Cima**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.
- FALKEMBACH, E. M. F. Planejamento participativo: uma maneira de Pensá-lo e encaminhá-lo com base na escola. In: VEIGA, I. P. A. **Projeto Político Pedagógico da escola**: uma construção possível. 24. ed. Campinas: Papirus, 2008.

FARIAS, U. de S. *et al.* Tematizando brincadeiras da cultura indígena “com” a educação infantil: uma leitura a partir das aulas de educação física escolar. *In:* MALDONADO, D. T.; FARIAS, U. de S.; NOGUEIRA, V. A. (org.). **Linguagens na educação física escolar: diferentes formas de ler o mundo.** Curitiba: CRV, 2021.

FREIRE, M. G. F.; VIEIRA, D. D. Reflexões sobre o currículo: das teorias tradicionais às teorias pós-críticas. *In:* VI Congresso Nacional de Educação, Fortaleza, 2019. **Anais [...].** Fortaleza: Conedu, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, M.; FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Pedagogia: diálogo e conflito.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

GANDIN, D. A posição do planejamento participativo entre as ferramentas de intervenção na Realidade Instituto Latino-americano de Planejamento Participativo. **Currículo sem Fronteiras**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 81-95, jan./jun. 2001.

GARIGLIO, J. A. **Fazeres e saberes pedagógicos de professores de Educação Física.** Ijuí: Editora Unijuí, 2013.

GOMES, N. L. (org.). **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GOMES, N. L. Fala de abertura. *In:* **XXII CONBRACE e IX CONICE.** Evento on-line. Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte, Belo Horizonte, 2021.

GOMES, N. L. Movimento negro educador: questões para a educação física e as ciências do esporte. *In:* VAGO, T. M.; LARA, L. M.; NETO, V. M. (org.). **Educação Física e Ciências do Esporte no tempo presente: desmonte dos processos democráticos, desvalorização da ciência, da educação e ações em defesa da vida.** Maringá: EDUEM, 2021.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012.

GONÇALVES, N. Estudos Culturais e Currículo Multicultural: validando as vozes dos alunos. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 17, n. 170, jul. 2012.

GUSMÃO, N. M. M. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 107, 1999.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** 2. ed. São Paulo: Editora WMF: Martins Fontes, 2017.

IMBELLONI, A. C. P. **A água e seus lugares: uma experiência de percepção junto à Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima.** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso

(Geografia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

ITABORAHY, N. Z. Conflitos e resistências territoriais na Comunidade Quilombola de São Pedro de cima: primeiras impressões. *In: XXI Encontro nacional de geografia agrária*, 2012, Uberlândia. **Resumos** [...]. Uberlândia: UFU, 2012.

KUNZ, E. A imprescindível necessidade pedagógica do professor: o método de ensino. **Revista Motrivivência**, [s. l.], ano XI, n. 13, nov. 1999.

KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudanças**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2012.

LEITE, I. B. Humanidades insurgentes: conflitos e criminalização dos quilombos. *In: ALMEIDA, A. W. B. (org.) et al. Territórios Quilombolas e conflitos*. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia: UEA Edições, 2010. (Caderno de Debater Nova Cartografia Social, v. 1, n. 2).

LIMA, I. T. G. de; BRASILEIRO, L. T. A cultura afro-brasileira e a educação física: um retrato da produção do conhecimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, p. 2-13, 2020.

LOPES, A. C. Teoria pós-crítica, política e currículo. **Educação, Sociedade e Culturas**, Porto, n. 39, p. 7-23, 2013.

MALAQUIAS, C. M. F. **A história da Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima e seu processo de certificação**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Serviço Social) – Universidade Estadual de Minas Gerais, Carangola, 2021.

MALDONADO, D. T.; NEIRA, M. G. O lugar da cultura negra, afro-brasileira e indígena nas aulas de Educação Física. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 3, p. 19-25, set./dez. 2021.

MAROUN, K. Jongo e educação física escolar: tecendo caminhos para o (re)conhecimento de Comunidades Quilombolas no ensino básico. *Cadernos de Formação RBCE*, [s. l.], p. 94-105, mar. 2019.

MAROUN, K. **Jongo e educação: a construção de uma identidade Quilombola a partir de saberes étnicos-culturais do corpo**. 2013. Tese (Doutora em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MENEZES, M. L. P.; MORAIS, V. de C.; LEOPOLDO, D. F. Ecomuseu da Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima. *IN: XI Congresso Iberoamericano de Extension Universitaria*, 2011, Santa Fé, Argentina. **Anais** [...]. Santa Fé: Congresso Iberoamericano, 2011.

MINAS GERAIS. Currículo Básico Comum do Ensino Fundamental: Educação Física. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Educação, 2014.

MOURA, C. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Editora Dandara, 2022.

MUNANGA, K. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 56-63, dez./fev. 95/96.

NASCIMENTO J. K. do. Planejamento participativo: uma possibilidade para superação do afastamento dos estudantes das práticas corporais nas aulas de Educação Física. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

NEIRA, M. G Teorias pós-críticas da educação: subsídios para o debate curricular da Educação Física. **Dialogia**, São Paulo, n. 14, p. 195-206, 2011.

NOBREGA, C. C. dos S. Narrativas Quilombolas na educação física escolar: combatendo o epistemicídio. IN: MALDONADO, D. T.; FARIAS, U. de S.; NOGUEIRA, V. A. (org.). **Linguagens na educação física escolar: diferentes formas de ler o mundo**. Curitiba: CRV, 2021.

NOGUEIRA V. A. **O planejamento participativo na educação física escolar: relatando a construção de projetos**. Viçosa: Coeducar, 2016

OLIVEIRA I. A. Alteridade e ética na pesquisa. IN: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. **Ética e pesquisa em Educação: subsídios**. Rio de Janeiro: ANPed, 2019.

OLIVEIRA, A. A. N. **Entre o rio e o mar: práticas corporais e cotidiano na Comunidade Quilombola do Cumbe**. 2018. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federla de Brasília, Brasília, 2018.

ORSI, T. O. Estratégias territoriais contemporâneas de uma Comunidade remanescente de quilombo: análise de um agroecossistema em transição agroecológica – São Pedro de Cima, Divino-MG. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. 22ª ed. São Paulo: Campanhia das Letras, 2019

SANTOS K. S. dos. Planejamento participativo: a prática das aulas de Educação Física no Desenvolvimento Escolar. Brasília, DF: 2014.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, G. M. **Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território Quilombola de Conceição das Crioulas**. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SILVA L. H. A sistematização dos conhecimentos da cultura corporal no componente curricular educação física na rede municipal de Goiana-PE. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Universidade de Pernambuco, 2020.

SILVEIRA G. C. F. DA; PINTO J. F. Educação física na perspectiva da cultura corporal: uma proposta pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s. l.], v. 22, n. 3, p. 137-150, maio 2001.

SOTERO, M.; Dança e/na educação física escolar: superação pessoal e combate ao preconceito. IN: VENÂNCIO, L.; NOBREGA, C. C. dos S. (org.). **Mulheres negras**: professores de educação física. Curitiba: CRV, 2020.

SOUZA, B. O. **Aquilombar-se**: panorama histórico, identitário e político do movimento Quilombola brasileiro. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SOUZA, S. M. *et al.* Transformação de uma Comunidade negra: desenvolvimento econômico e socioambiental de uma Comunidade Quilombola. **Observatorio Geografico America-Latina**. Universidade Federal de Juiz de Fora, [20--].

SOUZA, T. G.; LARA, L. M. O estado da arte de Comunidades Quilombolas no Paraná: produção de conhecimento e práticas corporais recorrentes. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 22, n. 4, p. 555-568, 2011.

TEIXEIRA, T. B. **Tecendo trajetórias identitárias**: Universidade Federal de Juiz de Fora em interação com a Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

VAGO, T. M. Impactos da pandemia na cultural corporal. Participação no IV encontro estadual do CBCD-RJ. Evento on-line, julho, 2021. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Fm3h1rPJb_A&t=1593s. Acesso em: 17 set. 2021.

VAGO, T. M. Por que Educação Física? Comentários para pensar o trabalho de professores/as em escolas. IN: MORENO, A. (org.) *et. al* Corpo e ginástica na história: métodos, sujeitos, instituições e manuais. Campinas: Mercado das Letras, 2022.

VAGO, T. M. Uma polifonia da educação física para o dia que nascerá: sonhar mais, crer no improvável, desejar coisas bonitas que não existem e alargar fronteiras. **Revista Pensar a Prática**, Goiás, v. 25, 2022.

VENÂNCIO, L.; NOBREGA, C. C. dos S. (org.). **Mulheres negras**: professores de educação física. Curitiba: CRV, 2020.

ANEXO 1 – Carta de Anuência Institucional

Prezada direção da Escola Estadual Doutor Pedro Paulo Neto,

O Mestrando Diógenes Narciso de Freitas Costa, do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais realiza uma pesquisa intitulada “EDUCAÇÃO FÍSICA EM DIÁLOGO COM QUILOMBOLAS DE DIVINO (MG): Expandindo fronteiras do conhecimento na escola.” sob orientação do pesquisador da EEEFTO-UFMG, Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago.

A pesquisa tem por objetivo (re)conhecer, acolher e vivenciar a cultura, os saberes e as práticas corporais dos remanescentes de Quilombolas da Comunidade de São Pedro de Cima, na cidade de Divino (MG), tomando-as como fonte para o programa de ensino de Educação Física da Escola Estadual Doutor Pedro Paulo Neto.

A investigação será desenvolvida no decorrer do ano de 2022, com o registro de algumas aulas de Educação Física do professor. Serão realizadas conversas, observações, fotografias e filmagens durante as aulas. Todo o material recolhido como registro da pesquisa ficará guardado em um computador com o professor/pesquisador e será usado apenas nas análises do estudo. As imagens e áudios captados durante as aulas serão utilizados para a produção do trabalho final do curso de Mestrado e, posteriormente, em reuniões, congressos, simpósios, seminários e em futuras publicações em livros, periódicos ou revistas, sendo que nenhuma informação relativa à identificação dos(as) alunos(as) será revelada.

Esclarecemos que não há riscos para os alunos e não haverá nenhuma mudança na rotina de aula dos mesmos. Não haverá auxílio financeiro aos voluntários, tampouco benefícios de qualquer natureza para participação no estudo. Todas as despesas relacionadas serão arcadas pelos responsáveis desta investigação. Vossa instituição estará livre em qualquer fase da pesquisa para se recusar a participar ou para retirar sua anuência, sem prejuízos adicionais para a mesma. Qualquer dúvida, favor entrar em contato através do e-mail: dioedufisica@hotmail.com e/ou pelo telefone (32) 99984-3282 ou através do e-mail: tmvago@gmail.com e/ou pelo telefone (31) 99305-1312.

Antecipamos agradecimentos

Diógenes Narciso de Freitas Costa – Mestrando

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago – Orientador da pesquisa

ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pais e/ou responsáveis)

Senhores pais ou responsáveis,

Seu/sua filho/a (ou menor sob sua responsabilidade) está sendo convidado a participar da pesquisa de Mestrado intitulada “EDUCAÇÃO FÍSICA EM DIÁLOGO COM QUILOMBOLAS DE DIVINO (MG): Expandindo fronteiras do conhecimento na escola.”, a ser realizada na Escola Estadual Doutor Pedro Paulo Neto, sob responsabilidade dos pesquisadores: Professor Dr. Tarcísio Mauro Vago (orientador) e pelo professor de Educação Física Diógenes Narciso de Freitas Costa (mestrando).

O objetivo da pesquisa é (re) conhecer, acolher e vivenciar a cultura, os saberes e as práticas corporais dos remanescentes de Quilombolas da Comunidade de São Pedro de Cima, na cidade de Divino (MG), tomando-as como fonte para o programa de ensino de Educação Física da Escola Estadual Doutor Pedro Paulo Neto.

Para a realização dessa pesquisa, serão analisadas algumas aulas de Educação Física da turma do/da seu/sua filho/filha, análise essa que será feita pelo próprio professor da turma. As aulas serão desenvolvidas, analisadas e relatadas, utilizando: observações, conversas, fotografias e vídeos. Todo o material recolhido como registro da pesquisa ficará guardado em um computador sobre responsabilidade do pesquisador por 5 anos e será usado apenas nas análises do estudo. As imagens e áudios captados durante as aulas serão utilizados para a produção do trabalho final do curso de Mestrado e, posteriormente, em reuniões, congressos, simpósios, seminários e em futuras publicações em livros, periódicos ou revistas, sendo que nenhuma informação relativa à identificação dos(as) alunos(as) será revelada.

Você e o menor sob sua responsabilidade receberão outro termo: (Termo de Cessão de Uso de Imagem), nele, vocês autorizarão ou não, o registro e o uso das fotografias e vídeos, durante as aulas de Educação Física, no período de realização da pesquisa.

A participação do estudante na pesquisa é gratuita e voluntária. O estudante não obterá nenhuma vantagem ou prejuízo financeiro, ou sofrerá penalidade ao se ausentar ou interromper a participação na pesquisa.

A metodologia e procedimentos a serem utilizados para esta coleta de informações e imagens indicam para riscos, podendo surgir desconfortos tais como: aversão a fotos ou vídeos.

Caso o estudante venha a sentir algum constrangimento ou algo dentro desses padrões ou outros não mencionados, deverá comunicar imediatamente ao professor/pesquisador, que seguirá a seguinte conduta: será dada ao estudante a possibilidade de continuar participando da pesquisa, sem que sejam feitos registros fotográficos ou filmagens do mesmo, durante uma ou mais aulas ou até mesmo de todas as aulas, nesse caso, será cancelado o Termo de Cessão do Uso de Imagem. Também será dada a possibilidade de que o estudante desista da participação total na pesquisa, sendo eliminados todos os registros anteriormente coletados sejam em diálogos, fotografias ou vídeos.

O estudante está livre para não participar, ou a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa, sem que isso ocasione qualquer penalidade a ele, quanto a ser tratado diferente dos demais ou tenha conceito abaixo da média na etapa. De forma alguma será alterada a relação professor e aluno, principalmente em caso de recusa e desistência da participação na pesquisa. É preciso que fique claro, que os estudantes que optarem por não participar da pesquisa não terão suas conversas registradas, não serão fotografados e também não serão filmados, mas deverão participar das aulas da mesma forma. Não participar da pesquisa não significa não participar das aulas.

Você e o estudante não terão nenhuma despesa ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa.

Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações para melhorar as aulas de Educação Física na escola e as aprendizagens dos estudantes, acolhendo e reconhecendo a

cultura da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de Divino e ampliando suas experimentações, suas vivências através dos movimentos em diferentes práticas corporais.

Você poderá consultar o pesquisador responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida. Em caso de dúvidas éticas, o Comitê de Ética em Pesquisa – UFMG poderá ser contatado pelo telefone ou endereço expresso no final desse documento.

Informamos que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.”

Diante das explicações, se você está esclarecido, consente livremente e concorda que seu (sua) filho (a) (ou menor sob sua responsabilidade) participe da pesquisa, forneça os dados solicitados e assine a seguir.

Pai/responsável:

Eu, _____ li e compreendi as informações fornecidas acerca dos procedimentos da pesquisa. Por estar de acordo com as condições do estudo, como descritas, assumo a participação do/a meu/minha filho/a (ou menor sob sua responsabilidade) _____ na pesquisa “EDUCAÇÃO FÍSICA EM DIÁLOGO COM QUILOMBOLAS DE DIVINO (MG): Expandindo fronteiras do conhecimento na escola.” e compreendo que posso retirar meu consentimento e interrompê-lo a qualquer momento, sem penalidade ou perda de benefício. Ao assinar este termo, não estou desistindo de quaisquer direitos meus. Uma via deste termo me foi dada.

Divino , _____ de _____ de 2022

Pai e/ou responsável

Pesquisador responsável

ANEXO 3 – Termo de Cessão de Uso de Imagem (pais e/ou responsáveis)

Eu, _____, portador (a) da Cédula de Identidade RG nº _____, inscrito (a) no CPF sob nº _____, residente à Rua _____, nº _____, Divino-MG, nascido em ____/____/____, **autorizo a coleta e uso das imagens**, do estudante _____ (menor sob minha responsabilidade), nascido em ____/____/____, **em todo e qualquer material fotográfico e em vídeos**, em todo território nacional e no exterior, sob qualquer forma e meios, sejam eles impressos, ou digitais e em toda e qualquer mídia, **registradas durante a pesquisa**: “EDUCAÇÃO FÍSICA EM DIÁLOGO COM QUILOMBOLAS DE DIVINO (MG): Expandindo fronteiras do conhecimento na escola.” sob responsabilidade dos pesquisadores: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago (Orientador), inscrito no CPF sob nº 695.949.707-82, endereço profissional: Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Presidente Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte – MG, Tel. (31)3409-4567 e Prof. Diógenes Narciso de Freitas Costa (Mestrando) inscrito no CPF: 085.794.136-48. Endereço profissional: Escola Estadual Dr. Pedro Paulo Neto. Rua Atratino Vitor de Oliveira, 243 – Bairro Givisiez, Divino - MG, 36820-000. Tel.: (32) 3743-1489.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso das imagens do estudante, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à sua imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Divino, ____ de ____ de 2022.

Pai e/ou responsável

Pesquisador responsável

OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador

ANEXO 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (membros da Comunidade de remanescentes de Quilombolas)

Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa de Mestrado intitulada “EDUCAÇÃO FÍSICA EM DIÁLOGO COM QUILOMBOLAS DE DIVINO (MG): Expandindo fronteiras do conhecimento na escola.”, a ser realizada na escola Estadual Doutor Pedro Paulo Neto, sob responsabilidade dos pesquisadores: Professor Dr. Tarcísio Mauro Vago (orientador) e pelo professor de Educação Física Diógenes Narciso de Freitas Costa (mestrando).

O objetivo da pesquisa é (re) conhecer, acolher e vivenciar a cultura, os saberes e as práticas corporais dos remanescentes de Quilombolas da Comunidade de São Pedro de Cima, na cidade de Divino (MG), tomando-as como fonte para o programa de ensino de Educação Física da Escola Estadual Doutor Pedro Paulo Neto.

O estudo será realizado durante as aulas de Educação Física na escola Estadual Doutor Pedro Paulo Neto, através da observação e registros dos acontecimentos das aulas, com a possibilidade de algumas visitas a Comunidade de remanescentes de Quilombolas que você faz parte e também de algumas entrevistas individuais.

Você receberá outro termo: (Termo de Cessão de Uso de Imagem), nele, você autorizará ou não, o registro e o uso das fotografias e vídeos, durante as aulas de Educação Física, visitas a Comunidade diálogos e/ou entrevistas no período de realização da pesquisa.

A sua participação na pesquisa é gratuita e voluntária. Você não obterá nenhuma vantagem ou prejuízo financeiro. A metodologia e procedimentos a serem utilizados para esta coleta de informações e imagens indicam para riscos, podendo surgir desconfortos tais como: aversão a fotos ou vídeos e/ou constrangimentos perante algumas questões abordadas nos diálogos e/ou entrevistas.

Caso venha a sentir algum constrangimento ou algo dentro desses padrões ou outros não mencionados, deverá comunicar imediatamente ao professor/pesquisador, que seguirá a seguinte conduta: será dada ao participante a possibilidade de continuar participando da pesquisa, sem que sejam feitos registros fotográficos ou filmagens do mesmo, nesse caso, será cancelado o Termo de Cessão do Uso de Imagem. E também será dada a possibilidade de que o participante desista da participação total na pesquisa, sendo eliminados todos os registros anteriormente coletados sejam em diálogos, fotografias ou vídeos.

Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações para melhorar as aulas de Educação Física na escola e as aprendizagens dos estudantes, reconhecendo, acolhendo e vivenciando a cultura e as práticas corporais da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de Divino (MG).

Você poderá consultar o pesquisador responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida. Ressaltamos que você será informado de todos os resultados obtidos, independentemente do fato de estes poderem mudar seu consentimento em participar da pesquisa. Você não terá quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa.

Diante das explicações, se você está esclarecido, consente livremente e concorda em participar da pesquisa, forneça os dados solicitados e assine a seguir.

Eu, _____,

RG _____, li e compreendi as informações fornecidas acerca dos procedimentos da pesquisa. Por estar de acordo com as condições do estudo, como descritas, assumo a minha participação na pesquisa “EDUCAÇÃO FÍSICA EM DIÁLOGO COM QUILOMBOLAS DE DIVINO (MG): Expandindo fronteiras do conhecimento na escola.” e compreendo que posso retirar meu consentimento e interrompê-lo a qualquer momento, sem penalidade ou perda de

benefício. Ao assinar este termo, não estou desistindo de quaisquer direitos meus. Uma via deste termo me foi dada.

Divino , _____ de _____ de 2022

Membro da Comunidade de remanescentes de Quilombolas (Participante da pesquisa).

Pesquisador responsável

ANEXO 5 – Termo de cessão de uso de imagem (membros da Comunidade de remanescentes de Quilombolas)

Eu, _____, portador (a) da Cédula de Identidade RG nº _____, inscrito (a) no CPF sob nº _____, residente à Rua _____, nº _____, Divino-MG, nascido em ____/____/____, **autorizo a coleta e uso das minhas imagens em todo e qualquer material fotográfico e em vídeos**, em todo território nacional e no exterior, sob qualquer forma e meios, sejam eles impressos, ou digitais e em toda e qualquer mídia, **registradas durante a pesquisa: “EDUCAÇÃO FÍSICA EM DIÁLOGO COM QUILOMBOLAS DE DIVINO (MG): Expandindo fronteiras do conhecimento na escola.”** sob responsabilidade dos pesquisadores: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago (Orientador), inscrito no CPF sob nº 695.949.707-82, endereço profissional: Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Presidente Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte – MG, Tel. (31)3409-4567 e Prof. Diógenes Narciso de Freitas Costa (Mestrando) inscrito no CPF: 085.794.136-48. Endereço profissional: Escola Estadual Dr. Pedro Paulo Neto. Rua Atratino Vitor de Oliveira, 243 – Bairro Givisiez, Divino - MG, 36820-000. Tel.: (32) 3743-1489.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso das minhas imagens, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Divino, ____ de _____ de 2022.

Membro da Comunidade de remanescentes de Quilombolas (Participante da pesquisa).

Pesquisador responsável

OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador

ANEXO 6 – Termo de assentimento livre e esclarecido (Tale) (estudantes)

Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa de Mestrado intitulada “EDUCAÇÃO FÍSICA EM DIÁLOGO COM QUILOMBOLAS DE DIVINO (MG): Expandindo fronteiras do conhecimento na escola.”, a ser realizada na escola Estadual Doutor Pedro Paulo Neto, sob responsabilidade dos pesquisadores: Professor Dr. Tarcísio Mauro Vago (orientador) e pelo professor de Educação Física Diógenes Narciso de Freitas Costa (mestrando).

A pesquisa tem como objetivo (re) conhecer, acolher e vivenciar a cultura, os saberes e as práticas corporais dos remanescentes de Quilombolas da Comunidade de São Pedro de Cima, na cidade de Divino (MG), tomando-as como fonte para o programa de ensino de Educação Física da Escola Estadual Doutor Pedro Paulo Neto.

O estudo será realizado durante as aulas de Educação Física na escola Estadual Doutor Pedro Paulo Neto, através da observação e registros dos acontecimentos das aulas. As aulas serão desenvolvidas, analisadas e relatadas, utilizando: observações, conversas, fotografias e vídeos para relatarem com maiores detalhes as dinâmicas das aulas.

Você e seus pais (ou responsáveis legais) receberão outro termo: (Termo de Cessão de Uso de Imagem), nele, vocês autorizarão ou não, o registro e o uso das fotografias e vídeos durante as aulas de Educação Física durante a realização da pesquisa.

A pesquisa apresenta riscos, podendo surgir desconfortos tais como: aversão a fotos ou vídeos. Ou também a sensação de obrigação de participação na pesquisa para aprovação na etapa no componente curricular Educação Física ou para não desagradar o professor.

Caso você venha a sentir algum constrangimento ou algo dentro desses padrões, ou outros não mencionados, deverá comunicar imediatamente ao pesquisador, que seguirá a seguinte conduta: será dada a você a possibilidade de continuar participando da pesquisa, sem que sejam feitos registros fotográficos ou filmagens suas, durante uma ou mais aulas ou até mesmo de todas as aulas, nesse caso será cancelado o Termo de Cessão do Uso de Imagem. E também será dada a possibilidade de que você desista da participação total na pesquisa, sendo eliminados todos os registros anteriormente coletados sejam em diálogos, fotografias ou vídeos.

Você não terá nenhuma recompensa ou prejuízo por participar ou não da pesquisa. Não terá sua avaliação na etapa (conceito) influenciada por participar ou não, da pesquisa. De forma alguma será alterada a relação professor e aluno, principalmente em caso de recusa e desistência da participação na pesquisa. A participação na pesquisa é gratuita e voluntária. Você não obterá nenhuma vantagem ou prejuízo financeiro, ou sofrerá penalidades ao se ausentar ou interromper a participação na pesquisa.

A proposta da elaboração da unidade didática, valorizando e visibilizando a cultura da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de São Pedro de Cima, localizada na cidade de Divino faz parte do planejamento de ensino da disciplina. Não haverá diferenças entre as atividades das aulas de Educação Física de quem participa e de quem não participa da pesquisa. É preciso que fique claro, que se você optar por não participar da pesquisa, não terá suas conversas registradas, não será fotografado e também não será filmado, mas deverá participar das aulas da mesma forma que os demais estudantes.

O que gera a avaliação e a “nota” final do estudante na etapa será a participação nas aulas e não na pesquisa. Portanto, participar da pesquisa significa contribuir com a mesma, autorizando os relatos dos acontecimentos do estudante durante as aulas. É possível que um estudante esteja participando da pesquisa e não participe de uma ou mais aulas, ou até mesmo de todas as aulas. Como também é possível que um estudante não participe da pesquisa e participe de todas as aulas. Seja qual for o motivo apresentado pelos estudantes para não realização da aula não serão realizadas atividades diferentes para nenhum estudante.

Os seus pais (ou responsáveis legais) autorizaram você a participar desta pesquisa. Você está livre para participar ou não. Caso inicialmente você deseje participar, posteriormente, você também está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa. De forma alguma você será punido por isso, e terá suas imagens, conversas e relatos excluídos do banco de imagens. O responsável por você também poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento.

Você não terá nenhum custo ao participar da pesquisa e poderá consultar o pesquisador responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida. Você não terá quaisquer benefícios ou direitos financeiros por participar da pesquisa e nem sobre seus eventuais resultados.

Todas as informações por você fornecidas e os resultados obtidos serão mantidos em sigilo, e somente serão utilizados para divulgação em reuniões congressos, simpósios, seminários e na elaboração da dissertação do Mestrado e futuras publicações em livros, periódicos ou revistas. Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações para melhorar as aulas de Educação Física na escola e as aprendizagens dos estudantes, acolhendo e reconhecendo a cultura da Comunidade de remanescentes de Quilombolas de Divino e ampliando suas experimentações, suas vivências através dos movimentos em diferentes práticas corporais.

Caso você concorde em participar da pesquisa, pedimos que preencha o termo abaixo e assine este documento.

Eu, _____,

RG _____, declaro que fui consultado (a) pelo pesquisador/professor: Diógenes Narciso de Freitas Costa e respondo positivamente à sua demanda de realizar a coleta de informações, conforme explicado. Serei um voluntário, não terei, nem prejuízos e nem benefícios financeiros por participar. Terei liberdade para desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. Entendi que as atividades durante as aulas de educação física são as mesmas para quem participará ou não da pesquisa. Entendi também que aqueles que participarão da pesquisa, permitirão o registro das conversas e relações que acontecerão nas aulas e que a autorização para registros em vídeos ou fotografias serão concedidos em outro documento. Sei também que não terei uma avaliação melhor ou pior na etapa por estar participando da pesquisa. Entendi as informações fornecidas pelo pesquisador, e estou esclarecido (a) para participar da pesquisa e registro meu livre consentimento.

Divino, ____ de _____ de 2022.

Estudante (Participante da pesquisa)

Pesquisador responsável

OBS.: Esse termo apresenta **duas vias**, uma destinada ao estudante e a outra ao pesquisador.

ANEXO 7 – Termo de cessão de uso de imagem (estudantes)

Eu, _____, portador (a) da Cédula de Identidade RG nº _____, inscrito (a) no CPF sob nº _____, residente à Rua _____, nº _____, Divino-MG, nascido em ____/____/____, **autorizo a coleta e uso das minhas imagens em todo e qualquer material fotográfico e em vídeos**, em todo território nacional e no exterior, sob qualquer forma e meios, sejam eles impressos, ou digitais e em toda e qualquer mídia, **registradas durante a pesquisa: “EDUCAÇÃO FÍSICA EM DIÁLOGO COM QUILOMBOLAS DE DIVINO (MG): Expandindo fronteiras do conhecimento na escola.”** sob responsabilidade dos pesquisadores: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago (Orientador), inscrito no CPF sob nº 695.949.707-82, endereço profissional: Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Presidente Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte – MG, Tel. (31)3409-4567 e Prof. Diógenes Narciso de Freitas Costa (Mestrando) inscrito no CPF: 085.794.136-48. Endereço profissional: Escola Estadual Dr. Pedro Paulo Neto. Rua Atratino Vitor de Oliveira, 243 – Bairro Givisiez, Divino - MG, 36820-000. Tel.: (32) 3743-1489.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso das minhas imagens, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Divino, ____ de _____ de 2022.

Estudante (Participante da pesquisa).

Pesquisador responsável

OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador

ANEXO 8 – Foto da certidão de auto-reconhecimento da Comunidade de remanescente de Quilombolas de São Pedro de Cima



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
 Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, **CERTIFICA** que a **Comunidade São Pedro de Cima**, localizada no município de Divino, Estado de Minas Gerais, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 006, Registro n. 656, fl. 166, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.**

Declarante(s):

Antônio Dórico Braga – CPF/MF nº 282.139.396-20
 Silvânio Ferreira de Paulo – CPF/MF nº 674.889.356-91
 Elzelená Braga – CPF/MF nº 123.737.897-44
 Salvador Januário Braga – CPF/MF nº 037.309.586-40
 Glaucilene Aparecida da Silva Pereira – CPF/MF nº 092.046.546-35

Eu, **Maria Bernadete Lopes da Silva** (Ass.)....., Diretora da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei a extrai. Brasília, DF, **11 de julho de 2006.**

O referido é verdade e dou fé

UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO
Presidente da Fundação Cultural Palmares

SBN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP: 70040-904 – Brasília – DF – Brasil
 Fone: (0 XX 61) 3424-0106(0 XX 61) 3424-0137 – Fax: (0 XX 61) 3326-0242
 E-mail: chefiadegabinete@palmares.gov.br <http://www.palmares.gov.br>

“A Felicidade do negro é uma felicidade guerreira” (Wally Salomão)

14/97 00220
 Associação do Movimento
 Cultural Negro "AVURA"
 Av. Henrique Givisiez, 71 - Givisiez
 DIVINO — MINAS GERAIS